

LUCILIA TEODORA VILLELA DE LEITGEB LOURENÇO

**TRADUZINDO O INTRADUZÍVEL:
ESTUDO DE DUAS TRADUÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA DE
BELOVED, DE TONI MORRISON**

**PORTO ALEGRE
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE ESTUDOS DE LITERATURA
ESPECIALIDADE: LITERATURA COMPARADA
LINHA DE PESQUISA: RELAÇÕES INTERLITERÁRIAS E TRADUÇÃO**

**TRADUZINDO O INTRADUZÍVEL:
ESTUDO DE DUAS TRADUÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA DE
BELOVED, DE TONI MORRISON**

**LUCILIA TEODORA VILLELA DE LEITGEB LOURENÇO
ORIENTADORA: PROF. DR. LÚCIA SÁ REBELLO**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Literatura Comparada

**PORTO ALEGRE
2014**

CIP - Catalogação na Publicação

Lourenço, Lucília

Traduzindo o Intraduzível: Estudo de Duas Traduções em Língua Portuguesa de Beloved, de Toni Morrison/ Lucília Lourenço. -- 2014.

99 f.

Orientadora: Lúcia Sá Rebello.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Literatura Comparada. 2. Literatura Afro-Americana. 3. Black English. 4. Toni Morrison. I. Rebello, Lúcia, orient. II. Título.

Os feitos mais interessantes nos estudos da tradução contemporâneos provêm de culturas em fase de desenvolvimento pós-colonial, as quais levam a uma reavaliação dos cânones de excelência baseados nos modelos europeus (LEFEVERE, 1998, p. 10)

*Aos amados, mamãe e Richard,
E aos falantes do Black English*

AGRADECIMENTOS

- À Professora Lúcia Sá Rebello, pela postura firme e competente com que orientou este trabalho, pelo carinho e reconhecimento demonstrados, pela convivência e pela amizade.
- À Professora Sara Viola Rodrigues, pelas aulas esclarecedoras, pelo estímulo, paciência, desde o primeiro momento, pelo apoio fundamental, pondo à minha disposição sua biblioteca e seus conhecimentos na área de tradução, imprescindíveis para a conclusão deste trabalho e por muito mais coisas pelas quais serei sempre grata.
- Às professoras Elizamari Rodrigues Beker e Dr^a Tatiana Antonia Selva Pereira, pelas orientações seguras durante o Exame de Qualificação.
- Ao PPG-Letras da UFRGS, em especial, aos Professores Rita Therezinha Shimidt, Jane Tutikian, e Michel Korfmann, pela compreensão e apoio.
- Ao Professor Valdir do Nascimento Flores, pela amizade, pelos conselhos e principalmente pela alegria.
- Ao Professor Dr. Gilberto Arruda, ex-Reitor da UEMS, pelo incentivo e vontade política em viabilizar aos docentes de Letras o acesso ao Programa de Doutorado DINTER NOVAS FRONTEIRAS/UFRGS/UEMS.
- Ao Professor Paulo Nolasco pelo incentivo, amizade apoio.
- Ao Professor Neurivaldo Campos Junior, pelo incentivo, apoio e atenção e pela disponibilização de sua biblioteca de tradução.
- À amiga e colega Professora Adma Christina Sales de Oliveira, pelas palavras de estímulo em todos os momentos.
- A todos que, de uma forma ou de outra, estiveram comigo nesta caminhada, ajudando a enriquecê-la e mostrando que o ensino e a pesquisa valem a pena.

RESUMO

Este estudo analisa duas traduções em língua portuguesa da *Beloved*, de autoria de Toni Morrison, em Português do Brasil, uma de Evelyn Kay Massaro (1994), outra de José Rubens Siqueira (2007). Enfatiza as diferenças e/ou semelhanças entre ambas, a partir de um levantamento preliminar das características do dialeto *Black English Vernacular*, empregado pela autora, e as respectivas traduções desse dialeto. A comparação do original com as duas traduções processou-se com base em postulados teórico-críticos da Literatura Comparada e dos Estudos de Tradução. Em um primeiro momento, examinam-se seleções específicas do uso das formas do *Black English Vernacular* em detalhes, a fim de verificar a eficiência neste aspecto em ambas as traduções em Português e mostrar os recursos usados pelos tradutores e os resultados obtidos. Após, emite-se nosso ponto de vista sobre a análise mencionada anteriormente, tentando formular uma hipótese geral sobre os fenômenos observados com reflexões sobre os problemas envolvidos na tradução de dialetos.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Literatura Afro-Americana. *Black English*, Toni Morrison.

ABSTRACT

This paper analyses two Portuguese translations of *Beloved* by Toni Morrison into Brazilian Portuguese, made by Evelyn Kay Massaro (1994) and other by José Rubem Siqueira (2007). It emphasizes the differences and/or similarities between them, based on a preliminary investigation whose main focus was the use of Black English Vernacular used by the author and their respective translations. The comparison of the original work with its translations was based on theoretical and critical postulates of Comparative Literature and Translation Studies. At first, specific excerpts of the use of Black English Vernacular forms in the text were selected and examined in detail, in order to establish the efficiency of this aspect in both Portuguese translations and to show the resources used by the translators and the results achieved. In second place, this work presents our point of view about the afore mentioned analysis, trying to formulate a general hypothesis for the observed phenomena. It raises questions about the literary dialects and the problems involved in their translation.

Key-words: Comparative Literature. Afro-American Literature. Black English Vernacular. Toni Morrison.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 LITERATURA COMPARADA E OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....	12
1.1 Literatura Comparada	12
1.2 Tradução: Introdução e Percurso Histórico	20
1.3 Os Romanos e a Tradução Pelo Sentido.....	22
1.4 A Tradução na Idade Média: a Bíblia, a Educação e a Linguagem Popular.....	23
1.5 Tradução: Fidelidade ou Liberdade Irrestrita?	27
1.6 Teorias da Tradução no Século XX.....	29
1.7 Traduzir Transportando Sentidos.....	33
1.8 Traduzir Recriando Sentidos	40
2 TONI MORRISON, O MOVIMENTO PELOS DIREITOS CIVIS E O <i>EBONICS</i>	55
2.1 Toni Morrison e a Literatura <i>Afro-American</i>	55
2.2 <i>American Vernacular English</i> : Visada Histórica e Movimento Pelos Direitos Cívicos.....	60
2.3 Características do <i>Ebonics</i>	63
3 O CONFRONTO DE DUAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE <i>BELOVED</i>	67
3.1 Traduções em Confronto: Resultados em Análise	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de Literatura Comparada que propõe um diálogo com os Estudos da Tradução e com a Linguística. O objeto da análise são duas traduções em língua portuguesa do Brasil de *Beloved*, de Toni Morrison; a primeira, desenvolvida por Evelyn Kay Massaro (1994), outra de José Rubens Siqueira (1998).

A escolha dessa autora se justifica por ser expoente da literatura de margem que se tornou cânone com o agraciamento do Prêmio Nobel de Literatura em 1993. O romance histórico *Beloved*, por sua vez, foi merecedor do Prêmio Pulitzer em 1988, além de ser considerado pelo New York Times em 2006 como a melhor ficção dos últimos vinte e cinco anos.

A poética de Toni Morrison chama a atenção para a questão da escravidão e é permeada com o dialeto *Black English*. Observando-se as traduções de *Beloved*, constata-se que aquilo que é expresso no texto fonte exhibe diferenças nas traduções no texto alvo em língua portuguesa, com raras omissões dos tradutores. O cerne desta investigação está estribado, portanto, na análise das opções dos tradutores com relação ao dialeto *Ebonics*.

Tendo em vista minhas atividades docentes como professora de língua e literaturas de língua inglesa, pude constatar que os estudos comparados abrangeriam estudos dessa natureza, de caráter interdisciplinar.

Esclarecido o objeto de análise, cabe explicitar como se organizou este estudo. O âmago da investigação centra-se nos capítulos 2 e 3.

No primeiro capítulo, apresenta-se o lugar que os estudos da tradução ocupam no âmbito da Literatura Comparada. Os estudos da tradução são retomados historicamente e, por fim, apresentam-se as principais teorias da tradução, demonstrando-se a existência de duas correntes teóricas: *traduzir é transportar sentido e traduzir é recriar sentido*.

Na contemporaneidade, a tradução não deve ser entendida como uma mera transferência de código linguístico, mas como uma transposição integral, levando-se em consideração o contexto da cultura, da percepção de mundo, principalmente no caso do *African American Vernacular English*, falado nos Estados Unidos como meio de comunicação intra-étnica. O tradutor está diante de uma variedade linguística viva, usada dialogicamente na poética morrisoniana. Neste estudo, não se adota apenas uma teoria, mas todas as que são apresentadas têm sua relevância.

O segundo capítulo centra-se na importância de Toni Morrison como escritora contemporânea, o uso do dialeto e suas características.

No terceiro capítulo, faz-se o confronto do original inglês com as duas traduções de *Amada*, de Massaro e a de Siqueira, enfatizando-se as diferenças e/ou as semelhanças entre ambas, a partir de um levantamento preliminar, no qual se priorizou o uso do dialeto *Ebonics* no romance e suas traduções. Procurou-se analisar os recursos utilizados pelos tradutores e os resultados da tradução. *A posteriori*, explicita-se nosso ponto de vista sobre a referida análise, tentando levantar hipóteses para os fenômenos tradutórios observados.

1 LITERATURA COMPARADA E OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A primeira breve discussão que se impõe neste estudo diz respeito às relações entre Literatura Comparada e Estudos da Tradução. Para tal fim, trataremos brevemente das origens e das características da Literatura Comparada e sua relação com a tradução. Em seguida, apresentaremos o histórico das teorias da tradução e discutiremos o ato de traduzir e o transporte de sentidos. Por fim, serão abordadas as reflexões dos teóricos acerca dos conceitos de reescritura, transcrição, domesticação ou estrangeirização.

1.1 Literatura Comparada

Conforme se verifica em Armando Gnisci (2002), a Literatura Comparada é uma disciplina que concebe e trata a literatura/ literaturas como fenômenos culturais mundiais. De acordo com seu ponto de vista, as literaturas nacionais consistiam em uma comprovação filológica aliada à organização dos documentos literários dentro da narração da história cultural de um país, de forma que as histórias universais deveriam confrontar diferenças existentes entre as várias línguas nacionais. A existência de duas literaturas era o requisito para se iniciar o processo comparativo, com o objetivo de admirar seus méritos em bases empíricas.

Segundo o autor, a literatura/literaturas e o discurso literário que as compara nos encaminham à compreensão do “mundo dos mundos”, dos que conduzem a palavra comum através da qual nos encaminham novamente a vários mundos dos mundos que por si subsistem (GNISCI, 2002, p. 13-30).

A Literatura existe somente nas literaturas concretas que se expressam em línguas distintas. A diversidade babélica destas se encaminha até uma fluida reunião através da tradução; por sua vez é o patrimônio comum da humanidade formado pelas inumeráveis traduções que cruzam desde sempre todas as línguas e pelo poder dinâmico e futuro de transportar textos e mensagens entre os mundos (GNISCI¹, 2002, p. 10).

Podemos dizer que Literatura Comparada não compara obras literárias apenas, mas confronta línguas, culturas, histórias, tradições, teorias e práticas. O vínculo entre as literaturas distintas é mediado pela tradução, o fio condutor da palavra entre textos escritos em línguas diferentes. A tradução deve ser abordada como um processo interativo, que envolve diversos fatores como língua, literatura, cultura e discurso teórico, como um procedimento aberto e dinâmico, que interage com obras e com a história. Como facilmente se verifica, Literatura Comparada e tradução são frutos de uma mesma sementeira, interligadas em sua essência, uma esclarecendo à outra.

Armando Gnisci declara ainda que a Literatura Comparada se apresenta como um discurso comum a todas as línguas que a literatura mantém com seu público mundial dos letrados e bem como dos iletrados, para que estes possam, através dela, tornarem-se letrados. O autor ressalta a importância da troca com os alunos que o obrigam a aceitar mudanças constantes, experiências crescentes de convivência que os conduzem a vivenciar tantas outras vidas proporcionadas pela leitura pluralística da Literatura Comparada (GNISCI, 2002, p. 13-15):

A literatura comparada é uma disciplina de experiências que vão crescendo, de convivência e de coeducação: milhares de estudantes não cruzam sua vida como sombras vãs no fundo de uma caverna; são ao contrário, presença/presenças que o obrigam a mudar continuamente e a entender melhor, e às vezes a entender pela primeira vez: dezenas de pessoas conhecidas e mantidas vivas em vários mundos te fazem sentir como alguém que pode viver mais vidas juntas. Uma Poética grande e plural (GNISCI², 2002, p. 13-14).

Gnisci (2002), traça acima um paralelo metafórico entre a Literatura Comparada e a mobilidade do alunato; a Literatura Comparada é dinâmica, significativa, sem limites por

¹ As traduções do Corpo do trabalho são de minha autoria. Em notas de rodapé, foram colocados os textos originais.

La literatura sólo existe en las literaturas concretas que se expresan en lenguas distintas; la diversidad babélica de éstas se encaminha hacia una fluida reunión a través de la traducción; a su vez la traducción es el patrimonio común de la humanidad formado por las innumerables traducciones que cruzan desde siempre todas las lenguas y por el poder imparible y futuro de transportar textos y mensajes entre los mundo. (GNISCI, 2002, p. 10).

² *Para mi, la literatura comparada es esta disciplina de experiencias que va creciendo, de convivencia y de coeducación: miles de estudiantes no cruzan tu vida como sombras vanas en el fondo de la caverna; son por contrario presencia/presencias que te obligan continuamente a cambiar y a entender mejor, y as veces a entender por primera vez: decenas de personas conocidas y mantenidas vivas en varios mundos te hacen sentir como uno que puede vivir más vidas juntas. Una Poética grande y plural.* (GNISCI, 2002, p. 13-14).

princípio, mutante, mágica mediadora entre culturas, procedimento crítico que se move entre dois ou mais textos por meio da tradução.

Nesse sentido, ao referir-se à abrangência da disciplina Literatura Comparada, Claudio Guillén concebe-a como disciplina despida de limites nacionais, aberta e plural:

A Literatura Comparada é, com efeito, e antes de tudo, uma disciplina. Não reside numa certa acumulação de saberes, que, por tratar-se de uma literatura em geral, nos pareceria ilimitada inexoravelmente aberta, pouco menos que incontrolável (GUILLÉN³, 2007, p. 14).

Segundo Sandra Nitrini (1997, p. 19-20), os primórdios da Literatura Comparada se confundem com a própria história literária e sua origem remonta às literaturas greco-romanas. Bastava o fato de existirem duas literaturas para se iniciar o processo de comparação, com a finalidade de apreciação de suas virtudes.

O uso da comparação na historiografia literária da Europa data da segunda metade do século XVIII, sob o título de história “universal” da literatura. Acrescida da literatura “nacional” e da crítica literária comparada, esta compõe a área de estudos da história comparada da literatura. O decurso de um século propiciou o aperfeiçoamento da Literatura Comparada até tornar-se uma disciplina acadêmica na Europa. A nomenclatura “Literatura Comparada” é derivada de um processo metodológico aplicável às ciências, no século XIX, em que a atividade comparativa era meio para confirmação de uma hipótese.

As origens da disciplina remontam ao período de formação das nações, à mentalidade cosmopolita do século XIX, época do desenvolvimento científico e de incentivo a viagens e encontros literários entre pensadores. Mme. de Stäel, Goethe e Saint Beuve, entre outros escritores, viram a necessidade de um contato amigável com as literaturas de outros países.

Na Alemanha, a condição dos exilados políticos propiciou a aglutinação de intelectuais de diferentes países que lutavam contra o nepotismo francês e sua influência, optando destarte pelos modelos ingleses. Foi nesse espírito que a disciplina *Literature étrangère comparée* teve sua criação nas universidades francesas com Abel Villemain, Jean Jacques Ampère e Philarète Chasles em 1828, 1830 e 1835 (NITRINI, 1997, p. 20).

Como se verifica em Nitrini, a Literatura Comparada é muito próxima da questão política. “As questões da cultura e da identidade nacional eram temas de discussão em toda a Europa e a Literatura Comparada surgiu para contrapor-se às tendências de interiorizações estanques” (NITRINI, 1997, p. 22). Ao envolver mais de uma língua e sua cultura, a

³ *Literatura Comparada es en efecto y ante todo una disciplina. No reside en cierta acumulación de saberes, que, por tratarse de la literatura general, sin fronteras nacionales, se nos apareceria entonces como ilimitada, inexorablemente abierta, poco menos que incontrolable.* (GUILLÉN, 2007, p.14).

Literatura Comparada exerce uma atuação política e transformadora, quebrando a tradição do objeto de estudo de um único viés literário.

Nos primórdios da Literatura Comparada, o conceito de influência de pensamento sobre pensamento era um instrumento teórico fundamental, usado até a década de 1950. Polêmica por excelência, a Literatura Comparada provocou debates sobre sua especificidade e método sem chegar a um consenso.

Nesse contexto, a divergência entre as escolas francesas e norte-americanas nasceu do objeto de estudos. A escola norte-americana inovou e estendeu o alcance da disciplina ao considerar viável o estudo da Literatura Comparada com outras artes e outros ramos do saber como objeto de estudos da disciplina. Os franceses recusaram tal expansão, conforme se verifica em Paul Van Tieghem: “Uma vez fixada a fronteira entre duas literaturas, propomos que se estude tudo o que, no domínio da literatura, passou de um lado para outro, de maneira a exercer uma ação” (TIEGHEM, 1951, p. 60). No cenário norte-americano, a Literatura Comparada sofreu limitações de várias ordens impostas pela academia. A história era fundamental para a Literatura Comparada, mas limitada à história cultural. Temas que envolviam questões socioeconômicas ou políticas eram evitados, no entanto, o fato que provocou mais reações foi o nascimento do Novo Historicismo na crítica dos anos 1980 e 1990 (TIEGHEM, 1951, p. 136).

Desde os anos 1960, a Associação de Literatura Comparada Americana (ACLA) edita relatórios que tratam do desenvolvimento da Literatura Comparada. Em 1965, nascia *The Levin Report*, em 1975 *The Greene Report* e em 1993 surgiu *The Bernheimer Report*. Escrito por Susan Bassnett na mesma época do Relatório Bernheimer, um desses documentos, define a Literatura Comparada como “o estudo de textos sobre culturas, é interdisciplinar e é voltada para padrões de conexão tanto no tempo quanto no espaço”. (BASSNETT⁴, 1993, p. 1).

No século XX, o desdobramento mais significativo na Literatura Comparada ocorreu com o surgimento dos estudos pós-coloniais. Bassnett (1993, p. 37-39) no capítulo *Post Colonial Approaches* afirma que a politização da literatura faz parte do processo de reconstrução e reafirmação da identidade cultural e nacional em diversas partes do mundo. Outros aspectos do pós-colonialismo passaram a compor a pauta de estudiosos na literatura, como a investigação de vozes até então silenciadas, que trouxe à tona memórias do sofrimento imposto e as questões de linguagem que permeiam a compreensão do processo pós-colonial e sua respectiva tradução.

⁴ *Comparative Literature involves the study of texts across cultures, that it is interdisciplinary and that it is concerned with patterns of connection in literatures across both time and space.* (BASSNETT, 1993, p. 1).

A literatura norte-americana assistiu à manifestação da literatura *Afro-American*, nicho de representações dos descendentes de seres humanos arrancados de suas origens africanas e escravizados. Nesse contexto, o afro-americano passou por um processo complexo de ser inominado e passar a ser “ser nominado”, como demonstra Kimberly Benston:

Para o norte-americano afrodescendente, então, a autocriação e a reformulação de um passado familiar fragmentado estão incessantemente interligados: nomeação em revisão genealógica inevitavelmente. Toda literatura afro-norte-americana pode ser vista como um vasto poema genealógico que busca restaurar a continuidade das rupturas e descontinuidades impostas pela história da presença negra nos Estados Unidos (BENSTON⁵, 1984, p. 155-75).

A questão de nomeação é parte de uma tarefa mais ampla, que é a da continuidade restauradora, e pode-se ver o mesmo processo se realizando no mundo todo, à medida que a Literatura Comparada está sendo redefinida.

Segundo S. Bassnett, a problemática da relação entre língua e identidade nacional oferece outro ponto de unidade. Nesse contexto, rejeita-se o cânone literário inglês bem como a norma padrão e surge a valorização de grupos sociais cujo meio de comunicação se dá via valorização do dialeto. A comparação de formas e conteúdos em literaturas pós-coloniais e da história dessas mesmas literaturas oferece inúmeras possibilidades (BASSNETT, 1993, p. 76).

Organizado por Charles Bernheimer, o Relatório de 1993 esclarece em seu prefácio, que os Relatórios *The Levin Report* (1965) e *The Greene Report* (1975) apresentavam visões da Literatura Comparada que não mais se aplicavam às práticas do momento.

O Relatório Bernheimer foi editado em 1995, sob o título *Comparative Literature in the Age of Multiculturalism*. Na introdução, Bernheimer (1995, p. 16) afirma que a ideia do multiculturalismo tornou-se uma força poderosa e controversa nos espaços culturais e sociais, influenciando o currículo de disciplinas de origem europeia, como a Literatura Comparada. O assunto provocou vivas discussões e acirrados debates. Discutiui-se a definição da disciplina Literatura Comparada e principalmente a função dos estudos literários em geral. O multiculturalismo despertou interesse e expandiu o papel de línguas estrangeiras e da tradução com ampliação do campo de pesquisa.

No texto *Comparative Literature and Global Citizenship*, um dos capítulos do Relatório Bernheimer, Mary Louise Pratt (1993, p. 59) sugere que a Literatura Comparada estaria sofrendo modificações devido aos novos fatores motivados pela transformação das

⁵ *For the Afro-American, then, self-creation and reformation of a fragmented familial past are endlessly interwoven: naming in inevitably genealogical revisionism. All of Afro-American literature may be seen as one vast genealogical poem that attempts to restore continuity to the ruptures and discontinuities imposed by history of black presence in America.* (BENSTON, 1984, p. 155-75).

sociedades, como descolonização, democratização e globalização, promovendo significativas mudanças, como a escalada na sociedade por meio do conhecimento e o surgimento das vozes dos excluídos como sujeitos da história de seu tempo:

O fluxo atual da Literatura Comparada poderia ser atribuído a três processos históricos que estão transformando a forma com que a literatura e a cultura são concebidas e estudadas na academia: globalização, democratização e descolonização (PRATT⁶, 1993, p. 59).

A globalização é fomentada pela crescente integração do planeta, pela informação, fluxo de pessoas, produções culturais, comércio e mudanças de conscientização. A democratização do ensino superior trouxe a possibilidade de carreiras a grupos tradicionalmente excluídos, como mulheres e negros, e desafios às estruturas de exclusão aceitas até então com naturalidade. A descolonização foi propiciada pelo diálogo estabelecido entre o terceiro mundo e o primeiro, com o reconhecimento de contatos além de suas fronteiras e a descolonização dos Estados Unidos em relação à Europa na esfera da cultura e a constante redefinição do próprio país.

A descolonização estaria subdividida em dois segmentos envolvendo os países colonizadores e os pós-colonizados. O primeiro segmento seria a abertura do diálogo entre o Terceiro Mundo e o Primeiro e o reconhecimento do Primeiro Mundo das relações fora de seu eixo. O segundo segmento corresponderia à descolonização do relacionamento dos Estados Unidos em relação à Europa no domínio da cultura.

Mary Louise Pratt critica e sugere que os trabalhos presentes no relatório devem ultrapassar a análise do significado literário e buscar o entendimento do papel das línguas nativas no processo de criação das subjetividades, no estabelecimento de padrões epistemológicos, na elaboração de estruturas comunitárias, na formação de noções de nacionalidade e na articulação da resistência e da acomodação à hegemonia política e cultural (PRATT, 1995, p. 59-60).

O Relatório de 1993 também contou com as reflexões de Marjorie Perloff com o texto “Literature in the Expanded Field” (1995, p. 185) em que discute o futuro da Literatura Comparada e a questão do conhecimento de línguas estrangeiras, imprescindível na contemporaneidade, e defende a continuidade da Literatura Comparada:

⁶ *The current flux in comparative literature, attested by the 1993 Report, can be attributed, I suggest to three historical process that are transforming the way literature and culture are conceived and studied in the academy: globalization, democratization, and decolonization* (PRATT, 1993, p. 59).

O que então, podemos esperar da Literatura Comparada e de seus descendentes na área de estudos no século XXI? Os estudos de línguas desaparecerão? Penso o contrário; os estudos de línguas serão mais importantes do que nunca, mesmo se não pudermos prever qual língua será mais importante e para quem. O estudo da literatura será substituído por algo chamado estudos culturais? Dificilmente, não importa quanto o professorado gostaria (PERLOFF⁷, 1993, p. 185).

Os debates sobre os rumos da Literatura Comparada continuaram por mais uma década. Em 2003, Haun Saussy foi convidado pela Associação de Literatura Comparada Americana para formar uma comissão que elaborasse um esboço sobre a situação da disciplina, com foco na literatura mundial e nas políticas do Império Britânico. O Relatório de 2004 foi publicado em 2006, sob o título: *Comparative Literature in an Age of Globalization* (2006), editado por Haun Saussy e contou com a participação de vários autores, dentre os quais se destacam David Damrosch, Roland Greene, Linda Hutcheon, Jonathan Culler e Richard Rorty.

A literatura mundial explodiu seus limites nas últimas décadas. Nenhuma mudança no estudo comparativo moderno foi maior do que a atenção acelerada para com a literatura para além das obras primas de escritores das grandes forças europeias (DAMROSCH⁸, 2006, p. 43).

Com relação às obras canônicas e às outras literaturas, Damrosch nos assegura que o cânone não foi totalmente abandonado e que escritores como James Joyce, figura central do modernismo europeu, estão sendo relidos, sob outras perspectivas.

Em seu artigo “World Literature in a Postcolonial, Hypercanonical Age” (2006), David Damrosch apresenta sua reflexão sobre o surgimento da literatura mundial, reforçando a leitura de autores provenientes de países periféricos ou grupos sociais marginalizados pela cultura de origem europeia.

A literatura mundial explodiu em seu campo de ação durante a década passada. Nenhuma mudança no estudo comparativo moderno foi maior do que as atenções aceleradoras para com as literaturas que surgem fora do centro. Embora a literatura mundial exija novas leituras, textos fundadores da Literatura Comparada ressurgem após dois séculos, pois alguns estudiosos propõem a reapresentação de textos fundadores. Em seu livro *Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama* (2007), André Lefevère chamou a atenção para a necessidade do

⁷ *What, then, can we expect of comparative literature and its offspring in the area of studies in the twenty-first century? Will the study of languages disappear? I think the contrary, language study will be more important than ever even if we can't prescribe which language is most important to whom. Will the study of literature be replaced by something called cultural studies? Hardly, no matter how much the professoriate would like it to.* (PERLOFF, 1993, p.185).

⁸ *World literature has exploded in scope in the last decades. No shift in modern comparative study has been greater than the accelerating attentions to literature beyond masterworks by the great men of the European great powers.* (DAMROSCH, 2006, p. 43).

resgate de um dos textos fundadores da Literatura Comparada, de autoria de Mme. de Stäel, desagravando sua memória e colocando em evidência as esquecidas criações literárias da grande dama das Letras no artigo que se intitula “Crítica, Para Além do Gênero Dela: Madame de Stäel”.

Nessa reflexão, Lefevère expressa seu lamento de que as informações sobre os textos de Madame de Stäel manipuladas pela sua família após sua morte foram tão extensas e exercidas com tal rigor, restando à crítica literária apenas seus dados bibliográficos (LEFEVÈRE, 2007, p. 223-235).

A reflexão de Lefevère ressoou na academia norte-americana, mais precisamente na Universidade de Princeton, na publicação do livro *The Princeton Sourcebook on Comparative Literature* (2009). Sob a organização e editoração de David Damrosch, Natalie Melas e Mbongiseni Buthelezi, o livro apresenta o texto fundador de Anne Louise Germaine de StaelHolstein, intitulado *Of the General Spirit of Modern Literature* (1800). O referido texto compara os escritores antigos e modernos em termos de eloquência e moralidade, tecendo uma argumentação em prol das mulheres. Desse modo, podemos perceber que o tempo e suas circunstâncias encarregaram-se da ampliação da disciplina Literatura Comparada. Do ponto de vista de Tania Carvalhal (1991), houve mudança de paradigmas em virtude da abertura interdisciplinar, que ocasionou diferentes alterações metodológicas na disciplina:

De sua fase inicial, em que era concebida como subsidiária da historiografia literária, passa a exercer outras funções, mais adequadas aos outros tempos. Surgida de uma necessidade de evitar o fechamento em si das nações recém constituídas e com uma intenção de cosmopolitismo literário, a Literatura Comparada deixa de exercer essa função ‘internacionalista’ para converter-se em uma disciplina que põe em relação diferentes campos das Ciências Humanas (CARVALHAL, 1991, p. 9).

Ao discutir o caráter interdisciplinar da Literatura Comparada, Carvalhal ressalta o aspecto de mobilidade na atividade comparatista:

[...] sua natureza mediadora, intermediária, característica de um procedimento crítico que se move ‘entre’ dois ou vários elementos, explorando nexos e relações. Fixa-se, em definitivo, seu caráter interdisciplinar (CARVALHAL, 1991, p. 10).

Após essa reflexão sobre a Literatura Comparada, passaremos em seguida à discussão dos estudos da tradução, que se apresentam como um campo de investigação fértil, de relevância inquestionável, cinético, palco de reformulações e redefinições terminológicas e metodológicas.

1.2 Tradução: Introdução e Percurso Histórico

Conforme se verifica em Bassnett e Lefevère, tradicionalmente, o estudo da tradução tem sido relegado a um espaço menor dentro de um campo maior, o da Literatura Comparada. Todavia, com o desenvolvimento dos Estudos da Tradução como disciplina autônoma, cuja metodologia surge a partir da história cultural e comparada, pode-se afirmar que pela tradução perpassam muitos estudos de Literatura Comparada (BASSNETT; LEFEVÈRE, 1990, p. 12).

Conforme se lê em Rebello (2002, p. 20), a tradução ocupa espaço significativo dentro da Literatura Comparada, ponte imprescindível entre mundos, épocas, idiomas e culturas:

Dessa maneira, surge, hoje, nos estudos interdisciplinares proporcionados pela Literatura Comparada, um lugar de destaque para a tradução e para o tradutor, entendido como mediador entre diferentes culturas. Não se deve esquecer que a mediação entre culturas é um dos papéis do tradutor. A tradução deve ser abordada como um processo interativo, envolvendo língua, literatura, cultura, como um procedimento aberto e dinâmico e que interage com obras e com a história (REBELLO, 2002, p. 20).

A história da tradução constitui espaço de reflexão polêmico, alvo de estudos por inúmeros teóricos. Ao retrazar essa trajetória, verifica-se que há séculos esses estudos apresentam posicionamentos contraditórios, algo que fica evidente na nomenclatura da disciplina que trata da tradução que pode apresentar duas denominações, a saber, Tradutologia e Estudos da Tradução.

De acordo com a visão de Susan Bassnett e André Lefevère, no prefácio de *Translation, History & Culture* (1990), os Estudos da Tradução ampliam o universo da teoria sobre a tradução e incluem ampla gama de áreas como os estudos linguísticos, literários, história cultural, filosofia, antropologia, psicologia e economia. Já para Hurtado (2001, p. 25), a diferença entre tradução e tradutologia seria a seguinte:

[...] a tradução é uma habilidade, um saber fazer, que consiste em saber recorrer ao processo tradutório, sabendo resolver os problemas da tradução que se estabelecem em cada caso. Mais do que um saber é um saber fazer [...]. [...] A Tradutologia é uma disciplina que estuda a tradução; se trata, pois, de um saber sobre a prática tradutória. A Tradutologia é uma disciplina científica, que necessita, além da prática, estabelecer relações com muitas outras disciplinas (HURTADO⁹, 2001, p. 25)

No que se refere às nomenclaturas sobre o ato de traduzir, James Holmes usou pela

⁹ [...]la traducción es una habilidad, un saber hacer que consiste en saber recorrer el proceso traductor, sabiendo resolver los problemas de traducción que se plantean en cada caso. La traducción más que un saber es un saber hacer[...].[...];La Traductología es una disciplina que estudia la traducción; se trata, pues, de un saber sobre la práctica traductora. La Traductología es una disciplina científica, que necesita, además, entablar relaciones con otras muchas disciplinas. (HURTADO, 2001, p. 25).

primeira vez a terminologia “estudos da tradução” em seu texto “The Name and Nature of Translation Studies” (1972), publicado em *Literature and Translation* (HOLMES *et. al.*, 1978) e re-publicado em *The Translation Studies Reader* (VENUTI, 2000, p. 172-185):

Há, entretanto, outro termo que está ativo em inglês ao nomear novas disciplinas. Esta palavra é “estudos”. “De qualquer modo, a designação “estudos da tradução” parece ser a mais apropriada de todas as disponíveis em inglês e sua adoção como termo padrão para a disciplina como um todo removeria um número razoável de confusão e mal-entendido” (HOLMES¹⁰, 1972 *In*: VENUTI, 2000, p. 175).

Na opinião de Antoine Berman, a definição de tradutologia não vê a disciplina como objetiva e, sim, como uma “reflexão da tradução sobre si mesma a partir de sua natureza como experiência” (BERMAN, 1935, p. 39).

A nomenclatura proposta por John Holmes foi bem recebida pela comunidade acadêmica e André Lefevere, em 1976, recorreu a ela para a nova área de estudos: “Translation Studies”. Com isso, pretendia abarcar problemas que provém da produção e das descrições das traduções.

Portanto, os “*Translation Studies*” envolvem o uso de estudos de tradução descritivos, em combinação com as categorias de traduções literárias ou não, escritas e orais, o estudo dos aspectos aplicados ou de ordem didática, bem como os descritivos e teóricos, conceitos presentes em *Translation Studies: the Goal of a Discipline* (HOLMES, 1978).

A trajetória da tradução é tema de interesse de muitos estudiosos, uma vez que o pensamento ocidental foi todo baseado em traduções que foram elaboradas durante séculos. Para Armando Gnisci, a trajetória da tradução “padeceu por muitos séculos da situação de inferioridade, contudo, deixou de ser vista como ‘produto’, com os novos enfoques, conta com o estatuto de disciplina, com caráter científico inexistentes no passado” (GNISCI, 2007, p. 291-292).

De acordo com Rebello (2002, p. 45), historicamente, o trabalho dos tradutores começa quando eles demonstraram necessidade de criar alfabetos para aquelas línguas que não possuíam representação escrita. Essa falta impedia que a língua tivesse uma maior sobrevivência e fosse transmissora e receptáculo de conhecimento:

O homem se comunica através de sons há milhares de anos, mas há apenas 6000 anos é que existe a escrita. Os fenícios criaram o primeiro alfabeto no ano 1000 A. C. e, de certa forma, este alfabeto, e todos os outros que viriam depois, simbolizava a fonte de todos os conhecimentos (REBELLO, 2002, p. 45).

¹⁰ Nevertheless, the designation “translation studies” would seem to be the most appropriate of all those available in English, and its adaptation as the standard term for the discipline as a whole would remove a fair amount of confusion and misunderstanding” (HOLMES, 2000, p.175).

Vimos anteriormente que tradutores na seara das traduções precisaram criar um alfabeto. Desde então, traduz-se e buscam-se novos caminhos tradutórios, espaço de divergência e convergência há séculos.

1.3 Os Romanos e a Tradução Pelo Sentido

Susan Bassnett (1998, p. 43) cita a opinião de Eric Jacobsen que afirma ser “a tradução uma invenção dos romanos. Embora a afirmação seja considerada uma hipérbole crítica, serve de base para o papel e status da tradução para os romanos”.

As visões tradutórias de Cícero e Horácio influenciaram grandemente sucessivas gerações de tradutores. Ambos discutiram a tradução sob uma ampla perspectiva que associou o tradutor e o poeta como responsáveis pela: “tarefa humana e universal de adquirir e disseminar a sabedoria e a arte especial de compor e dar forma a um poema” (BASSNETT, 1992, p. 43).

O sistema literário romano estabelecia uma hierarquia de textos, reflexo da sua forma de governo alicerçada na Razão. Além da sua importância nas línguas neolatinas, a tradução romana é um marco imprescindível na história da tradução. Com relação ao texto traduzido, Horácio e Cícero fazem uma distinção entre tradução de palavra por palavra e sentido (ou por imagem). As normas rígidas de “fidelidade” passam a ceder lugar a uma língua traduzida, que foi enriquecida devido à cunhagem de novas palavras ou empréstimos: “Se eu traduzir palavra por palavra, o resultado soará estranho, e se for compelido pela necessidade a alterar alguma coisa da ordem das palavras, parecerá que eu abandonei a função de um tradutor” (CÍCERO, 1958 *apud* BASSNETT, 1998, p. 43).

A abordagem tradutória de Cícero foi apresentada na *De optimo genere oratorum* (46 AC/1960 CE). Para o tradutor a tarefa de transferir um texto de uma língua para outra consistia num esmerado exercício de estilística, independente da pressão do texto original. Desse modo, Cícero traduzia como orador, sem se preocupar com a noção de fidelidade ao texto original:

E eu não os traduzi como um intérprete, mas como orador, mantendo as mesmas ideias e formas ou, como talvez alguém diga, as figuras de pensamento, mas na língua de conformidade com o uso. E ao fazer isso, não julguei ser necessário traduzir palavra-por-palavra, mas preservei a força do estilo geral da língua (CÍCERO¹¹, 46 BCE/1960 CE, p. 364 *apud* MUNDAY, 2011, p. 19).

¹¹ *I did not translate them as an interpreter, but as an orator, keeping the same ideas and forms, or as one might say, the 'figures' of thought, but in language which conforms to our usage. And in so doing, I did not hold it necessary to render word for word, but I preserved the general style force of the language.* (CÍCERO, 46 BCE/1960 CE, p. 364).

De acordo com a reflexão de Lúcia Sá Rebello (2002, p. 84-85), Horácio defendia a criação de neologismos como um mecanismo necessário à tradução por trazer um aspecto de modernidade do texto:

Horácio admite a inserção de palavras novas no ato criador, já que a língua, enquanto fenômeno natural pode sofrer alterações que em nada prejudicam o idioma. Alguns vocábulos tendem a desaparecer, cedendo lugar a novas palavras, também as obras humanas não são imortais. Diz Horácio que se for necessário “*indiciis monstrare recentibus abdita rerum, et fingere non exaudita (...) contiget dabiturque licentia sumpta pudenter*” (dar a conhecer coisas ignoradas, com vocábulos recém-criados, e formar palavras nunca antes ouvidas (...) podes fazê-lo e licença mesmo te é dada, desde que a tomes com discrição); acrescenta ainda, “*licuit semperque licebit signatum praesente nota producere nomen*” (foi lícito e lícito sempre será lançar um vocábulo com o selo da modernidade (REBELLO, 2002, p. 84-85).

O mérito da tradução romana, ou seja, a tradução pelo sentido, reside no conceito de produção literária que estabelecia um cânone de excelência. Posteriormente a tradução passou a ser palavra por palavra durante muitos séculos. A tradução pelo sentido voltou a ocupar seu lugar de destaque durante os séculos XVII e XVIII (BASSNETT, 1998, p. 45).

1.4 A Tradução na Idade Média: a Bíblia, a Educação e a Linguagem Popular

Com o advento do Cristianismo, a tradução desponta como protagonista já que fôra investida com a dupla responsabilidade: a estética e a evangelizadora. Na Europa, as traduções literárias são conhecidas desde o tempo dos romanos e demonstram como literatura e filosofia romana ganham força a partir dos modelos gregos. Tradução significava transformação, isto é, moldar o que era estrangeiro no próprio idioma. As reflexões sobre o processo da tradução foram descritas no século IV por São Jerônimo e seguiam os princípios tradutórios de Cícero:

Eu admito e confesso com liberdade total que não traduzi palavra por palavra em minhas traduções de textos gregos, mas sentido por sentido, com exceção no caso das Sagradas Escrituras em que até a sintaxe contem um mistério. Traduzo sentido por sentido e não palavra por palavra (HIERONYMUS, 395 *apud* LEFEVÈRE¹², 1992, p. 47).

¹² *I admit and confess most freely that I have not translated word for word in my translations of Greek texts, but sense for sense, except in the case of the scriptures in which even the order of the words is a mystery. Cicero has been my teacher in this.* (HIERONYMUS, 395 *apud* LEFEVÈRE, 1992, p. 47).

Na versão do Novo Testamento realizada por São Jerônimo a pedido do Papa São Damaso I, o tradutor declarou que traduziu pelo sentido e não palavra por palavra. A tradução pelo sentido foi considerada uma heresia. Sua estratégia de tradução foi formulada sob o título *De optimo genere interpretandi* (MUNDAY, 2011, p. 20).

No século XI, na Inglaterra, o rei Alfredo declarou que o objetivo da tradução era auxiliar o povo inglês a se recuperar da devastação das invasões dinamarquesas que haviam destruído os mosteiros, único espaço para estudos, motivo de desmoralização e divisão do reino. Em *Cura Pastoralis*, no prefácio da obra, o rei Alfredo afirma que a tradução deveria ser meio de disseminação da língua e recomenda o uso da linguagem popular, restringindo o uso da norma culta inglesa à linguagem literária. Ao comentar a forma com que os romanos traduziam seus textos de acordo com seus propósitos, manifestou-se: “Penso que é melhor, se você concordar, que nós também traduzíssemos alguns dos livros que todos os homens deveriam conhecer na linguagem que podemos entender” (ALFRED, *apud* BASSNETT¹³, 1988, p. 51).

Em 1502, liderado por Gutemberg, o advento da imprensa propiciou o surgimento das literaturas nacionais via tradução de textos previamente escritos. A partir disso, o humanista holandês Erasmo de Roterdão produziu a tradução do Novo Testamento para o grego, em 1516 e o monge da Ordem de Santo Agostinho, Martinho Lutero, usou essa tradução como modelo para a sua versão em alemão, em 1522 (BASSNETT, 2005, p. 71).

A versão de Lutero contribuiu para o desenvolvimento decisivo da língua alemã. Conhecedor de latim, grego e hebraico, Lutero aliou dialetos regionais, criatividade e sensibilidade poética. Sua tradução foi inovadora, orientada para a cultura-alvo, além de adequar a mensagem divina à mentalidade da época. Para ele, na tradução, a palavra deveria seguir o sentido do texto, seu assunto e significados, e não a gramática. Sua tradução auxiliou o declínio do latim como língua universal, serviu de base para todas as gramáticas e auxiliou o conceito de cultura nacional (BASSNETT, 2005, p. 71-75).

Segundo Hurtado (2001, p. 106), durante a Idade Média, produziu-se uma dicotomia clara entre a forma de traduzir textos religiosos e a maneira de traduzir os textos profanos. O respeito às Sagradas Escrituras levava a uma tradução com apego ao texto original enquanto, na tradução profana, preconizava-se que a tradução tivesse liberdade em relação ao texto anterior. Nos anos 1380 e 1384, a primeira tradução da Bíblia para o idioma inglês ganhou popularidade maior que os textos propostos pela igreja Católica. John Wycliffe, teólogo de

¹³ *I think it better, if you agree, that we also translate some of the books that all men should know into the language that we can all understand.* (ALFRED, *apud* BASSNETT, 1988, p. 51).

Oxford, defendia a ideia de que todos os homens deveriam ler a Bíblia numa língua que compreendessem, isto é, na norma popular. Em sua “teoria do domínio pela graça”, o homem seria responsável perante Deus e a Sua Lei. Por essas razões, essa tradução foi acusada de heresia.

No século XV, como consequência das técnicas de impressão, o papel da tradução sofreu mudanças significativas que levaram às tentativas de se formular uma teoria de tradução. Um dos primeiros a criar uma teoria da tradução foi o humanista francês Etienne Dolet (1509-1546) que publicou um esboço sobre os princípios tradutórios: *La Manière de bien traduire d'une langue em autre*, em 1540. Ao traduzir um diálogo de Platão, sua tradução parecia induzir à descrença na imortalidade. Seu destino trágico foi ser julgado e condenado após a “má tradução” (BASSNETT, 1998, p. 54).

No século XVI, surgiu a tradução do Novo Testamento de autoria de William Tyndale (1494-1536), editada em 1525. A obra ofereceu uma tradução do grego que fosse de fácil leitura para o leigo, a quem era vedado ler a Bíblia. O leigo, no entanto, tinha permissão da igreja para ler obras profanas. Tyndale atacou a hipocrisia das autoridades eclesiásticas e pereceu na fogueira, vítima da Santa Inquisição.

O conceito da tradução como exercício da escrita era um elemento importante no sistema escolar medieval. Durante o século I d. C., Quintiliano participou do desenvolvimento da educação da Idade Média com o texto *Institutio Oratória* que estabelecia duas áreas de estudo, o *trivium* e o *quadrivium*, baseado no estudo das Sete Artes Liberais. O *Trivium* compreendia gramática, retórica e dialética e o *Quadrivium* a aritmética, a geometria, a música e a astronomia. Tal sistema foi transmitido por teóricos romanos e o tradutor recomendava a tradução do grego para o latim, que foi a língua usada durante muito tempo até o século X.

A tradução foi mola propulsora das literaturas emergentes, com pouca ou nenhuma tradição letrada desenvolvidas na Europa ao longo do período medieval e também foi responsável pela divulgação de textos criados em outros espaços culturais. Por isso, de modo geral, considera-se que a tradução trouxe oportunidade para o desenvolvimento das línguas nativas (BASSNETT, 2005, p. 51).

Gianfranco Folena acreditava que a tradução poderia ser descrita como “vertical”, quando a língua popular da tradução era proveniente de uma língua-fonte de prestígio (Latim), ou “horizontal”, quando texto-fonte e texto de chegada tinham o mesmo valor. A abordagem horizontal envolveria questões de *imitatio* e empréstimo. A distinção acima é útil para demonstrar como a tradução pode ser ligada a dois sistemas literários diferentes e

coexistentes (BASSNETT, 2005, 52-53). Na Idade Média, a originalidade não era valorizada e a capacidade de um tradutor residia na adaptação de temas já estabelecidos (BASSNETT, 1998, p. 52).

Depois da teoria do universo de Copérnico, o mundo passou por enormes modificações e as grandes navegações abriram mundos fora da Europa. Novas invenções, como o relógio, para medir o tempo, e outras invenções para medir espaços, afetaram os conceitos de cultura e sociedade e mudaram as perspectivas de uma forma jamais imaginada.

Nesse contexto, segundo Hurtado (2001, p. 107), com o Renascimento, houve a primeira grande revolução no mundo da tradução. Seu papel sofreu mudanças significativas após as técnicas de impressão, pois houve um aumento expressivo de traduções publicadas. Além disso, a tradução se tornou uma questão política e religiosa, com muitas vítimas fatais entre os tradutores, como mencionamos na seção anterior.

Conforme Rainer Schulte e John Biguenet (1992, p. 2), na introdução de *Theories of Translation*, durante o período conhecido como Renascimento, os tradutores exploraram os modos como as estruturas de outra língua poderiam enriquecer o seu próprio idioma. Desse modo, não viam a necessidade de se fixarem no texto-fonte, mas a de acessarem o que era estrangeiro e introduzirem-no como força renovadora da própria língua. Tanto no Império Romano quanto no Renascimento não houve preocupação alguma por parte dos tradutores quanto à noção de fidelidade ao texto original.

Para Bassnett (1998, p. 82), o século XVII foi uma época de grande atividade tradutória, arcada por conflitos entre as monarquias absolutistas e o sistema parlamentarista, divergências entre o humanismo cristão ocidental e a ciência, provocando grandes modificações na literatura e na tradução.

Os tradutores vivenciaram um período profícuo quando teóricos franceses foram traduzidos para o inglês. Segue-se um período em que a tradução deveria ser criativa, fala-se em reprodução e recriação da obra literária. No prefácio de *Pindarique Odes* (1656), Abraham Cowley assume: “[...] retirei, deixei e acrescentei o que quis”¹⁴ e assim cunhou a *imitation*, sua forma de tradução livre (COWLEY, 1656, apud BASSNETT, 1998, p. 60).

Um tratado fundamental da época é o prefácio de John Dryden “*Preface to Ovid’s Epistles*” (1680), no qual o autor mapeou diversas correntes de pensamento com relação ao processo tradutório, algumas ainda vigentes recentemente. Dryden tinha conhecimento de que o tradutor tinha de ser crítico da própria língua antes que se lançasse na aventura da tradução:

¹⁴ *I have taken, left out and added what I please.* (COWLEY, 1656, apud BASSNETT, 1998, p. 60).

Todas as traduções, suponho eu, podem ser reduzidas a três maneiras de traduzir: a primeira é a metáfrase, que consiste em verter o original em outra língua, palavrapor-palavra e verso por verso; assim foi mais ou menos, como Ben Johnson traduziu *Ars Poetica*, de Horácio. A segunda é a paráfrase ou tradução livre, na qual o tradutor mantém-se próximo do original para que não se perca, mas suas palavras não são tão seguidas como seu sentido e não reproduz estritamente as palavras como o sentido e, de fato, este último pode chegar a ampliar-se, desde de que não se altere [...]. A terceira categoria é a imitação na qual o tradutor (se é que não perdeu esse nome ainda), não somente toma a liberdade de variar as palavras e sentido, mas abandonar as que tiver oportunidade e tomar as palavras do original, a fim de provocar divisão na base como bem quiser (DRYDEN, 1680/1992 *In: LEFEVERE*¹⁵, 2011, p.102)

Dryden criticava tradutores que preferiam a metáfrase, a tradução palavra por palavra e linha por linha e a imitação porque “[...] isto se parece muito com dançar sobre cordas com os pés acorrentados – uma tarefa tola”¹⁶, além de ser “[...] um padrão de escrita como se o autor tivesse vivido na nossa época e em nosso país” (DRYDEN¹⁷, 1680/1992: 18-19). Para Dryden a tradução pelo sentido é a que ofereceria a possibilidade de amplificação do sentido, sem, contudo, alterá-lo.

1.5 Tradução: Fidelidade ou Liberdade Irrestrita?

De acordo com Hurtado (2001, p. 111), o século XVIII europeu intensificou o intercâmbio intelectual e o interesse pelas línguas estrangeiras, com proliferação de dicionários gerais e técnicos e, nesse contexto, o papel da tradução atingiu ao seu auge¹⁸. Juntamente com os problemas da fidelidade ao texto e da liberdade irrestrita, surge outra questão: a obrigação moral do tradutor com seu leitor contemporâneo, associada aos conceitos de transformação do princípio de originalidade. Resulta dessa visão a reescritura de textos antigos como os de Shakespeare que foram adaptados aos padrões contemporâneos da língua.

¹⁵ *I could say there are three ways of translating: First, that of metaphrase, or turning an author Word by Word, and line by line, from one language to another...the second way is that of paraphrase, or translation in latitude, where the author is kept in view by the translator, so as never to be lost, but his words are not so strictly followed as his sense; and that too is admitted to be amplified, but not altered...The third way is that of imitation, where the translator (if now he has not lost that name) assumes liberty, not only to vary from words and sense, but to forsake them both as he sees occasion; and taking only some general hints from the original, to run division on the groundwork, as he pleases. (DRYDEN.J.Preface to Ovid’s epistles, 1680).*

¹⁶ *It is much like dancing on ropes with fettered legs – a foolish task. (DRYDREN, 1680, apud BASSNETT, 2001, p. 25).*

¹⁷ *[...] as a pattern to write as he supposes that the author would have done, had he lived in our age and in our country. (DRYDEN, 1680, In: SCHULTE; BIGUENET, 1992 p. 18-19).*

¹⁸ *Durante El siglo XVIII, se produce un incremento del intercambio cultural, un creciente interés por las lenguas extranjeras, una proliferación de diccionarios generales y técnicos, y, por donde, un auge del papel de la traducción. (HURTADO, 2001, p. 111).*

Nesse trabalho, acréscimos eram permitidos, mas supressões não eram aconselhadas.

Alexandre Fraser Tytler publicou um volume intitulado *Principles of Translation* (1797), o primeiro estudo sistemático em inglês dos processos tradutórios. O autor utiliza a metáfora do tradutor como pintor, usando o mesmo texto, porém em cores diferentes. A partir de uma visão tradicional do papel do tradutor, contesta a teoria de Dryden por defender uma tradução em paráfrase, já que acredita que o tradutor não poderá interferir no significado do texto-fonte e deverá seguir o autor original (TYTLER *apud* BASNETT, 1998, p. 63).

Como é possível observar, a dicotomia entre a fidelidade ao texto-fonte e a liberdade de criação marca as teorias da tradução no ocidente. No entanto, graças à rejeição ao racionalismo, no contexto romântico do século XIX, surge a importância da imaginação e a afirmação do individualismo e da liberdade da força criativa, trazendo à tona a discussão da traduzibilidade e intraduzibilidade.

Nesse contexto, o teólogo e tradutor alemão Friederich Schleiermacher escreveu um tratado de tradução de alta relevância: *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens* (1813) (*On the different methods of translating*). Schleiermacher é reconhecido como o fundador da teologia protestante moderna e da moderna hermenêutica, uma abordagem romântica para a interpretação baseada nos sentimentos internos do ser humano e sua compreensão e não na verdade absoluta. Schleiermacher distingue dois tipos de tradutor: o de textos comerciais e o de textos acadêmicos e artísticos, que poderiam trazer uma nova vida à língua. Inicia seu ensaio abordando a questão tradutória a partir da oralidade na tradução e do valor dos dialetos (SCHLEIERMACHER, 1813, *In*: SCHULTE e BIGUENET, 1992, p. 38).

O grande dilema da travessia da tradução seria como aproximar o autor do texto fonte e o leitor do texto de chegada. Ao ultrapassar a questão de tradução palavra por palavra e sentido por sentido, literal, fiel ou livre, resume que há apenas dois caminhos abertos ao “verdadeiro” tradutor: “Ou o tradutor deixa o autor em paz tanto quanto possível e leva o leitor ao escritor, ou abandona o leitor o quanto for possível e leva o escritor em direção ao leitor” (SCHLEIERMACHER, 1813, *In*: SCHULTE e BIGUENET, 1992, p. 41-42). Entre sua liberdade de recriação do texto-fonte e a fidelidade a ele, o tradutor tem em frente o seguinte desafio: “Como reunir o escritor do texto-fonte e o leitor do texto de chegada?” (SCHLEIERMACHER, 1813, *In*: SCHULTE e BIGUENET, 1992, p. 38)¹⁹. Para conseguir tal feito, o tradutor deveria adotar um método de tradução estrangeirizante, oposto ao termo

¹⁹ *Either the translator leaves the writer alone as much as possible and moves the reader toward the writer, or he [sic] leaves the reader alone as much as possible and moves the writer toward the reader.* (SCHLEIERMACHER, 1992, p. 38).

naturalizante, orientando-se pela língua e pelo conteúdo do texto-fonte.

Sua nomenclatura ressurgiu em Venuti (1995) e (2002) com a terminologia “estrangeirização” e “domesticação”. Schleiermacher pondera que, se o tradutor procura comunicar a mesma impressão que recebeu do texto-fonte, esta impressão se torna dependente do nível educacional e da compreensão do leitor do texto de chegada, com chances de diferir da leitura do tradutor. Muitas vezes indivíduos do mesmo povo e falantes de uma suposta mesma língua podem não se entender por pertencerem a classes sociais diferentes, que por seu distanciamento acabam desenvolvendo variações lingüísticas bastante acentuadas. O autor pondera que os dialetos, ou seja o desenvolvimento diferente de línguas dentro da língua hegemônica, com diversos estágios da língua, são no sentido estrito da palavra, línguas diferentes e a tradução será exercida como “arte e ciência” apontando que esta não é apenas uma atividade mecânica, mas sim um exercício que envolve diversas decisões por parte do tradutor (SCHLEIERMACHER, 1813, *In*: SCHULTE & BIGUENET, 1992, p. 36-37).

1.6 Teorias da Tradução no Século XX

No século XX, os teóricos fizeram um esforço sistematizado para analisar a tradução. Embora Susan Bassnett (2005) afirme que, até a metade do século, não havia uma base teórica consistente para iniciar uma investigação, não podemos omitir a contribuição de Walter Benjamin e de outros teóricos, já no período inicial desse século. Posteriormente, nas décadas de 1970 e 1980, a Alemanha destacou-se devido ao desenvolvimento da abordagem comunicativa e funcionalista para a análise da tradução dedicada à abordagem do tipo de texto.

O trabalho de Katharina Reiss, publicado em alemão, em 1971, só foi traduzido para o inglês na década de 80 com o título *Type, Variety and Individuality of Text* (1971), em que ela discute a tradução interlínguas ou como processo de comunicação.

Para Lawrence Venuti, Katharina Reiss une as três funções da linguagem às suas dimensões correspondentes e aos tipos ou situações comunicativas usadas nos textos. As características principais de cada tipo textual são: informativo, expressivo, operativo e midiático. “O trabalho de Reiss é importante porque move a tradução para além do nível lingüístico” (VENUTI, 2000, p. 60-71).

George Steiner pertence ao grupo de teóricos filosóficos da tradução, como Walter Benjamin, Pound e Derrida, que exerceram influência considerável nos estudos da tradução.

Sua imprescindível obra *After Babel* (1995) é extensa e abrange avanço fundamental para a hermenêutica da tradução. O livro estende-se pelos períodos tradutórios de 1913 a 1973, que marcou os trabalhos de Berman e Venuti, e constituiu a primeira investigação sistemática da teoria e processos tradutórios desde o século XVIII. Steiner focaliza o funcionamento intelectual, psicológico da mente do tradutor, discute os processos de significado e o entendimento dos processos de tradução subjacentes.

No artigo “Hermeneutic Motion”, Steiner (2000) concebe a tradução como “arte exata” com precisões intensas e assistemáticas. Para ele, a tradução é composta por ato de decodificação e transferência apropriada de significado. Ele desdobra em quatro partes o processo de tradução: confiança inicial, agressão ou penetração, incorporação, compensação e restituição (STEINER²⁰, 2000, p. 315-19)

Em outro texto do autor, “Nature and Role of Norms in Translation” (1978, p. 199-204), há uma observação sugerindo que as traduções deveriam ser consideradas como portadoras de significado cultural, embora sejam submetidas a coerções de diversas ordens. Além do texto, somam-se as diferenças sistêmicas entre as línguas, as tradições textuais envolvidas e as limitações e possibilidades do aparelho cognitivo do tradutor como mediador necessário. A própria cognição é influenciada e até modificada pelos fatores socioculturais.

Steiner refere-se aos fatores que governam a escolha de tipos textuais, textos individuais a serem traduzidos para uma língua/cultura em algum tempo. Tal política existirá contanto que a opção encontrada não seja aleatória.

No caso de Toury (2000), seus estudos pertencem às teorias sistêmicas e descritivas da tradução que se baseiam no método não-prescritivo de entender as normas existentes no processo da tradução e de descobertas das “leis” gerais da tradução. O Autor reflete a respeito da tradução e seu contexto sociocultural, além da questão das coerções a que o processo tradutório é submetido. As coerções se estendem para além do texto-fonte, das diferenças sistêmicas entre línguas e tradições textuais envolvidas no ato ou até as possibilidades e limites do aparato cognitivo do tradutor como um mediador necessário (TOURY²¹, 2000, p. 199).

²⁰ *The hermeneutic motion, the act of elicitation and appropriative transfer of meaning, is fourfold. There is initiative trust, an investment belief, underwritten by previous experience but epistemologically exposed and psychologically hazardous, in the meaningfulness, in the “seriousness” of the facing or strictly speaking, adverse text.* (STEINER, 2000, p. 186).

²¹ *In its social-cultural dimension, translation can be described as subject to constraints of several types and varying degree. These extend far beyond the source text, the systemic differences between languages and textual traditions involved in the act, or even the possibilities and limitations of the cognitive apparatus of the translator as a necessary mediator. In fact, cognition itself is influenced, probably even modified by sócio-cultural facts.* (TOURY, 2000, p. 199).

As coerções socioculturais têm sido descritas como regras relativamente absolutas e idiossincráticas. O meio é preenchido por fatores intersubjetivos chamados de norma. As coerções são permeadas pelas normas fortes ou fracas e podem estar em ascensão e cair em desuso *a posteriori*. Os tradutores adotam estratégias diferentes com produtos diferentes e tais mudanças são provocadas pelas transformações das sociedades. O tradutor pode se submeter ao texto original e às suas normas ou ao texto-alvo com normas da cultura-alvo, principalmente as que vão além das normas linguísticas.

Gideon Toury propôs uma metodologia de três fases para os estudos da tradução descritivos: a) situar o texto dentro de um sistema de uma língua alvo, buscando aceitação ou significação; b) comparar os textos-fonte e alvo com relação a mudanças, identificando segmentos de ambos os textos de partida e de chegada, visando generalização; c) elaborar implicações para tomada de decisões em futura tradução (TOURY, 1995, p. 199).

De acordo com a visão de Genzler (1993, p. 133-134) há cinco aspectos da teoria de Toury que provocaram impacto nos estudos da tradução: o abandono das noções de correspondência e equivalência do início de seus estudos, para o envolvimento das tendências literárias dentro do sistema da cultura-alvo; a desestabilização da mensagem original com uma identidade fixa e a integração de ambos os textos, original e traduzido, na intersecção semiótica dos sistemas culturais.

Nos anos 1970, o israelense Itamar Even-Zohar desenvolveu a teoria dos Polissistemas com empréstimos das ideias dos formalistas russos, com seu texto *The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem* (1978, revisado em 1990). Even-Zohar inicia o texto dizendo que há poucas pesquisas que afirmam sobre o papel da tradução na cristalização das culturas nacionais, embora exista reconhecimento de tal fato pelos historiadores de culturas. O teórico questiona o tipo de relações que podem existir entre trabalhos traduzidos, apresentados como fatos completos, importados de outras literaturas, separados de seus contextos e conseqüentemente neutralizados, a partir do ponto de vista das lutas entre centros e periferias. O autor pontua:

Meu argumento é que textos traduzidos de fato se correlacionam de duas formas: (a) seus textos fontes são selecionados pela literatura-alvo, os princípios de seleção são correlacionáveis com os co-sistemas domésticos da literatura alvo b) adotam normas específicas, comportamentos e políticas – em resumo, no uso de seu repertório – os quais resultam de relações com outros co-sistemas, não confinados apenas ao nível linguístico, mas estão presentes em qualquer nível de seleção (EVEN-ZOHAR²², 1978/1990, p. 192-193).

²² My argument is that translated works do correlate in at least two ways: (a) in their way their source texts are selected by the target literature, the principles of selection never being uncorrelatable with the home co-systems of the target literature; and (b) In the way they adopt specific norms, behaviors, and policies _in short, in their use of the literary repertoire _ which results from their relations with the other home co-systems. (EVENZOHAR, 1978/2000, p. 192-193).

A partir do ponto de vista das lutas entre centros e periferias, Zohar questiona o tipo de relações que derivam de trabalhos traduzidos apresentados como fatos completos, importados de outras literaturas, separados de seus contextos e conseqüentemente neutralizados.

Segundo Even-Zohar, “a uniformidade é coincidência ou resultado de contato contínuo entre o subsistema dentro de uma cultura ou entre sistemas culturais inteiros” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 53-72). É mais uma questão de aparência do que de identidade genuína. A significância é apenas atribuída a uma norma e os sistemas permanecem diferentes, mesmo se as instâncias de comportamento externo pareçam ser as mesmas. Os tradutores ajudam o processo ao produzirem críticas à tradução e à ideologia da tradução.

O autor reflete que uma sociedade pode ter a existência de três outros tipos de norma: a de centro, a norma anterior e rudimentos de novas normas, ainda periféricas, ou seja, tradução de “tendência”, “antiga” e “progressista” ou “vanguarda”.

Para Even-Zohar, a literatura traduzida opera como um sistema na forma em que a língua-alvo seleciona textos para tradução, nas normas tradutórias, comportamentos e políticas influenciadas por outros sistemas. A relação entre todos esses sistemas recebeu o nome de polissistemas, concebido hierarquicamente, que interage para provocar um continuado processo de evolução, dentro do polissistema como um todo.

Outro estudioso, Antoine Berman, figura proeminente para a tradutologia moderna, desenvolveu seu trabalho teórico sob o título *L' épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique* (1984), traduzida para o inglês como *The experience of the Foreign: Culture and translation in Romantic Germany* (1992). Berman desenvolveu o conceito de análise negativa e da deformação da tradução ao atacar a homogeneização da tradução. Seu estudo precedeu e influenciou Lawrence Venuti, o qual traduziu um de seus artigos, intitulado “La traduction comme l'épreuve de l'étranger” (1985), que se tornou “Translations and the trials of the foreign”. Venuti modifica a expressão experiência, “*l'épreuve*”, para o vocábulo “*Trial*”, de amplo escopo traducional e que pode significar tentativa, sofrimento ou tormento relacionado às mudanças impostas pela tradução.

Antoine Berman (2000, p. 284) descreve o processo tradutório em dois sentidos: tentativa para a cultura estrangeira de experimentar o estranhamento do texto e palavra estrangeira e tentativa para o texto estrangeiro de ser extirpado do seu contexto de língua original.

O teórico é contra a tendência geral da negação dos elementos linguísticos estrangeiros, estratégia chamada de “naturalização”, processo que Venuti chamou de “domesticação”. O Autor assevera que “o objetivo ético do ato tradutório é receber o texto

estrangeiro como estrangeiro”, o qual parece ter influenciado Venuti na estratégia de tradução estrangeirizante.

Berman (2000), preocupou-se com a necessidade de se criar um sistema analítico para a tradução de prosa, que incluiria análise detalhada do sistema deformante e por extensão do sistema cartesiano e o psicanalítico, inconsciente, mas presente em *forças* que desviam a tradução de seu objetivo essencial. Propõe examinar o sistema de deformação textual que opera em cada tradução e a impede de ser uma “tentativa do estrangeiro”.

A analítica negativa é principalmente relacionada com o eurocentrismo, traduções anexionistas e hipertextuais (pastiche, adaptação, escrita livre), espaço em que o jogo de forças deformantes é exercido com liberdade (BERMAN, 1985, *In: VENUTI*²³, 2000, p. 286).

Seleciona algumas tendências deformantes da tradução como se segue: racionalização, clarificação, expansão, enobrecimento e popularização, empobrecimento qualitativo, empobrecimento quantitativo, destruição do ritmo, destruição das redes de significação subjacentes, destruição dos padrões linguísticos, destruição das redes dialetais ou seu exotismo, apagamento da superimposição de línguas e dialetos (BERMAN, 1985, *in VENUTI*, 2000, p. 288).

Berman (1999), reconhece a grande dificuldade que envolve a tradução de textos literários e filosóficos. Insiste que o tradutor ético não deveria adaptar o texto estrangeiro à cultura de chegada, mas deveria respeitar e manter a especificidade do estrangeirismo. Para Berman “o ato ético consiste em conhecer e receber o outro como o Outro” (BERMAN, 1999, p. 74).

1.7 Traduzir Transportando Sentidos

Em plena época do estruturalismo, parecia ser impossível criar uma teoria da tradução, já que o panorama era a especulação sobre estruturas, sistemas e significados. Muitas teorias de equivalência direcional não utilizam listas de procedimentos de níveis linguísticos, mas separam tipos diferentes de equivalências. A abordagem geral remonta aos ensinamentos de Cícero, cujo conceito de tradução do grego para o latim apontava para a dicotomia entre a

²³ *The negative analytic is primarily concerned with ethnocentric, annexationist translations and hypertextual translations (pastiche, imitation, adaptation, free rewriting) where the play of deforming forces is freely exercised.* (BERMAN, 1985, *In: VENUTI*, 2000).

tradução literal e a tradução pelo sentido (CICERO 46, /1996). As duas formas de tradução assumem que há um valor que permanece constante entre elas, isto é, traduzem o mesmo objeto, numa conceitualização da equivalência (PYM, 2010, p. 31).

A questão do significado linguístico e da “equivalência” ou “efeito equivalente” surge na década de 1950 e 1960 com Vinay e Darbelnet, em *Stylistique comparée du français et de l’anglais* (1958), fundamentado por bases não científicas. Em várias línguas europeias, o termo “equivalência” tornou-se uma característica das teorias da tradução ocidental na segunda metade do século XX, cujo auge ocorreu nas décadas de 1960 e 1970.

Conforme se verifica em Anthony Pym (2010, p. 36-42), a questão da equivalência nasce da ideia de que o que dizemos em uma língua pode ter o mesmo valor, ou função, quando é traduzido para outra. A relação entre o texto de partida e a tradução produz a equivalência, ou seja, igual valor. A equivalência não propala que as línguas sejam as mesmas, mas assegura que os valores podem ser os mesmos.

As teorias que compartilham esta suposição podem ser enfeixadas em um paradigma de equivalência amplo, subdividido em dois subparadigmas: o da “equivalência natural” e o da “equivalência direcional”, essa última oposta à primeira. Ligada à linguística aplicada, a equivalência natural foi uma reação ao estruturalismo e presume a existência de línguas e culturas anteriores ao ato de traduzir. Nesse sentido, listas de procedimentos de manutenção da equivalência foram produzidas a fim de prescrever ao tradutor o que fazer. Além disso, os autores elaboraram uma série de efeitos prosódicos como: amplificação, redução, tornar explícito, tornar implícito e generalização. A questão problemática refere-se ao fato de que algumas relações equivalentes não se adequavam a nenhuma categoria. Os autores reconhecem o problema conforme observa Pym (2010, p. 16):

A tradução (em uma porta) de PARTICULAR como PROIBIDA A ENTRADA [proibição para entrar] é ao mesmo tempo uma transposição, uma modulação, e uma correspondência. É uma transposição porque o adjetivo particular é traduzido por uma frase substantiva; é uma modulação porque a afirmativa se torna uma proibição. e é uma correspondência porque a tradução foi produzida pelo retorno à situação sem preocupação com a estrutura da frase da língua inglesa (VINAY E DARBELNET²⁴, 1959/1972, p. 54).

A teoria de Vinay e Darbelnet serviu de base para outras traduções do francês para o alemão, *Stylistique Comparée du français et d’allemand* (MALBLANC, 1963), e do francês

²⁴ The translation (on a door) of PRIVATE as DÉFENSE D’ENTRER [prohibition to enter] is at once a transposition, a modulation, and a correspondence. It is a transposition because the adjective private is rendered by a noun phrase; it is a modulation because the statement becomes a warning...and it is a correspondence because the translation has been produced by going back to the situation without bothering about the structure of the English –language phrase (VINAY; DARBELNET, 1959, p. 54).

para o espanhol, *Introducción a la traductología* (VÁZQUEZ-AYORA, 1977) e *Teoría y práctica de la traducción* (1982).

Vinay e Darbelnet realizaram uma análise estilística comparativa do francês e do inglês. Notaram as diferenças entre as línguas e identificaram estratégias diferentes de tradução e procedimentos. Duas estratégias gerais são identificadas pelos autores: tradução direta e tradução oblíqua. Sete procedimentos são usados para as duas estratégias: empréstimo, decalque, tradução literal, transposição, modulação, equivalência, adaptação, operando em três níveis: léxico, servidão e opção.

Nesse sentido, a introdução de *Stylistique comparée du français et de l'anglais* (1958) é uma das mais divertidas no universo dos estudos da tradução. Ela apresenta a seguinte situação: dois linguistas franceses estão dirigindo de Nova York para Montreal com atenção voltada aos sinais de trânsito:

Chegamos logo à fronteira canadense onde a língua dos nossos antepassados foi construída nos mesmos princípios das norte-americanas, com exceção dos sinais que são bilíngues. Após DEVAGAR, escrito sobre a superfície da rodovia em letras enormes, surge LENTEMENT, que toma a largura inteira da rodovia. Que advérbio incontrolável! Uma pena que o Francês nunca criou um advérbio apenas usando um adjetivo LENT.... Mas pensando nisso, LENTEMENT é realmente equivalente a DEVAGAR? Começamos a ter dúvidas como alguém sempre faz quando troca uma língua pela outra, quando ESCORREGADIO QUANDO MOLHADO, reaparece após uma curva seguido pelo francês DESLIZANTE SE MOLHADO. Alas! como o Campeiro Solitário diria, vamos pausar por um minuto sobre este SOFT SHOULDER [nome do local] graças a Deus sem nenhuma tradução sobre essa segunda língua, este “se” mais escorregadio do que um acre de gelo. Nenhum falante monolíngue de francês jamais entenderia corretamente a frase, nem teria pintado toda a rodovia pelo bem de um longo advérbio em – MENT Aqui atingimos um ponto chave, uma espécie de nó entre duas línguas. Mas, naturalmente – por Deus! ao invés de LENTEMENT [advérbio, como no inglês] deveria ter sido IR MAIS DEVAGAR [verbo no infinitivo, na França]”! (VINAY; DARBELNET, 1958/1972 *apud* PYM²⁵, 2010, p. 1227)

Já por equivalência direcional, entende-se a relação assimétrica por meio da qual a criação de um equivalente pela tradução unilateral não significa que a mesma equivalência também será criada quando traduzida. A equivalência direcional pode descrever a forma com

²⁵ *We soon reach the Canadian border, where the language of our forefathers is language to our ears. The Canadian highway is built on the same principles as the American one, except that its signs are bilingual. After SLOW, written on the road-surface in enormous letters, comes LENTEMENT, which takes up the entire width of the highway. What an unwieldy adverb! A pity French never made an adverb. Just using the adjective LENT....But to think of it, is LENTEMENT really equivalent to SLOW? We begin to have doubts, as one always does when shifting from one language to another, when our SLIPPERY WHEN WET reappears around a bend, follow by French GLISSANT SI HUMIDE. Whoa! As the Lone Ranger would say, let's pause a while on this SOFT SHOULDER, thankfully caressed by no translation and meditate on this SL, this “if”, more slippery itself than an acre of ice. No monolingual speaker of French would ever have come straight out of the phrase, nor would they have sprayed paint all over the road for the sake of a long adverb ending in – MENT. Here we reach a key point, a sort of turning lock between two languages. But of course parbleu instead of LENTEMENT [adverb., as in English] it should have been RALINTIR [verb in the infinitive, as in France]. (VINAY; DARBELNET, 1958/1972 *apud* PYM, 2010, p. 12).*

que uma tradução representa seus textos fonte. Pode ser vista como uma ficção social uma estrutura de crença que provou ser positiva a fim de reduzir dúvidas na tradução entre culturas.

Roman Jakobson desenvolveu a questão da equivalência na tradução em seu trabalho *On linguistic Aspects of Translation* (1959/2000, p. 14) em que destacou as dificuldades nesses termos: “A equivalência na diferença é o problema fundamental, da língua e preocupação axial entre os linguistas” (JAKOBSON, 1959 *In*: VENUTI, 2000, p. 14).

A tradução entre línguas diferentes exige que o tradutor transforme um texto original escrito em uma língua verbal específica, a língua-fonte, em um texto-alvo com uma linguagem verbal diferente. O estudo dispõe sobre a criação de três categorias: 1 Tradução intralingual, “renomeação” ou reescrita: uma interpretação de sinais verbais por meio de outros signos da mesma língua; 2 Tradução interlingual ou a tradução propriamente dita: uma interpretação de signos verbais por meio de outra língua; 3 Tradução intersemiótica ou transmutação: uma interpretação de signos verbais através de sistemas de signos não verbais.²⁶

A primeira categoria ocorre na paráfrase, no uso de outras palavras para a reescrita. A terceira categoria, a intersemiótica ocorre quando um texto escrito é traduzido para a linguagem de filme, música ou pintura. A tradução interlingual é a tradução tradicional e expressa desta forma: “o tradutor recodifica e transmite a mensagem recebida de outra fonte. Portanto, tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes” (JAKOBSON²⁷, 1959/2000, p. 114). A equivalência como sinonímia não ocorre em nenhuma de suas categorias, e, como resultado, o autor declara que toda a arte poética é tecnicamente intraduzível:

Apenas a transposição criativa é possível ou transposição intralingual – de uma forma poética para outra, ou transposição interlingual de uma língua para outra, ou finalmente a transposição semiótica a partir de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, dança, cinema ou pintura (JAKOBSON, 1959, p. 232-239).

Seguidor de Saussure, Jakobson afirma não haver uma equivalência completa entre as unidades de código. Nesse sentido, a perspectiva do autor adquire relevância ao inserir a

²⁶ *These three kinds of translation are to be differently labeled: 1. Intralingual translation or rewording is an interpretation of verbal signs by means of other signs of the same language. 2. Interlingual translation or translation proper is an interpretation of verbal signs by means of some other language. 3. Intersemiotic translation or transmutation is an interpretation of verbal signs by means of some other language.* (JAKOBSON, 1992, p. 77).

²⁷ *The translator recodes and transmits a message received from another source. Thus translation involves two equivalent messages in two diferente codes.* (JAKOBSON, 1959/2004, p. 114).

tradução no conjunto dos fenômenos culturais, em sua teoria da arte (JAKOBSON, 1992, p. 145).

Susan Bassnett em *Translation Studies* (2000) informa que a concepção de Jakobson é retomada pelo teórico francês Georges Mounin em *Les problèmes théoriques de la traduction* (1963) que concebe a tradução como uma série de operações da qual o ponto inicial e o produto final são significações que funcionam dentro de uma determinada cultura.

Em *Exploring Translations Theory* (2010, p. 108), no capítulo denominado *Uncertainty/Incerteza*, Anthony Pym trata do fato de que nunca se tem certeza absoluta dos significados que traduzimos. Por essa razão, assevera que Jakobson parafraseou o conceito de semiótica de Pierce quando escreveu que “o significado de qualquer signo linguístico é sua tradução como um signo alternativo, algo além” (JAKOBSON, 1959 *apud* PYM²⁸, 2010, p. 108).

Talvez a teoria da equivalência mais notável tenha sido desenvolvida por Eugene Nida. Para ele a tradução da Bíblia poderia ser realizada através da equivalência formal (com uso de palavras e de padrões textuais próximos) ou com a equivalência dinâmica (a tentativa de recriar a função das palavras que tinham originalmente). Sua teoria de tradução foi desenvolvida com base em seu trabalho como tradutor, a partir dos anos 1940.

Em seu trabalho *Towards a Science of Translation* (1964a) e em coautoria com Taber, *The theory and Practice of Translation* (NIDA; TABER, 1969), ambos estabelecem que uma expressão natural em uma língua deva corresponder à mesma expressão no outro idioma: “Traduzir consiste na reprodução na língua receptora do equivalente natural mais próximo da mensagem da língua-fonte” (NIDA; TABER, 1969 *apud* PYM, 2010, p. 9).

A abordagem sistemática de Nida toma por empréstimo o trabalho de Noan Chomksky sobre a estrutura mais próxima possível que formou a teoria da gramática transformacional gerativa (CHOMSKY, 1947/1965).

Nida apresenta uma metodologia que inclui um processo de codificação e decodificação:

Ela é prática e mais eficiente para (1) reduzir o texto-fonte às suas bases (kernels) estruturais e semânticas mais simples, (2) transferir o significado da língua-fonte para a língua receptora em um nível estruturalmente simples e (3) gerar a expressão estilística e semântica equivalente na língua receptora (NIDA²⁹, 1964, p. 68).

²⁸ *The meaning of any linguistic sign is its translation into some further, alternative sign.* (JAKOBSON, 1959 *apud* PYM, 2010, p. 108).

²⁹ *It's practical and scientifically more efficient to (1) reduce the source text to its bases (kernels evidents) structures and simple semantics. (2) transfer the source language meaning to the receptor language at a structurally simple level. (3) generate the stylistic and semantics expression equivalent to the receptor language.* (NIDA, 1964, p. 68).

O ponto central da teoria de Nida é o afastamento da velha ideia de que uma palavra ortográfica tenha um significado fixo. Ele direciona o foco para uma definição funcional do processo de significação no qual a palavra “adquire” significado através de seus contextos e pode produzir respostas variadas de acordo com a cultura. O significado linguístico é fragmentado, com empréstimos do modelo chomskyano, apresentando uma parte referencial, isto é, o significado de dicionário, denotativo, e outra emotiva, ou seja, conotativa.

Nida apresenta uma série de técnicas adaptadas da linguística, mecanismo de ajuda ao tradutor na determinação de significados de itens linguísticos diferentes. O autor também desenvolveu técnicas para determinar significados emotivos e referenciais na análise da estrutura de palavras, além da diferenciação de palavras em espaços lexicais relacionados. Essas técnicas incluíram a estruturação hierárquica, que diferencia série de palavras de acordo com seu nível, e a análise dos componentes, que busca identificar características específicas e discriminar de uma série de palavras relacionadas de acordo com seu nível.

A filosofia de Nida distancia-se da filosofia de Chomsky quanto à importância atribuída ao contexto cultural em que a comunicação ocorre, aspecto não contemplado nos estudos de Chomsky. Como protestante, Nida interessa-se pelo advento da transferência do poder da palavra e assume que a comunicação é poder, interessando-se mais na resposta da pessoa que recebe a comunicação, isto é, a resposta ao signo, do que a relação entre pessoas e símbolos (MOYA, 2004, p. 45-56).

John Catford no que se refere à equivalência observou que esta não se estabelecia em todos os níveis linguísticos de uma só vez. À medida que o tradutor percorre o texto, o nível de equivalência pode oscilar da função à frase, de acordo com as restrições impostas pelo texto de partida. Originário do texto de Catford, *A Linguistic Theory of Translation*, o termo shift segue o modelo linguístico proposto por Halliday. O autor analisa a língua como comunicação, operando funcionalmente em contexto e em níveis diferentes, como fonologia, grafologia, gramática, léxico e classificando sentença, grupo, palavra, morfema, e cláusula. (CATFORD, 1965, p. 20). “A tradução pode ser definida como a substituição do material textual em uma língua (TF) por um material equivalente em outra língua (CATFORD³⁰, 1965, p. 20).

O autor distingue correspondência formal e a equivalência textual. Correspondência formal seria o uso de qualquer categoria da língua alvo (unidade, classe, elemento de estrutura a qual se pode dizer que ocupa o mais próximo possível, o mesmo lugar da língua alvo como

³⁰ Translation may be defined as follows: the replacement of textual material in your language (SL) by equivalent material in another language. (CATFORD, 1965, p. 20).

uma dada categoria da língua fonte ocupa na língua alvo (CATFORD, 1965, p. 27). Equivalência textual é qualquer texto, ou parte dele, da língua alvo, observado em uma situação particular, ser o equivalente de um texto da língua fonte, ou parte do texto. Quando conceitos divergem, dizemos que ocorreu um *shift* ou “substituição” tradutória e equivalência:

Por *shifts* queremos dizer saída de correspondência formal no processo a partir do texto-fonte para a língua-alvo. Ocorrem dois tipos de *shifts*: de nível e de categoria. Por *shift* de nível queremos dizer que um item do texto-fonte, em um determinado nível, tem um equivalente de tradução em um nível diferente. [...] Por *shift* de categoria refiro-me a traduções livres e as classificatórias, referem-se àqueles casos especiais onde a equivalência é deliberadamente limitada às classificações (CATFORD, 1965, p. 27-). [...] *Shifts* de categoria são afastamentos da correspondência formal na tradução. [...] na ordem *shifts* estruturais, de classe, de unidade ou classificações e intra-sistema (CATFORD³¹, 2000, p. 143-7).

A questão da intraduzibilidade do texto é levantada por Catford, que faz a distinção entre dois tipos de intraduzibilidade: linguística e cultural. A primeira ocorre quando não há substituto lexical ou sintático devido a diferenças entre o texto de partida e o de chegada. A intraduzibilidade cultural revela-se quando inexiste na cultura-alvo uma característica semelhante para o texto fonte.

A teoria de Catford foi criticada por Rosemary Arrojo por estar estribada na seguinte definição: “[...] tradução é a substituição do material textual de uma língua pelo material textual equivalente em outra língua” (ARROJO, 2000, p. 12).

Jeremy Munday também se expressa contrariamente: “A crítica que se faz a Catford é que ele nunca vai além do nível da sentença, não considera a totalidade do texto, o que leva seus exemplos a se apresentarem idealizados e não retirados de traduções reais” (MUNDAY, 2001, p. 62). Em outro estudo, Arrojo diz que Catford não considera os papéis do sujeito e do contexto histórico-social na produção de significados (ARROJO, 2000, p. 82).

Grandes dicotomias podem ser calcadas na maneira em que a tradução representa o texto fonte. Para o teórico tcheco Jirí Levý (1969), traduzir implica em um processo de decisão que distingue a tradução ilusória da anteilusória. Na tradução ilusória, não se percebe que se trata de uma tradução, adaptada à cultura-alvo, e o texto do tradutor mostra-se como um trabalho inédito. Essa perspectiva é considerada a concepção ideal para muitas traduções. Já a tradução anteilusória retém algumas características do texto-fonte, permitindo que o leitor saiba que se tratar de uma tradução (LEVÝ, 1967, p. 148-171). *Assessment* refere-se a

³¹ *By shifts we mean departures from formal correspondence in the process of going from the SL to the TL. Two major types of shift occur: levelshift and category-shift. (CATFORD, 2000, 141). Category shifts. We referred to unbounded and rank-bounded translation: the first being approximately “normal” or “free” translation in which SL-TL equivalences are set up at whatever rank is appropriate. Category-shifts are departures from formal correspondence in translation. (CATFORD, 2000, p. 143). [...] in the order structure-shifts, class-shifts, unit-shifts (rank changes) intra-system-shifts. (CATFORD, 2000, p. 143).*

traduções “overt” ou “covert”. Na primeira, o leitor sabe que se trata de texto de chegada. Na tradução “covert”, o texto fonte desfruta do status do original na cultura alvo.

Juliane House define a terminologia da seguinte forma: Uma tradução “aberta” é aquela em que o receptor está consciente de que se trata de uma tradução. Para House uma tradução “aberta” é aquela voltada para a tradução do texto de forma “aberta” não se fixando totalmente no texto. “Uma tradução “coberta” é aquela que desfruta do status do texto original dentro da cultura alvo”. (HOUSE³², 1977, p. 66-69).

Cristiane Nord em *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Texts Analysis*, prefere os termos documental e instrumental para descrever traduções diferentes: poderá ser uma representação explícita do primeiro texto, ou poderá ser uma re-apresentação de sua função comunicativa (NORD, 1997, p. 47-52).

Nos anos 1970, Hans J. Vermeer introduziu a Teoria do Skopos, palavra grega que significa alvo ou propósito de traduzir. O maior trabalho da teoria do Skopos é *Grundlegung einer all gemeine Translations-theorie*, em co-autoria com Katharina Reiss (1984). Vermeer em sua teoria do Skopos afirma:

O que a Skopos afirma, é que o tradutor deve traduzir consistente e conscientemente, de acordo com os princípios respeitadores da cultura alvo. A teoria não afirma quais são os princípios: isto deve ser decidido separadamente em cada caso específico (VERMEER, 1989 In: VENUTI³³, 2000, p. 229).

A teoria é focada no propósito da tradução, que determina os métodos e as estratégias a serem empregadas para a produção de um resultado funcional.

A ação tradutória é baseada no texto-fonte, que precisa ser negociado, apresentado e com um propósito a ser executado. Saber o propósito do texto-fonte a ser traduzido e a função do texto-alvo são condições fundamentais para o tradutor. O resultado foi chamado por Vermeer de “translatum”. O modelo funcional do tipo de texto de Reiss foi adaptado para uma teoria geral e a proposta deveria atingir a todos os tipos de textos (VERMEER, p. 221).

1.8 Traduzir Recriando Sentidos

Esta seção inicia-se com as contribuições de Walter Benjamin, Ezra Pound, Haroldo

³² A covert translation is a translation which enjoys the status of an original source text in the target culture. (HOUSE, 1977, p. 66-69).

³³ What the Skopos states is that one must translate, consciously and consistently, in accordance with some principles respecting the target text. The theory does not state what the principle is: this must be decided separately in each specific case. (VERMEER, 1989/2000, p. 229-232).

de Campos, André Lefevere, Susan Bassnet, Lawrence Venuti e Jacques Derrida, para os estudos da tradução.

Benjamin atribuía ao texto uma “pós-vida” através da tradução. Traduziu para o alemão a obra de Baudelaire, *Tableau Parisiens*, em 1923. Sua visão experimental da tradução era parte da introdução do seu próprio trabalho. O texto de Walter Benjamin preconizava que a tradução viesse depois do original:

Uma tradução é transparente, não cobre o original nem bloqueia sua luz, no entanto, permite que a língua pura, reforçada pelos seus próprios meios, brilhe completamente sobre o original. Isso pode ser atingido, acima de tudo, pela rendição literal à sintaxe, o que prova que são as palavras e não as sentenças o elemento primário do tradutor (BENJAMIN, 1969, p. 21).

Por meio das traduções, as obras literárias tinham oportunidade de ter uma vida continuada. Portanto, a tradução seria uma atividade especial, que propiciaria ao texto continuar vivendo em outro contexto, o que faz do texto traduzido também um original. Jeremy Munday explica que, na parte central do ensaio, Benjamin informa aos leitores que a tradução não existe para dar uma compreensão do “significado” do original, pois ela existe separadamente e em conjunto com o original, vindo depois dele, emerge de sua “pós-vida”, bem como oferece ao original uma vida continuada (MUNDAY, 2001, p. 169-170).

Benjamin retoma o pensamento de Schleiermacher de trazer o estrangeiro para dentro do texto e trazer o leitor para o texto estrangeiro; seu conceito abstrato de desapegar-se do significado influenciou teóricos pós-modernistas e desconstrucionistas como será discutido posteriormente em Ezra Pound, André Lefevère, Haroldo de Campos e Lawrence Venuti.

O ensaio de Benjamin “A Tarefa do Tradutor” foi redescoberto na década de 1980, tornando-se um dos textos mais relevantes para a teoria da tradução literária. Do ponto de vista de Benjamin:

A tarefa do tradutor consiste em encontrar aquele efeito pretendido [intenção] na língua para a qual está traduzindo de tal forma que nela se instale o eco do original. Esta é uma característica da tradução que basicamente se diferencia do trabalho do poeta, porque o esforço deste nunca é direcionado para a língua como tal, em sua totalidade, exceto única e imediatamente em aspectos contextuais linguísticos específicos (BENJAMIN, 1969, p. 21).³⁴

Seguidor dos princípios tradutórios propostos pelas reflexões de Walter Benjamin,

³⁴ *The task of the translator consists in finding that intended effect [Intention] upon the language into which he is translating which produces in it the echo of the original. This is a feature of translation which basically differentiates it from the poet's work, because the effort of the latter is never directed at the language as such, at its totalily, but solely and immediately at specific linguistic contextual aspects* (BENJAMIN, 1969, p. 21). Nota: Esta tradução em 1923 do ensaio “Die Aufgabe des Übersetzers”, foi publicada sob o título *Illuminations, introdução de Hanna Arendt*. (New York: Harcourt, Brace and World, 1968).

Ezra Pound foi poeta, tradutor e crítico da tradução, com notável contribuição sobre a relação entre línguas. Experimentalista, procurava as qualidades expressivas da linguagem em sua forma, clareza, som e ritmo. O processo criativo de Pound é descrito como fruto de reflexões sobre o significado, o contexto e as questões que envolvem a estética:

Logopoeia é “a dança do intelecto por meio das palavras”, isto é, emprega palavras não apenas por seu significado direto, mas leva em conta, de uma maneira especial, os hábitos de uso, do contexto que esperamos encontrar com a palavra, suas aceitações conhecidas e de jogo irônico. Ela mantém o conceito estético que é o peculiar domínio da manifestação verbal, e não pode estar presente nas artes plásticas e na música. É o modo mais recente, e talvez o mais fugidio e não confiável (POUND, 1937, p. 170).

Sua tradução de ideogramas chineses é típica de sua abordagem imagética, capturando a forma do sinal e a energia do objeto. Leitor dos clássicos gregos e latinos, da literatura anglo-saxônica, além da literatura italiana, tentou escapar dos modelos vitorianos e eduardianos, fazendo experiências com a língua com espírito arcaizante e não necessariamente claro, que Venuti (2002) liga à sua estratégia estrangeirizante.

Do ponto de vista de Edwin Gentzler, o que permanece estável nos textos através dos tempos é a forma preconizada por Pound: “[...] a linguagem tem vida própria, está repleta de energia graças à melopeia (a propriedade musical), à phanopoeia (a visual) e à logopeia (dança do intelecto entre as palavras)” (GENTZLER, 2001, p. 63).

Sua arcaização e sua estrangeirização levaram-no a uma marginalização. O experimentalismo de Pound na tradução é descrito como “uma ferramenta de luta cultural” (*apud* GENTZLER, 2001, p. 38-48).

A relação de Pound com a transcrição de Haroldo de Campos é descrita pela teórica de tradução brasileira Else Vieira:

A tradução de textos criativos, Campos argumenta, é sempre recriação, oposto da tradução literal, mas sempre recíproca; uma operação na qual não é apenas o significado que é traduzido, mas o próprio signo em toda a sua corporalidade (propriedades sonoras, imagens visuais, tudo que compõe a iconicidade do sinal estético)... Com Pound, a tradução é vista como crítica em tal grau que tenta teoricamente se antecipar à criação. A tradução escolhe, elimina repetições, organiza o conhecimento de tal forma que a próxima geração poderá encontrar apenas a parte ainda viva. A frase cunhada por Pound “Make it New”: “Faça o Novo” é, portanto, retomada por de Campos como a revitalização do passado via tradução (VIEIRA³⁵, 1999, p. 105).

³⁵ *The translation of creative texts, Campos argues, is always recreation, the opposite of a literal translation, but always reciprocal; an operation in which is not only the meaning that is translated but the sign itself in all its corporality (sound properties, visual imageries, all that makes up the iconicity of the aesthetics sign)...with Pound, translation is seen as criticism, insofar as it attempts theoretically to anticipate creation, it chooses, it eliminates repetitions it organizes knowledge in such a way that the next generation may find only the still living part. Pound's well-known “Make it new” is thus recast by de Campos as the revitalization of the past via translation. (VIEIRA, 1999, p. 105).*

Haroldo de Campos, grande nome da área da tradução no Brasil, no ensaio “Da tradução como criação e como crítica”, ao conceituar seu processo tradutório, demonstra conceber a tradução como uma atividade intimamente ligada à interpretação e à leitura, ou seja, um processo crítico. Como se segue:

A tradução de poesia (ou prosa que a ela equivalha em problematização) é antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido. Como que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragílima beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. [...] Por isso mesmo a tradução é crítica. Os móveis primeiros do tradutor, quer seja também poeta ou prosador, são a configuração de uma tradição ativa (daí não ser indiferente a escolha do texto a traduzir, mas sempre extremamente reveladora), um exercício de inteligência, e, através dele uma operação de crítica ao vivo (CAMPOS 1992: 43-44).

Haroldo de Campos foi grandemente influenciado pelo Movimento Modernista Antropofágico que concebe o tradutor como intérprete, bem como consta como autor da teoria da tradução brasileira canibalista, situada dentro dos estudos da tradução pós-coloniais. Juntamente com seu irmão poeta e tradutor, Augusto de Campos, considera a tradução como um ato de absorver, transformar e recriar.

Em seus trabalhos de tradução, desdobrava etimologicamente todas as possibilidades expressivas contidas nos vocábulos. O Autor propôs um laboratório de textos para o desenvolvimento da prática criativa. Usou como fundamentação para o projeto:

[...] nenhum trabalho teórico sobre problemas da poesia, nenhuma estética da poesia será válida como pedagogia ativa se não exhibir imediatamente os materiais a que se refere, os padrões criativos (textos) que se tem em mira. Se a tradução é uma forma privilegiada de leitura crítica, será através dela que se poderão conduzir outros poetas, amadores e estudantes de literatura à penetração no âmago do texto artístico, nos seus mecanismos e engrenagens mais íntimos [...] (CAMPOS, 1992, p. 185).

Haroldo de Campos traduziu muitos poetas: de Pound a Maiakowski, de Joyce a Mallarmé, de Dante a Goethe. Criou cunhagem neológica com termos especificadores: recriação, transcrição, reimaginação (poesia clássica chinesa), transparadisação ou transluminação (Seis Cantos do Paradiso de Dante) transluciferação mefistofáustica (Cenas finais do segundo Fausto de Goethe). A tradução até então era considerada uma atividade subalterna diante do texto original “autocrático” e “verocêntrico”, que levavam ao “apagamento” do tradutor e Campos produziu uma verdadeira transformação na concepção do papel do tradutor (CAMPOS, p. 185).

Em uma tradução como *Transblanco*, que se passa entre línguas tão próximas e aparentemente solidárias como o espanhol e o português, o tradutor é assaltado pela diferença. A transcrição surge dialógica e transgressora colocada em um texto radical, unindo-se a ele,

e desunindo-se em movimento de duplicidade afim.

Referindo-se ao seu trabalho de tradução do *Qohélet*, H. de Campos deixa claro o seu posicionamento teórico quando afirma ter procurado, dentro das possibilidades:

[...] observar o princípio de equivalência no plano lexical. Deixei-me livre, porém, para atender com certa flutuação, onde necessário, às injunções do texto de minha “transcrição” em português [...]. [...] tendencialmente, intentei “hebraizar” o português. No sentido de Goethe (do “terceiro e supremo estágio da tradução”) e de Rudolf Pannwitz (“O erro fundamental do tradutor é fixar-se no estágio em que, por acaso, se encontra sua língua, em lugar de submetê-la ao impulso violento da língua estrangeira”) (CAMPOS, 1990, p. 31-32)

Haroldo de Campos apropriou-se dos conceitos de Walter Benjamin, Roman Jakobson e Ezra Pound, todos interessados no texto de partida e, nesse sentido, como tradutor, se deliciava no jogo das palavras etimologicamente afins, ação chamada “parequese” (CAMPOS, 1990, p. 182) e desdobrava etimologicamente todas as possibilidades expressivas contidas nos vocábulos.

Para os teóricos da tradução brasileira, esta revitalização ocorre quando se percebe que as energias vivas do texto-fonte estão revividas em um texto de chegada. Trata-se de tradução liberta das amarras da tradução literal, com liberdade de escolha, supressão de repetições, além da inserção de imagens e sons na composição da tradução criativa.

André Lefevere tem seu nome frequentemente associado a Susan Bassnett já que publicaram juntos *Constructing Cultures* (1997) e organizaram uma coletânea de textos de estudiosos da tradução, *Translation, History and Culture* (1990). Embora alguns situem André Lefevere entre os teóricos dos sistemas, seu último trabalho sobre tradução e cultura representa um elo com a virada cultural da tradução.

Seus conceitos estão mais desenvolvidos em *Translation, Rewriting and the Manipulation of the Literary Fame* (1992). Lefevere examina fatos concretos que sistematicamente governam a recepção, a aceitação ou rejeição de textos literários, ou seja temas como poder, ideologia, instituição e manipulação (LEFEVERE, 1992a, p. 2).

No prefácio de *Translation, History and Culture* (1990, p. 1), André Lefevere e Susan Bassnett definem a posição da tradução vista como reescritura. O objetivo de Lefevere foi investigar fatores concretos que governam a recepção, aceitação ou rejeição de textos literários, canonização ou não de trabalhos literários e pelas relações de poder, ideologia, instituição e manipulação. As pessoas envolvidas em tais posições de poder são as que “reescrevem” a literatura e controlam seu consumo pelo público:

Tradução é, naturalmente, uma reescritura de um texto original. Todas as reescrituras, quaisquer que sejam suas intenções, refletem uma ideologia e uma poética, e como tal manipulam a literatura para atuar em determinada sociedade de uma forma determinada. Reescritura é manipulação contratada a serviço do poder e em seu aspecto positivo pode ajudar a evolução de uma literatura e sociedade. Reescrituras podem introduzir novos conceitos, gêneros, dispositivos e, a história da tradução é a história também da inovação, do poder de uma cultura moldar outra. Todavia, a reescritura também reprime inovação distorce e controla. Em tempos de manipulações crescentes de todos os tipos, o estudo dos processos manipulativos da literatura como exemplificado pela tradução pode nos ajudar a direcionar uma maior conscientização do mundo em que vivemos (LEFEVERE³⁶, 1990, p. 1).

Para ele, a tradução precisa ser estudada em conexão com o poder e mecenato, ideologia e poética, sobre as várias tentativas de escorar ou detonar uma ideologia ou poética existente. Precisa ser estudada com o tipo de texto e registro e em conexão com esforços para integrar os diversos Universos do Discurso (LEFEVERE, 1992, p. 10).

O autor complementa posteriormente suas reflexões acima em outro texto *Translation, History and Culture, A Sourcebook* (1992). Para Lefevere, o estudo de reescrituras como traduções, antologias, historiografia e crítica pode tornar-se um estudo produtivo de tradução integrado à Literatura Comparada e à Teoria Literária. Tradutores, críticos, historiadores, antologistas, professores e jornalistas podem projetar imagens positivas ou negativas de um texto, um escritor ou uma literatura.

Se estudados seriamente, esses textos reescritos poderão dizer muito sobre a influência do poder e da ideologia na criação e educação. Lefevere assevera em outro momento, que os estudos da tradução deveriam estar incluídos na temática da reescritura:

O estudo da tradução deveria estar subordinado ao mais abrangente tópico da reescritura. Tradutores, críticos, historiadores e antropólogos todos escrevem sob as mesmas coações no mesmo momento histórico. São produtores de imagens, exercendo o poder de subversão sob a aparência da objetividade. Os tradutores não apenas traduzem palavras; eles também traduzem o universo do discurso, uma poética e uma ideologia (LEFEVERE³⁷, 1992b, p. 94)

A reescritura é um acontecimento antigo, já que, historicamente, os “reescritores” sempre existiram desde o tempo do escravo grego que selecionava antologias dos clássicos

³⁶ *Translation is, of course, a rewriting of an original text. All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in a given way. Rewriting is manipulation, undertaken in the service of power, and its positive aspect can help in the evolution of a literature and a society. Rewritings can introduce new concepts, new genres, new devices, and the history of translation is the history also of literary innovation, of the shaping power of a culture upon another. But rewriting can also repress innovation, distort and contain, and in an age of ever increasing manipulation of all kinds, the study of the manipulative processes of literature as exemplified by translation can help us towards a greater awareness of the world in which we live.* (LEFEVERE, 1992, p. 10).

³⁷ *The study of translations should be subsumed under the more encompassing heading of rewriting. Translators, critics, historians, and anthologizes all rewrite texts under similar constraints at the same historical moment. They are image makers, exerting the power of subversion under the guise of objectivity. Translators do not just translate words; they also translate a universe of discourse, a poetics, and an ideology.* (LEFEVERE, 1992b, p. 94).

gregos para ensinar aos filhos dos patrícios. Durante o Renascimento, o erudito selecionava manuscritos e trechos de manuscritos a fim de publicar uma edição de um clássico grego ou romano.

Como se pode constatar, Lefevere vê a tradução como fator de um processo de aculturação e, do seu ponto de vista, o fenômeno pode ser visto sob dois ângulos que podem, ou não, ser complementares.

A tradução pode nos ensinar sobre o grande problema da aculturação, a relação entre culturas diferentes que está se tornando gradativamente importante para a sobrevivência do nosso planeta e tentativas anteriores sobre aculturação-tradução podem nos ensinar sobre a tradução (LEFEVERE³⁸, 1992, 12).

O autor esclarece aos futuros tradutores, a necessidade de o contexto cultural ser colocado em primeira perspectiva e posteriormente seguir para a estrutura do texto. Embora os tradutores possam fazer uso de todas as técnicas linguísticas e hermenêuticas que tenham aprendido, o objetivo de seu esforço deve ser o texto como integrante de determinada cultura e não a palavra ou a frase, pois se trata de uma transposição de textos de uma cultura para outra.

Até um passado recente, as reescrituras como tradução, edição e antologização de textos, compilação de obras de referência, biografias e resenhas de livros eram consideradas de baixo nível, posição completamente revertida atualmente, dentro do contexto de educação e sociedade em geral. O leitor comum lê a reescrita, ou seja, o texto traduzido.

As reescrituras são produzidas a serviço ou sob restrições de certas correntes, de duas ordens: ideológicas e/ou poetológicas. Não chamam atenção sobre si próprias e identificam-se como algo menos partidário, mais prestigioso, e completamente irreversível como “o curso da história”. As primeiras são as que se conformam ou se rebelam contra a ideologia dominante. As segundas são escritas em conformidade ou contrariamente à poética dominante. O autor afirma ainda que até mesmo o processo básico de reescrita, presente na tradução, historiografia, antologia crítica e edição ou suas próprias compilações, manipulam, adaptam os originais com os quais trabalham, para adequá-los dentro das correntes ideológicas ou poetológicas. Lefevere cita como exemplo de reescritura produzida por Edward Fitzgerald, o Rubayat, ao considerar os persas inferiores, conseguiu reescrevê-los de uma forma fantástica, e poetologicamente, acreditava que os poemas deveriam ser produzidos de forma a

³⁸ *Translation can teach us about the wider problem of acculturation, the relation among different cultures that is becoming increasingly important for the survival of our planet, and former attempts at acculturation-translation can teach us about translation.* (LEFEVERE, A. 1992b, p. 12).

possibilitar uma leitura semelhante à corrente dominante, afirmando que “nem em sonhos, jamais traduziria os clássicos Homero ou Virgílio” (LEFEVERE, 1992, p. 4).

O mecenato é algo próximo dos poderes, pessoas ou instituições com a capacidade de impedir ou fomentar a leitura, a escritura e a reescritura da literatura. Não se interessa pela poética da literatura e sim pela sua ideologia, sendo que o mecenas permite ao profissional, decisões referentes à poética. Lefevere cita o pensamento de Foulcault: “Aquilo que faz com que o poder seja durável, o que o faz aceitável, é o que ele não pesa sobre nós como uma força que diz não, mas o que atravessa e produz coisas, induz prazeres, constrói conhecimento, produz discurso” (FOULCAULT, 1980 *apud* LEFEVERE, 1990, p. 6).

Dentro das relações de poder, as instituições compelem a poética dominante de um determinado período usando-a contra a produção da atualidade, portanto certos textos literários de literatura seriam elevados à posição de clássicos, dentro de um período relativamente curto posterior à publicação, enquanto que outros textos seriam rejeitados, outros poderiam alçar a posição dos clássicos mais tarde, somente quando a poética dominante tivesse mudado (LEFEVERE 1992, p. 19).

Além disso, Lefevere assevera que o sistema é conservador em sua essência e o poder de reescrever no que diz respeito aos clássicos canonizados, que jamais perdem seus status, são reescritos conforme as mudanças na poética dominante, como no caso dos clássicos gregos, que continuam a exercer influência na literatura europeia ocidental.

Lefevere sugere que deveríamos saber mais sobre a história da tradução fora do ocidente. Para ele, as vantagens seriam o fato de que quanto mais se relativiza as práticas do presente, mais se saberá que estas são construídas e contingentes, e não eternas e transparentes. Para o autor, os feitos mais interessantes nos estudos da tradução contemporâneos provêm de culturas em fase de desenvolvimento pós-colonial, as quais levam a uma re-avaliação dos cânones de excelência baseados nos modelos europeus (LEFEVERE, 1998, p. 10).

Susan Bassnet lançou seu último livro, denominado *Translation (The New Critical Idiom)*, no dia 12 de outubro de 2013, dia de Colombo. A escolha do lançamento do livro é bastante apropriada, já que o descobrimento de outro continente propiciou o encontro de centenas de línguas nativas. O prefácio do volume versa sobre as questões de mobilidade da sociedade contemporânea, causada por guerras, mudanças econômicas que acabam propiciando o êxodo do país de origem, busca por melhores condições econômicas, desejo de conhecer outras culturas, o fenômeno da globalização (BASSNETT, 2013).

Em *Comparative Literature* (1993), explica que a relação entre a Literatura

Comparada e os estudos da tradução tem sido complexa e problemática: “A arte da tradução é subsidiária e derivativa. Sob essa consideração, à tradução nunca foi admitida a dignidade de uma obra original, tem sido bastante prejudicada no juízo geral das letras”. Reconta o caminho trilhado pelos estudos da tradução, a trajetória de muitos estudiosos da área valorizando a tradução e a mudança de patamar da tradução. Bassnett exalta o processo da tradução, com textos de um sistema cultural para outro afirmando que a tradução é uma atividade transgressora, dependente de políticas da tradução que controlam o ato de traduzir.

Chamamos esta mudança de ênfase, de “virada cultural” nos estudos da tradução e sugerimos que um estudo dos processos de tradução combinados com a prática de traduzir possa oferecer uma forma de compreender o quanto é complexo o processo manipulativo textual e como se realiza: como um texto é selecionado para tradução, por exemplo, qual o papel que um editor crítico, editor, mecenato desempenham, e quais critérios determinam as estratégias que serão empregadas pelo tradutor e como um texto poderá ser recebido no sistema alvo (BASSNETT³⁹, 1998, p. 123)

Bassnett publicou com Peter Bush *The Translator as a Writer* (2006), no qual discute os embates da tradução até chegar ao resultado final que será publicado. Os autores afirmam que a tradução é um sujeito crítico, histórico, teórico e emocional, fatores determinantes que movem a tradução para o processo da escrita, e não um ser despido de personalidade.

Um grande nome na área dos Estudos da Tradução é o contemporâneo Lawrence Venuti, que recebeu influência de Schleiermacher (1913) ao desenvolver sua teoria em *The Translator's Invisibility* (1995, p. 19). Ele discute a questão da invisibilidade no processo de tradução, que julga marginalizado, tendo como destaque a hegemonia exercida por países poderosos sobre os pobres.

Apresenta dois princípios básicos da tradução: a domesticação e a estrangeirização. O fenômeno da domesticação está presente em países anglófonos de acordo com o alerta dos teóricos pós-colonialistas. A questão política desta opção tradutória envolve o reducionismo do texto estrangeiro com a supressão das questões culturais. A invisibilidade reside na produção de uma tradução transparente e fluente, com o apagamento das diferenças linguísticas e culturais presentes no texto de partida. Quanto à estrangeirização, significa escolher um texto estrangeiro e desenvolver métodos para a tradução mantendo aspectos culturais do texto fonte.

Venuti em *The Translator's Invisibility* (1995, p. 19) defende sua posição polêmica no

³⁹ *We call this shift of emphasis, the ‘cultural turn’ in Translation studies and suggested that a study of the processes of translation combined with the praxis of translating could offer a way of understanding how complex manipulative textual process take place: how a text is selected for translation, for example, what role the translator plays in that selection, what role an editor, publisher, patronage plays, what criteria determine the strategies that will be employed by the translator, how a text might be received in the target system. (BASSNETT, 1998, p. 123).*

que diz respeito aos diversos aspectos da tradução a ser considerados, como a autoria, fluência e “domesticação”:

Um texto traduzido, em prosa ou poesia, ficção ou não ficção, é julgado pela maioria dos editores, revisores e leitores quando é lido fluentemente, quando a ausência de qualquer peculiaridade linguística ou estilística fá-lo parecer transparente, dando a aparência que reflete a personalidade do escritor estrangeiro, ou a intenção ou o significado essencial do texto estrangeiro – a aparência, em outras palavras, que a tradução não é de fato uma tradução, mas sim o “original” (VENUTI⁴⁰, 1995, p. 32).

Conforme se lê em *The Translator’s Invisibility, a History of Translation* (1995, p. 32) a questão da invisibilidade está calcada em princípios filosóficos. Abaixo Venuti discute a tradução da língua inglesa atual, marcada profundamente pelo método genealógico em que a descontinuidade se fixa no presente produzindo presentes heterogêneos:

O objetivo deste livro é combater a invisibilidade do tradutor com uma história de – e em oposição a – tradução de língua inglesa contemporânea. Até o momento, tratase de uma história cultural com uma agenda política manifesta, seguidora do método genealógico desenvolvido por Nietzsche e Foucault com abandono de dois princípios que governam a maior parte da historiografia convencional: teleologia e objetividade. A genealogia é uma forma histórica de representação que descreve não uma progressão contínua de uma origem unificada, um desenvolvimento inevitável em que o passado concentra seu significado no presente, mas a sucessão descontínua da divisão e hierarquia, dominação e exclusão, que desestabiliza a aparente unidade do presente constituindo um passado com significados heterogêneos e plurais. (VENUTI⁴¹, 1995, p. 32).

Venuti qualifica a questão da fluência textual de uma tradução como inteligível, familiar, domesticada e não “desconcertantemente” estrangeira, capaz de oferecer ao leitor “acesso a “grandes pensamentos” para o que está “presente no original”.

Segundo Venuti,

O tradutor sob o regime de tradução fluente executa seu trabalho de forma a torná-lo “invisível”, ao produzir o efeito ilusório da transparência que mascara simultaneamente seu status como uma ilusão: o texto traduzido parece “natural,” isto é, não traduzido. (VENUTI⁴², 1995, p. 5)

⁴⁰ *A translated text, whether prose or poetry, fiction or non-fiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original”.* (VENUTI, 1995, p. 32).

⁴¹ *The Project of the present book is to combat the translator’s invisibility with a history of – and in opposition to – contemporary English language translation. So far, it is a cultural history with a professed political agenda, which follows the genealogical method developed by Nietzsche and Foucault and abandons the two principles that govern much conventional historiography: teleology and objectivity. Genealogy is a form of historical representation depicts, not a continuous progression from a unified origin, an inevitable development in which the past fixes the meaning of the present, but a discontinuous succession of division and hierarchy, domination and exclusion, which destabilize the seeming unit by constituting a past with plural, heterogeneous meaning.* (VENUTI, 1995, p. 32).

⁴² *Under the regime of fluent translating the translator works to make his or her work “invisible”, producing the illusory effect of transparency that simultaneously masks its status as an illusion: the translated text seems “natural”, that is, not translated.* (VENUTI, 1995, p. 5).

Em seu livro, *Escândalos da Tradução*, Venuti observa que o ato de submeter o que foi traduzido a serviço de uma cultura tradutora “[...] abre espaço para assimetrias, revela injustiças, ilumina relações de dominação e dependência” (VENUTI, 2002, p. 15). Por essas razões, a tradução em sua opinião torna-se uma atividade escandalosa. Para ele, os chamados “escândalos da tradução” são culturais, políticos e econômicos.

Venuti explica que a questão da marginalização da tradução reside no fato de que o ato tradutório concorre para o questionamento dos valores culturais estabelecidos. Além disso, a tradução pode ser um elemento de manutenção do status quo, revisando ou mantendo a hierarquia dos valores da cultura-alvo. Nesse sentido, a heterogeneidade é a capacidade da tradução de formar identidades culturais, podendo criar estereótipos para culturas estrangeiras, estigmatizando ou valorizando etnias. Desse modo, a tradução é capaz de consolidar ou alterar cânones, de construir uma identidade (VENUTI, 2002, p. 130-131).

A escolha de uma determinada prática tradutória pode criar valores diferentes do modelo cultural vigente, no contexto-alvo, proporcionando, dessa forma, uma abertura na alteridade, permitindo que se insiram valores domésticos no texto estrangeiro. Desse modo, a tradução denominada “estrangeirizante” consiste na manutenção das diferenças existentes entre as culturas fonte e meta, na importação de padrões linguísticos e culturais da língua da tradução. Venuti defende ser este o melhor caminho, pois permite a visibilidade do tradutor, levando a uma valorização de seu trabalho, além de fornecer um intercâmbio cultural entre as culturas de origem e alvo. Em suas palavras: “[...] quanto mais fluente a tradução, mais invisível está o tradutor e presumidamente, mais visível o escritor ou o significado do texto estrangeiro” (VENUTI⁴³, 1995, p. 1).

Outro fator importante com relação à tradução “estrangeirizante” é que ela pode atuar como “[...] uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o narcisismo cultural e o imperialismo, nos interesses das relações geopolíticas democráticas” (VENUTI, 1995, p. 20). A tradução “estrangeirizante” também pode ser determinada pela forma como ela é apresentada, ou seja, como a arte final da capa, a diagramação das páginas, a publicidade, o modo como uma obra é lida e interpretada.

Afirma Venuti que a tradução é uma atividade que ocupa uma posição secundária no que se refere às pesquisas e aos debates acadêmicos, sobretudo em contexto norte-americano, embora seja uma prática interdisciplinar que abriga áreas diferentes como a linguística, as línguas estrangeiras, a literatura comparada, entre outras.

⁴³ *The more fluent the translation, the more invisible the translator, and presumably, the more visible the writer or meaning of the foreign text.* (VENUTI, 1985, p. 1).

Um exemplo de tradução domesticante foram os livros editados sobre o Japão nos Estados Unidos da América, após a Segunda Guerra Mundial, que passavam pela análise de professores universitários que decidiam o que deveria ou não ser publicado no contexto norteamericano.

Esse procedimento provocou a representação do Japão como uma terra exótica e estilizada, imagem não condizente com o período da Guerra, repleto de referências a uma potência ameaçadora. Segundo Venuti, tal procedimento provoca a invisibilidade do tradutor, terminologia usada em seu livro *The Translator's Invisibility: a History of Translation* (1995), “estranha auto-aniquilação, um modo de tradução marginal” (VENUTI, 1995, p. 80).

Note-se que os termos “domesticação” e estrangeirização carregam um conteúdo ético, ou seja, a liberdade para a escolha do texto a ser traduzido e pela estratégia desenvolvida para a tradução junto à cultura receptora, ao passo que “fluência” e “resistência” indicam estratégias de tradução com características discursivas em relação ao processamento linguístico do leitor.

Venuti apresenta argumentos que permitem que a transparência seja desmistificada. A violência, ou dano, ao texto é primeiramente exercida pelo tradutor quando se vê forçado a eliminar uma rede de significantes do texto de partida, iniciando com as características acústicas e com grafemas. Essa visão reduz a definição do ato tradutório como uma substituição forçada das diferenças linguísticas e culturais.

Conforme se verifica em Venuti (1995, p. 18), seu objetivo era defender uma tradução estrangeirizante com o desenvolvimento de uma teoria e prática, que resista a valores dominantes na cultura receptora, de forma a marcar as diferenças culturais e linguísticas do texto estrangeiro. O resultado seria uma tradução que valorizasse a experimentação móvel, que buscasse encaixar as polivalências ou acentuações expressivas do original.

Outro teórico favorável à tradução estrangeirizante e citado por Venuti, Phillip E. Lewis (1985, p. 41) cunhou o termo “fidelidade abusiva”, defensor da evocação de uma estrangeirização, com o uso de léxico, sintaxe, registros, dialetos, estilos e discursos. A estratégia resultante pode ser chamada de resistência que evita a tradução anglófona e desafia a cultura etnocêntrica do texto de chegada. Sua reflexão é derivada dos estudos de Derrida sobre a tradução. Lewis valoriza as traduções que não adotam as normas da cultura alvo, seguem o texto fonte com demasiada fidelidade, provocando estranhamento no leitor.

Incluiu-se nesta seção a teoria da Desconstrução de autoria de Jacques Derrida que concebe a tradução como criação, seguindo o princípio benjaminiano.

No texto “Carta a um amigo japonês” (1985, p. 19), Derrida constrói uma reflexão

sobre o papel da tradução, a partir da tentativa de se traduzir o termo “desconstrução” do francês para outras línguas.

Pondera que a questão da tradução engloba o conceito de desconstrução do princípio ao fim, já que as frases do texto de partida são construídas de acordo com a forma de uma língua nacional e, na busca por entender essa forma e seu conteúdo, o estrangeiro e/ou o tradutor usa o processo de desconstrução das frases e da desarticulação dos vocábulos. A desconstrução ocorre em relação ao escritor traduzido e a construção em relação à língua do tradutor, não havendo limitações a modelos linguísticos, gramaticais, semânticos ou de natureza mecanicista, já que, nesse processo, esses modelos também são desconstruídos.

A palavra desconstrução é de uso raro na língua francesa, tendo seu significado original desconstruído e o discurso determinado pelo seu valor de uso. O objetivo do uso do termo era desfazer, decompor, dessedimentar as estruturas linguísticas, logocêntricas e fonocêntricas, bem como questionar a teoria linguística saussureana (DERRIDA, 1995, p. 22).

O autor também enfatiza que a desconstrução não constitui nem análise nem crítica. Para ele, a desconstrução não é método, nem sequer operação, carregando por isso um enigma, uma vez que não é reflexo do eu, estando em toda parte. As dificuldades encontradas para a definição e a tradução da palavra desconstrução são devidas à complexidade dos conceitos definidores, dos sistemas sintáticos e dos significados lexicais, que são também desconstrutíveis.

Segundo a concepção de Derrida, a tradução não é vista como um acontecimento secundário ou simplesmente derivado em relação a uma língua ou a um texto de origem. Em uma cadeia de substituições, a desconstrução é uma palavra e um processo essencialmente de substituição. Por essa razão, a solução para se traduzir a palavra desconstrução é encontrar outro termo ou inventar outra palavra no outro idioma, ou seja, conduzir o vocábulo a outro lugar, o da sua escritura e o da transcrição (DERRIDA, 1995, p. 25).

Ao discutir a desconstrução derridiana, Edwin Gentzler retoma a produção de Heidegger (*Sein und Zeit*, 1927/1971a) e suas reflexões sobre o ato de escrever, sobre as questões de linguística, poesia e tradução, revelando novas linhas de pensamento e rompendo com as limitações metafísicas da tradução. Segundo Gentzler, Heidegger percebeu que as restrições da língua limitavam seu pensar e deu início à desconstrução de tais limites ao jogar com a língua fazendo-a falar por meio de variações e distorções. Dessa maneira, aponta para um novo tipo de pensamento, a saber, não pensar no “ser-aí”: “[...] o que é denominado, mas pensar no “ser-aí que não é denominado”, e nunca pode ser, porque não “é” e sugere um aspecto da língua que se retrai ou se retira” (HEIDEGGER, 1971a p. 88 *apud*

GENTZLER, 2010, p. 194).

Nessa direção, Derrida parte do conceito acima para mostrar que “ser-aí” ao mesmo tempo não “é”. Dessa forma, Derrida cunha o neologismo *différance* para se referir não ao que existe na língua, mas sim ao que não existe. *Différance* deriva do verbo latino *differe*: procrastinar, atrasar (horizonte temporal) ao mesmo tempo, diferir, divergir (horizonte espacial). Derrida altera uma letra em *différence*, forçando o leitor a pensar em termos do inaudito, invadindo seu subconsciente (GENTZLER, 2009, p. 192-197).

Com relação à tradução, sugere que ela deva desviar-se do significado do texto, já que o jogo que a tradução pressupõe não tem significado. Por essa razão a tradução não deve olhar a mensagem original, nem sua codificação, mas as múltiplas formas e interligações que ela deve sofrer para falar, se referir, “supondo um jogo de formas”. Assim, a tradução passa a oferecer um lugar para abertura de novos caminhos na travessia que se dissemina e escapa, dando lugar ao jogo, para estender fronteiras (GENTZLER, 2009, p. 200).

Na medida em que aquilo que chamamos de “sentido”, algo a ser expresso, é, em toda a sua extensão, constituído de um tecido de diferenças, na medida em que há já um texto, uma rede de remessas textuais a outros textos, uma transformação textual na qual cada “termo” pretensamente “simples” é marcado pelo rastro de outro, a interioridade presumida do sentido é já trabalhada por seu próprio exterior (DERRIDA, 2001, p. 39-40).

Por fim, Derrida questiona qualquer definição da tradução como transporte, reprodução, representação ou comunicação do “significado” original, já que a tradução poderia ser vista mais corretamente como um caso em que a língua está sempre no processo de modificar o texto original, de procrastinar e afastar para sempre qualquer possibilidade de compreender aquilo que o texto original deseja dominar.

Esta seção apresentou os teóricos que têm interesse na tradução como processo criativo. Nosso ponto de partida foram as concepções de “língua pura” do texto e sua sobrevida em outros textos de Walter Benjamim. De Ezra Pound anotamos a notável contribuição sobre a relação entre as línguas com experimentalismo com a linguagem, forma, clareza e ritmo.

Haroldo de Campos via a tradução como processo de interpretação e leitura crítica, autor dos conceitos de tradução como recriação, trans-criação André Lefevere trouxe a perspectiva da tradução ser uma reescritura, devendo o tradutor submeter-se ao tempo da tradução, levando em consideração a tradição literária e ao tipo de língua, com possibilidade incorporar abordagens tradicional às mais modernas. Para ele a tradução é um ato de poder, e os tradutores traduzem o universo do discurso. Lawrence Venuti contribuiu para nosso estudo

com sua concepção de tradução estrangeirizante ou domesticante, sendo que o primeiro conceito oferece a visibilidade ao tradutor enquanto que a segunda o torna invisível. Inclui também se a grande contribuição de Jacques Derrida e sua teoria da Desconstrução.

No próximo capítulo aborda-se a poética, a militância política de Morrison com o uso do dialeto *Black English* presente em sua escritura ficcional.

2 TONI MORRISON, O MOVIMENTO PELOS DIREITOS CIVIS E O *EBONICS*

2.1 Toni Morrison e a Literatura *Afro-American*

Toni Morrison iniciou sua carreira de escritora na época da ebulição em prol dos direitos civis nos Estados Unidos e sua produção literária situa-se na chamada escrita de resistência. Morrison lembra ao mundo os horrores da escravidão apresentando páginas que penetram em nosso interior por meio de um melódico dialeto.

Seus romances políticos tratam da identidade complexa dos afrodescendentes de forma universal. A autora manifesta-se neste sentido com o comentário: “Não estou interessada em entregar-me a um exercício privado de minha imaginação. Sim, a obra tem de ser política” (MORRISON, 1994).

Como tratamos da literatura negra e feminina nos EUA, ao considerarmos a existência de certo desconhecimento em relação à obra da escritora afroamericana Toni Morrison no Brasil, julgamos ser relevante neste trabalho expor alguns dados bibliográficos a seu respeito.

O primeiro texto da autora foi publicado em 1970 em forma de conto, produto do preparo de suas aulas como Professora de Língua Inglesa em 1965. Esse texto evoluiu para o romance *The Bluest Eye* (1970), sucesso da crítica, mas não de público. No romance, uma jovem negra obstinada conta a história de Pecola Breedlove, que sobrevive ao pai molestador.

A obra ambienta-se nos anos 1930, época de Shirley Temple, cuja imagem era estampada em canecas de leite, reforçando o padrão de beleza branco. A protagonista Pecola acredita que se seus olhos negros pudessem se transformar em azuis, eles fariam com que ela se tornasse digna de ser amada. Toni Morrison declarou que a criação da sua identidade

literária realizou-se com o romance *The Bluest Eye*: “Eu era Pecola, Cláudia (narradora) e todo mundo”.

Em *Sula* (1973), descreve a amizade entre duas mulheres afroamericanas, personagens plenas e únicas, sem estereótipos. Em *Song of Salomon* (1977), apresenta narrativa sobre Milkman Dead e suas relações complexas com a família e a comunidade. Em *Tar Baby* [Bebê de Piche], (1981) lida com as relações entre brancos e negros.

Harold Bloom homenageou a escrita morrisoniana ao organizar coletânea de artigos de estudiosos sobre o texto *The Bluest Eye*, editou *Toni Morrison's The Bluest Eye em Modern Critical Interpretations* (1999).

Nos Estados Unidos, a literatura *Afro-American*, de viés cultural, especializou-se na busca da temática da diáspora africana, ao clamar pelo seu espaço na literatura, lembrando a chaga da escravidão. Os textos das escritoras deste grupo buscam a dignidade da vida humana. Tanto Alice Walker, autora de *A Cor Púrpura* (1982), quanto Toni Morrison ressaltam o meio de comunicação intraétnico, o *African American Vernacular English*, *Ebonics*, *Black English* ou *Spoken Soul* como uma ferramenta a fim de valorizar a cultura.

Nesse contexto, o romance *Beloved* de Morrison inicia em Cincinatti, estado de Ohio, onde Sethe, como escrava fugitiva, vive com a filha Denver, de dezoito anos. A sogra de Sethe, Baby Suggs, falece pouco tempo depois.

No início da trama, os filhos de Sethe, Haward e Buglar fogem de casa atormentados pela presença de um fantasma malévolo que assombra a casa da rua *Bluestone Road*. Denver se afeiçoa ao fantasma que um dia surge encarnado para viver com eles. Juntamente com Paul D, Sethe e o marido Halle haviam sido escravos em propriedade rural chamada *Sweet Home*, de propriedade de Mr. Garner.

O texto divide-se em capítulos de ordem inversa, com solilóquios e *flashbacks* dos acontecimentos ocorridos há duas décadas nessa propriedade, no estado de Kentucky, alternando-se com o presente da narrativa, em Ohio. O texto requer diversas leituras, ao estilo de Virginia Woolf e James Joyce. As cenas em vai e vem, entre o presente e o passado, compõem uma Ilíada diaspórica da africanidade, com relatos e descrições de sofrimentos impostos aos escravos fugitivos como estupros e assassinatos por insubordinação.

Os Garners estabelecem uma relação mais liberal com seus escravos em relação a outros proprietários de escravos. Na fazenda deles, Sethe chegou quando criança e, aos treze anos de idade, já havia homens que a cortejavam: Sixo, Paul A, Paul D, Paul F e Halle. Ela desposa Halle, personagem generoso, que trabalhou nos finais de semana para comprar a liberdade da mãe, Baby Suggs.

Após a morte de Mr. Garner, o sobrinho assume o controle da fazenda e é chamado pelos escravos de ‘professor de escola’, em razão de sua rigidez. As atitudes do professor fazem com que a opressão se torne insustentável para os escravos e esses tomam a decisão de fugir. Os escravos Paul D e Sixo fogem, porém são capturados ao iniciarem a fuga e castigados severamente. Sethe é vitimizada pelos sobrinhos do ‘professor de escola’ que tiram à força o leite materno de seu bebê. O marido de Sethe, Halle presencia a cena e enlouquece. Paul D é forçado a permanecer com o freio na boca, instrumento de tortura muito comum entre os proprietários de escravos, e Sixo é morto.

Ao descobrirem que Sethe relatou para Mrs. Garner a violência cometida pelos sobrinhos do professor, a escrava é submetida a uma seção de chicotadas e suas costas ficam profundamente marcadas com uma cicatriz imensa, em formato de árvore. Mesmo assim, ela foge e, no percurso, dá a luz a uma menina, com a ajuda de uma moça branca com a qual se depara em meio a sua fuga, Amy Denver. Sethe vai para Cincinnati encontrar a sogra, uma pastora evangélica que atende a uma comunidade negra com reuniões em uma mata.

Um mês após a chegada de Sethe à casa de Baby Suggs, o ‘professor de escola’ consegue descobri-la ali e chega a sua casa para levá-la de volta a fazenda. Para evitar que o bebê de quase dois anos sofresse os horrores da escravidão quando se tornasse adulta, Sethe serra o pescoço da filha em um ato extremo. Ela planejava matar os outros filhos também, mas é impedida por aqueles que estavam na casa junto com ela. O túmulo de sua filha recebe uma lápide gravada com “Beloved”, que significa “bem-amada”. Sethe é presa e condenada, posteriormente é libertada por abolicionistas e a família continua vivendo em isolamento.

Paul D caminha durante sete anos para chegar à casa de Sethe, quando passa a morar com sua antiga amiga. Logo depois de sua chegada, uma moça misteriosa aparece na casa de Sethe e ali permanece. Ao longo do tempo, essa personagem parece ser a própria Beloved. Ela seduz Paul D, engravida e depois desaparece. Sethe se interessa apenas por Beloved, perde o emprego e adocece. A filha Denver sai à busca de trabalho, conhece um rapaz e reconstitui a sua vida.

Na narrativa, Morrison emprega técnicas do realismo mágico ao retratar a jovem *Beloved*. A estética da obra é caracterizada pelo uso do dialeto *Black English* ou *Ebonics*, como mencionado anteriormente, uma subversão à norma padrão que mescla a norma padrão e o dialeto.

O termo *Ebonics* foi cunhado em 1972 pelo psicólogo Robert L. Williams autor do teste *Black Intelligence Test of Cultural Homogeneity* elaborado para dar aos negros uma oportunidade nos testes de inteligência comuns, desenhado para o vocabulário de brancos, os

quais na prática contribuem para índices incorretos de inteligência de crianças negras.

O nome *Spoken Soul* foi cunhado por Claude Brown em 1968 (RICKFORD, 2000, p. 3). Na literatura, o dialeto surge dialogicamente, matizando o texto. *Beloved* insere-se no contexto da escravatura e é inspirado em fato verídico. Havia uma medida judicial que autorizava a caça a escravos fugitivos, chamada Ordem de Captura de Escravos Fugitivos, a *Fugitive Slave Act* de 1850, que estabelecia recompensa pecuniária aos captores.

A história de Margaret Garner, uma escrava fugitiva que abandona o estado de Kentucky e vai para o estado livre de Ohio, no período pré-Guerra Civil, que assassina a filha ainda bebê para impedir que fosse escravizada, é retomada por Toni Morrison. A escrava Margaret foi julgada e condenada como ocorre com a escrava Sethe.

O mérito resistencialista de Morrison é a proposta de dar continuidade à história de Garner colocando em sua ficção uma cidade, uma família ao mesmo tempo em que compartilha ao mundo os sofrimentos impostos à raça negra, em registro precioso, a fim de o texto literário impeça o esquecimento do fato.

A ficção morrisoniana tem despertado profundo interesse de muitos teóricos como Homi Bhabha, estudioso da obra de Toni Morrison, conforme atestam capítulos de livros e artigos como se verá a seguir. O primeiro capítulo de *O local da cultura*, intitulado “Locais da Cultura”, constitui espaço em que o autor se dedica à análise de *Beloved*:

O momento do estranho relaciona as ambivalências traumáticas de uma história pessoal, psíquica, às disjunções mais amplas da existência política. *Beloved*, a criança assassinada por Sethe, sua própria mãe, é uma repetição endemoniada, extemporânea, da violenta história das mortes das crianças negras durante a escravidão em algumas partes do Sul, menos de uma década depois que o número 124 da Bluestone Road tornou-se mal-assombrado (BHABHA, 1987, p. 32).

Com relação ao tema e enredo da mesma obra, Homi Bhabha refere-se à escravidão e aos descendentes de seres escravizados:

Morrison revive o passado da escravidão e seus rituais assassinos, possessão e autopossessão a fim de projetar a fábula contemporânea da história de uma mulher que é ao mesmo tempo a narrativa de uma memória afetiva, histórica, de uma esfera pública emergente, tanto de homens quanto de mulheres (BHABHA, 1987, p. 25).

Em *Bazar Global e os Cavalheiros Ingleses* (2011), Homi Bhabha dedica um capítulo completo a Toni Morrison, intitulado “Ágora e Aura”. A rememoração da história global da escravidão no final de *Beloved* é comentada por Homi Bhabha a partir das palavras do epílogo de Toni Morrison em *Beloved*: “Não se trata de uma história para passar adiante” (MORRISON, 1987, p. 275). Para Bhabha, “ela é entoada conforme marca com fogo, mais profunda e densamente, na carne “daquela memória que espouca em um momento de perigo”

(BHABHA, 2011, p. 129).

Ainda na mesma obra, Bhabha retoma a temática de *Beloved*, com o capítulo intitulado “*O entrelugar das culturas*”:

É difícil exprimir o ritmo e a improvisação daqueles capítulos, mas é impossível não ver neles a cura da história, uma comunidade apaziguada na afirmação de um nome. Quem é *Beloved*? Agora compreendemos: Ela é a filha que volta para Sethe, de forma que sua mente não será mais sem-teto. Quem é *Beloved*? Agora podemos dizer: Ela é a irmã que volta para Denver e traz a esperança da volta de seu pai, o fugitivo que morreu na fuga. Quem é *Beloved*? Agora sabemos: Ela é filha feita de amor mórbido, que volta para amar e odiar e se libertar. Suas palavras estão quebradas, como as pessoas linchadas de pescoços quebrados; desincorporadas, como as crianças mortas que perderam as rédeas. Mas não há nenhum engano quanto ao que as palavras vivas dizem, quando se levantam dos mortos, apesar de sua sintaxe perdida e de sua presença fragmentada (BHABHA, 2011, p. 92).

Além das questões literárias, Bhabha reflete sobre a questão dialetal dentro do rígido sistema educacional norte-americano. Sabe-se que as crianças negras aprendem a falar por meio do dialeto usado em seus lares e na comunidade negra. Considerando que a escola norte-americana usa e exige apenas o Inglês padrão, frequentemente desconhecido dessas crianças, há uma dificuldade de adaptação e inclusão desses alunos que, por isso, são injustamente colocados em classes de educação especial, situação que os leva ao semianalfabetismo e subdesemprego. Sobre o desconhecimento do dialeto negro por parte dos professores que aplicam os testes de inteligência usados pelas escolas norte-americanas para avaliar seus alunos, Homi Bhabha se manifesta:

As descrições e as definições sociolinguísticas de vernaculização certamente têm importante contribuição pedagógica a dar. Quem poderá negar que um conhecimento da estrutura profunda do inglês dos negros não iria auxiliar os professores em suas tentativas de avaliar o desempenho e de extrair os melhores resultados daqueles que estão em desvantagem do ponto de vista educacional? (BHABHA, 2011, p. 64-65).

Desse modo, a partir do que foi apresentado, uma obra como *Beloved* tem implicações políticas e sociais fundamentais para a história e condição dos afrodescendentes. Na próxima seção, apresentaremos aspectos históricos relevantes para contextualizar a forma com que o dialeto se desenvolveu ao longo de séculos, além de elencar as características gramaticais do *Black English*.

2.2 *American Vernacular English: Visada Histórica e Movimento Pelos Direitos Civis*

Com o propósito de identificar a relevância do tema escolhido por Toni Morrison em *Beloved*, no quadro da literatura, com sua escrita matizada pela utilização do dialeto, requeira uma volta ao contexto histórico das treze colônias inglesas situadas na América do Norte caracterizado pelo escravismo.

A Inglaterra colonizou as treze colônias com propósitos distintos. Os estados sulistas tinham sua economia estribada na agricultura e dependiam dos escravos; os estados do norte foram industrializados e não necessitavam tanto da mão de obra escrava e as divergências entre eles, políticas e econômicas, se acentuaram depois da independência dos Estados Unidos, em 1776. Entre outros aspectos, essas divergências foram responsáveis pela deflagração da Guerra Civil pelos estados separatistas da Carolina do Sul, Carolina do Norte, Flórida, Alabama, Texas e Geórgia. Os estados do norte venceram a guerra e a abolição dos escravos deu-se em 1863, assinada pelo Presidente Abraham Lincoln.

No entanto, a situação política, social e jurídica dos afrodescendentes norte-americanos após a escravidão permaneceu sem avanços dentro da sociedade branca dos Estados Unidos. Foi apenas quase um século depois, precisamente em meados dos anos 1950 que o país viu nascer o movimento em prol dos direitos civis das minorias afrodescendentes, liderado pelo teólogo da igreja Batista, Dr. Martin Luther King Jr. Sua atuação em prol da causa foi de tal forma extraordinária que ele foi agraciado com o prêmio Nobel da Paz em 1955.

O movimento exigia mudanças para a sociedade branca norte-americana com a inclusão dos afrodescendentes que, em muitos estados do país, viviam em regime de *apartheid*, frequentando escolas de todos os níveis exclusivamente para eles, além de serem obrigados a sentar-se no fundo dos transportes coletivos e de terem sua entrada cerceada em restaurantes, escolas e em toaletes situados em espaços frequentados por brancos. Evidentemente, essa era a situação em boa parte do sul dos Estados Unidos, onde Dr. King havia se estabelecido em Montgomery, Alabama. Martin Luther King foi aluno de escolas segregadas no ensino médio, graduação e mestrado, concluído em uma instituição de prestígio para afrodescendentes, o Morehouse College. King obteve seu grau de doutor pela Universidade de Boston, estado de Massachussets e, pela primeira vez, conviveu com colegas brancos tendo sido eleito orador da turma.

Martin Luther King foi membro executivo da *National Association for Advancement for Colored People* e porta-voz do *Civil Rights Movement*, um protesto sem violência iniciado

em 1955, no Montgomery Bus Boycott. O protesto durou mais de um ano e a Suprema Corte dos Estados Unidos declarou a inconstitucionalidade das leis que exigiam a segregação em ônibus.

Durante a luta pela igualdade de direitos civis entre negros e brancos, muitos perderam suas vidas, entre eles, Dr. King. Em 1968, quando organizou uma manifestação pacifista em Washington D.C., atraiu duzentas e cinquenta mil pessoas às ruas, com seu famoso manifesto *I have a dream*. Considerando que o racismo norte-americano era mais acirrado no sul dos Estados Unidos, logo após, Dr. King foi assassinado em Memphis, estado do Tennessee, em 4 de abril de 1968, aos 39 anos de idade, abatido por um tiro de fuzil. Após sua luta e assassinato, os afrodescendentes tiveram oportunidade de estudar em escolas frequentadas por brancos, nas quais, porém, apenas a norma padrão é aceita, além de poderem frequentar todos os tipos de estabelecimentos privados e públicos.

Em 21 de agosto de 2013, foi celebrado o cinquentenário do movimento pelos direitos civis acima referido. No entanto, a celebração não logrou resultados práticos. A questão linguística do uso do dialeto continuou a ser um fator de exclusão social, principalmente na pré-escola, espaço em que os alunos têm de aprender a norma padrão a qual é uma verdadeira “língua estrangeira” para os afrodescendentes. Até o momento, não há perspectivas de mudanças que instrumentalizem professores no dialeto para que possam ensinar a norma padrão como novo código linguístico.

Conforme se lê em John Russell Rickford (2000, p. 129), a discussão sobre o status do *Black English* como um dialeto do inglês ou como uma língua separada constitui assunto que fascina tanto o público quanto os estudiosos. A grande pergunta feita pelos pesquisadores tem sido: “Como o dialeto se formou para chegar ao ponto que está?”. Instaura-se um dilema: alguns eruditos afirmam que o AAVE carrega em sua essência as línguas africanas faladas pelos escravos que chegaram aos Estados Unidos entre os séculos XVII a XIX.

Outros estudiosos proclamam que a experiência devastadora da escravidão arrasou a maioria das tradições culturais e linguísticas africanas e que as características aparentemente distintas vieram dos dialetos ingleses falados pelos trabalhadores brancos provenientes da Inglaterra que trabalhavam mediante contrato ao lado dos africanos.

Para outros pesquisadores, a questão axial não é a “africanidade” do dialeto, mas a sua “creoulização”. Restam duas possibilidades – se o dialeto era completamente diferente da variedade padrão inglesa, a exemplo das variedades “creole”, faladas hoje em locais como Jamaica, Trinidad, Guyana e Barbados, ou se, porventura, foi influenciado por ela. A nova tendência refere-se às pesquisas que investigam se o dialeto *Ebonics* está atualmente se

afastando ou sofrendo um desvio do dialeto branco e da norma padrão inglesa.

De acordo com este tipo de investigação, algumas características principais do dialeto foram desenvolvidas no século XX, à medida que os negros migraram para o norte e oeste dos Estados Unidos, em regime de segregação nos guetos, e sua língua se tornou cada vez mais distante da dos brancos (RICKFORD, 2000, p. 129 135).

Do ponto de vista histórico, acredita-se que os primeiros africanos trazidos para o Novo Mundo, no território que pertence hoje aos Estados Unidos, foram uma centena de escravos, parte de uma expedição de colonização espanhola que comportava seiscentas pessoas e tentou estabelecer um assentamento na Virgínia, em 1526, em Roanoke. A colônia não foi adiante e desapareceu e, provavelmente, seus habitantes tenham se unidos aos índios, por uma questão de sobrevivência, devido à escassez de mantimentos. Contudo, no que se refere ao desenvolvimento do AAVE, a colonização empreendida pelos colonizadores ingleses foi mais relevante, como se verifica a seguir.

Foi apenas no século XVII, em 1607, com a bem sucedida fundação do povoado de Jamestown que vinte africanos foram trazidos para a colônia da Virgínia para servirem como *indentured servants* ou trabalhadores com contrato, os quais ao cabo de cinco a dez anos, receberiam terras e poderiam trabalhar por conta própria. De acordo com os historiadores John Hope Franklin e Alfred E. Moss, em *Slavery to Freedom: A History of Negro Americans* (1988, p. 53), até 1651, alguns africanos, cujo período em contrato havia expirado, receberam terras do mesmo modo que os trabalhadores brancos.

As outras doze colônias foram estabelecidas com a seguinte ordem: as colônias da Nova Inglaterra como New Hampshire, Massachussets, Rhode Island e Connecticut. As colônias do centro, New Jersey e New York, adquirida da Holanda em 1664, Pensylvannia e Delaware e as colônias sulistas de Maryland, North Carolina, South Carolina e Geórgia.

Os africanos não constituíam um grande contingente populacional na América do Norte. Quanto à questão linguística, não se sabe ao certo, mas alguns estudiosos acreditam que os africanos ao chegarem às Américas talvez tenham transferido características de suas línguas nativas ao *Ebonics*.

Nos séculos XVII e XVIII, os africanos não vinham diretamente para os Estados Unidos, pois seguiam primeiramente para a Jamaica, Barbados e outras colônias, onde o *pidgin* e o *creole* já haviam começado a se formar. Os primeiros escravos da Carolina do Sul vieram do Caribe. Em Nova York, o dobro dos escravos foi trazido do Caribe e da África. No século XVIII, a população negra saltou para 40% nas plantações do Sul e o estado da Carolina do Sul chegou a ter 69%. Merece destaque o fato de que, no período da Guerra pela

Independência, em 1776, a proporção da população africana era de 80.000 para 40.000 brancos. Desse modo, foi nas regiões da *Sea Island* da Carolina do Sul e da Geórgia que o inglês creole desenvolveu-se.

A explosão da população negra no século XVIII pode ter provocado efeitos colaterais com consequências linguísticas relevantes. Os negros não aprendiam inglês com os brancos e sim com os escravos, como é apontado por Peter Wood, em *Black Majority* (1974), ao referir-se ao estado da Carolina do Sul: “Após a primeira geração, contrariamente ao dogma aceito, a maioria dos novatos aprendeu a língua local com os escravos e não com os ingleses, fato que reforçou as diferenças do dialeto” (WOOD⁴⁴, 1974, p. 175).

Ao findarmos o levantamento histórico do uso do dialeto *Black English Vernacular*, passaremos em seguida à apresentação das características estruturais do *Black English* para sua melhor compreensão, de acordo com John R. Rickford (p. cit.: 109-128).

2.3 Características do *Ebonics*

William Labov (1972/2008) foi o pesquisador pioneiro a desenvolver postulados teóricos e metodologia provocadores de grande impacto na área da sociolinguística variacionista na década de 1960/1970. Labov posicionou-se como militante contra as políticas de discriminação e de exclusão social baseado nas diferenças linguísticas e em 1966 escreveu o artigo “A lógica do inglês não padrão”, em defesa do inglês dos negros norte-americanos como uma língua com suas regras, coerentemente seguidas pelos seus falantes.

O *African American Vernacular English* (AAVE), também chamado *Black English*, *Black Vernacular* ou *Black English Vernacular* (BEV), *Ebo* ou *Jive* ou *Spoken Soul* constitui uma variedade linguística considerada dialeto, socioleto e etnoleto da Língua Inglesa Norte-Americana. Os estudos de William Labov têm inspirado aqueles que reconhecem na prática da língua o mais importante elemento da cultura e da vida em sociedade. A variedade é falada por muitos afrodescendentes nos Estados Unidos da América e entre minorias étnicas afrodescendentes em várias partes do mundo.

⁴⁴ *After the first generation, contrary to accepted dogma, most new negroes learned the local language not from Englishmen but from other slaves, a fact which reinforced the distinctiveness of the dialect.* (WOOD, 1974, p.175).

Nesse sentido, apresento uma pequena amostragem das construções gramaticais e de sintaxe da pouco conhecida variedade linguística *Ebonics*, desde a década de 1970, considerada uma língua, com a finalidade de facilitar a identificação do dialeto. A seguir serão apresentados breves exemplos de suas características retiradas dos estudos de J. L. Dillard, J. A. Harrison, em *Perspectives on Black English*, 1975 (p. 143-140) e de J.R. Rickford e R. J Rickford, pai e filho, respectivamente (2000, p. 109-128):

- Omissão da cópula *be*: He quick in everything.
- Inclusão do *be* para aspecto habitual ou tempo futuro: they be slow all the time. The boy be here soon.
- Inversão da sintaxe: Can't nobody read minds.
- Repetição do pronome substantivo sempre que a referência for terceira pessoa, como duplo sujeito: Miss, Nelle, she pointed../. Shelby he told us...
 - Aspecto inclusivo do *done*: You *done* gone and bought your father a hat?
 - Múltipla negação: There *ain't* nothing the matter.
 - Uso do *ain't*: como forma negativa de is-are-am e excluindo os auxiliares have e has: He ain't a good man.
- Flexão equivocada do verbo *to be*: I *is*
- Flexão equivocada de verbo irregular: She bringed/brung de termartusses (tomatoes)
- Uso do negativo de has: *Don't she* have a house down there?
- Forma negativa com *be*: She don't *be* listening.
- Uso do singular *is* em lugar do plural *are*: My children *is* men.
- Marco de pluralidade associativa com *dem*: John and *dem* - significando John and his friends/ John e seus amigos.
 - Uso de *dem* como pronome demonstrativo. *Dem* boys *is* here como pronome demonstrativo/ou *them* books/aqueles livros.
 - Uso de *them* como artigo indefinido: *them* man: um homem
 - Uso de *it is* ou *it's* ao invés de *there is* ou *there are*.
 - Uso do plural equivocado: *Many's the* time.
 - Ausência da flexão de terceira pessoa do singular do presente do indicativo: *It seem* like, when I *be* driving, *it seem* like every corner I drive around. Ou *She have* a sister.
 - Ausência da flexão com do: *He do/ He don't – She have/ She haven't*.
 - Ausência de possessivo's: John came over to that *girl house*.
 - Uso impróprio do verbo *to need*: *She needing*.
 - Ausência de verbo auxiliary: *what he do that for?*

- Impossibilidade de excluir infinitivo be após: can, to, may, must, shall, would, will: You *can be* sitting up in class and next thing you know, you out of it.
- Uso de *been* seguido de gerúndio: I *been playing* cards since I was four.
- Uso de BEEN marcado: I *BEEEN* finished!
- Uso do *done* como característica enfática como mesmo significado de: I've already I *done had* enough!
- *Done* como futuro perfeito: I'll be *done* bought my own CD waiting on him to buy me one.
- *Done* com *be* como futuro: After a few weeks the Puerto Ricans *be done* took [= will have taken] over.
- *Done* como condicional: If she [= a dog] wasn't spayed, she'd be *done* [would have got pregnant because she gets out].
- *Done* como tempo habitual : The children *be done* ate [= have usually eaten] by the time I get there.
- *Finna, fidna ou fitna* – usado para futuros imediatos, é derivado de fixing: He is fixing to go evolui linguisticamente para finna: “*This thang finna* get turned out, so y' all better get in yo' lit car an' ...go home.”
- Impossibilidade de exclusão de am. I am é frequentemente contraído: *I'm*.
- Modais duplos ou triplos: He might could do the work. *She may can* do the work. They *should oughta* go. They *might should aughta* do it.
- Interrogativo oposto ao inglês padrão, realizado sem inversão, apenas com aumento de entonação: *This is a microphone, too?*
- Ordem das palavras invertidas, omissão de *if ou whether* : I asked him *could he come* [if he could come] with me.
- Verbalização equivocada a partir de substantivo: I *birthed* them.
- Omissão de auxiliar have or had, antes de been: I *been* good.
- Substituição de *I* por *me*.
- Uso da expressão *plum*, como ênfase. He *plum* went mad.
- Inversão de ordem de palavras, omissão de *if ou whether*: I asked her she could come with me.
- Uso de interjeições *dorggone*: I be *dorggone* if..
- Uso de interjeição *doggone*: I be *doggone* she leave me.
- Prefixação de *a*, antes das formas verbais: I would *a* do.
- Supressão da primeira sílaba não marcada: because /kauz/expect/spek/about/bawt/.

- Simplificação da consoante: Na oralidade destacamos: grand/graem/moved /muv/just/jis.
- Simplificação de ditongos: My/mah/time/tahm/I/ah /rice/rahce
- Caso possessivo: formado por acréscimo de s, es ou z. *Masters gun, Missuses dress.*
- Comparativo duplo e superlativo, usados como no inglês elizabetano são muito frequentes: *de bes's "bestest", de mos' deepist water I ever seed.*

Acrescenta-se em adição, exemplos de cinco tipos de tempos verbais presentes no Ebonics e seu equivalente em norma padrão de língua inglesa:

1. He *runnin*. (He is running.)
2. He be *runnin*. (He is usually running, or He will/would be running.)
3. He be *steady runnin*. (He is usually running in an intensive, sustained manner, or He will/would be running in an intensive, sustained manner.)
4. He *been runnin*. (He has been running – at some earlier point but probably not now.)
5. He *BEEN runnin*. (He has been running for a long time, and still is.)

As características descritas acima não esgotam o conteúdo da bibliografia citada acima, no entanto, servem para exposição das peculiaridades do *Black English* com consequente percepção da linguagem oral praticada nos Estados Unidos como meio de comunicação intra-étnica, fato que retrata a impossibilidade da compreensão do dialeto pela população branca devido às inúmeras mudanças linguísticas em relação à norma padrão.

Na próxima seção, serão analisadas as traduções elaboradas por Massaro e Siqueira, previamente mencionados. Posteriormente, será elaborado um esboço à luz das teorias que respaldam a liberdade, a força criativa para a questão da traduzibilidade ou intraduzibilidade.

3 O CONFRONTO DE DUAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE *BELOVED*

3.1 Traduções em Confronto: Resultados em Análise

Tendo em vista a importância da obra de Toni Morrison na literatura mundial, seus textos têm recebido traduções em muitos idiomas. A natureza de seus textos matizados com o *African American Vernacular English* constitui interesse primordial nesta tese, no que diz respeito ao empenho dos tradutores no processo de reescrita do dialeto. No espaço da literatura brasileira há duas traduções até o momento, fato já mencionado nas páginas introdutórias. Foram analisadas as traduções desenvolvidas por Evelyn Kay Massaro (2007) e por José Rubens Siqueira (2007). Nesta seção, analisam-se as características de cada uma das traduções, tendo em vista que ambas apresentam algumas diferenças na estrutura sintática. Alguns exemplos contêm mais de uma amostragem do dialeto.

Omissão da cópula *be*, em formas contraídas ‘s e ‘re: *He quick in everything. You out of game*

Exemplo 1

are

“You [**are**] forgetting how little she is, said her mother” (p. 4).

Massaro

– Você está se esquecendo de que ela é muito pequenininha, disse a mãe (p. 12).

Siqueira

“Está esquecendo como ela é pequena”, disse a mãe

Como pode ser observado, o *Ebonics* omite o verbo ser e estar em seu construto. Ambos os tradutores usam a oralidade, seja no uso do adjetivo no diminutivo, seja na omissão da partícula “se” do verbo esquecer-se. Quanto ao formato das sentenças, Massaro retira as aspas do original e introduz travessões e Siqueira mantém as aspas que foram usadas no texto original, o que vai se repetir em todos os exemplos.

Massaro supre a lacuna e coloca o verbo ser *estar* inexistente no original no restante da sentença, utilizando o gerúndio se esquecendo e insere de que ela é e usa a oralidade com o diminutivo *pequeninha* antecedido pelo advérbio *muito* e opta pela manutenção do pronome você.

O tradutor 2, Siqueira, supre a ausência do verbo estar e exclui o pronome pessoal *você*. O adjetivo *little* é traduzido como *pequena*. Segue o original em *como ela é pequena*.

Exemplo 2

are

“Girl, who [are] you talking to”? (p. 14).

Massaro

– Menina, isso é jeito de falar? (p. 24).

Siqueira

“Menina, olhe com quem está falando”! (p. 31).

No que se refere à característica do verbo to be, este exemplo apresenta, na tradução, a recriação completa do trecho. O tradutor opta pela oralidade.

A tradução 2 reescreve o trecho utilizando a oralidade, modifica totalmente a mensagem, recria e mantém o vocativo, além de acrescentar essa exclamação

Exemplo 3

are

Sethe noded and shift her elbow. “Your ma’m know you [are] on the lookout for velvet?” (p. 33).

Massaro

– Sethe fez que sim e mudou a posição do cotovelo. Sua mãe sabe que você saiu à procura de veludo? (p. 46).

Siqueira

Sethe balançou a cabeça e mudou de cotovelo. “Sua mãe sabe que você está atrás desse veludo?” (p. 56).

Os tradutores trataram da questão do cotovelo de forma diversa. O tradutor 1 segue o original com *Sethe fez que sim* e recria com *mudou a posição do cotovelo*. Utiliza a norma padrão e uso do presente do indicativo em *Sua mãe sabe que você saiu à procura de veludo?*, substituindo a marca do *Black English* que é a omissão do verbo *to be*.

O tradutor 2 acompanha o narrador *Sethe balançou a cabeça e mudou de cotovelo*. Mantém a pergunta do original, com o uso da oralidade por meio do tempo presente do indicativo: *sua mãe sabe que você está atrás desse veludo?*

Exemplo 4

are

“Whitepeople [are] better here than [in]Kentucky but you may have to scramble some” (p. 41).

Massaro

– Os brancos aqui são os melhores que os de Kentucky, mas talvez você tenha que dar duro (p. 56).

Siqueira

“Os brancos aqui são os melhores que em Kentucky, mas você vai ter que trabalhar um bocado” (p. 67).

A tradução 1 traduz *whitepeople* por os brancos, insere o verbo ser e utiliza a oralidade em *you tenha que dar duro*. Insere a preposição **de** *Kentucky* e inclui uma ressalva com o uso do presente do subjuntivo *mas talvez você tenha*.

O tradutor 2 no comparativo de superioridade usa *acrécimo* da preposição **em** *Kentucky* e utiliza o futuro coloquial no final da frase: *mas você vai ter que trabalhar um bocado*.

Exemplo 5

are

Sethe made two fists and placed them on her hips. “You [are] as bad as she is” (p. 44).

Massaro

Sethe cerrou os punhos.

– Você é tão ruim quanto Denver. (p. 59).

Siqueira

Sethe cerrou os punhos e os pôs na cintura. “Você é igual a ela” (p. 71).

Os tradutores resolvem as questões tradutórias diferentemente. O tradutor 1 inicia o trecho com *Sethe cerrou os punhos*. Omite *and she placed them on her hips*. A segunda sentença usa o comparativo de igualdade, mantendo a comparação original *tão ruim quanto*. Massaro mantém o nome original da personagem *Denver*.

O tradutor 2 começa o trecho seguindo o original *Sethe cerrou os punhos e os pôs na cintura*, subverte o texto original e constrói a reescritura com – *você é igual a ela*, omitindo o nome da personagem.

Exemplo 6

are

“You [**are**] too old for that” (p. 98).

Massaro

– Você é muito crescida para isso (p. 117).

Siqueira

“Já passou da idade para isso” (p. 138).

Os tradutores divergem em suas escolhas. O Tradutor 1 reescreve trecho suprimindo a ausência do verbo. E usa a norma padrão da língua portuguesa em muito crescida. O Tradutor 2 reescreve o trecho ao inserir a oralidade com a expressão Já passou da idade.

Inclusão do be para aspecto habitual ou tempo futuro: *they be slow all time. The boy be here soon*

Exemplo 7

be

“Oh, yes. Oh, yes, yes, yes. Someday you [will] **be** walking down the road and you hear something or see something going on” (p. 36).

Massaro

– Oh, sim. Oh, sim, sim, sim. Um dia andando na rua, a gente ouve ou vê alguma coisa (p. 50).

Siqueira

“Ah, conseguem. Ah conseguem sim, sim, sim. Algum dia, você vai estar andando pela rua e vai ouvir alguma coisa ou ver alguma coisa acontecendo” (p. 60).

O tradutor 1 inicia o trecho com longa afirmativa “*Oh, sim. Oh, sim, sim sim*”. Em *um dia*, o tempo verbal é colocando no gerúndio *andando na rua*. A oralidade surge com *a gente ouve* com uso do presente do indicativo *ou vê alguma coisa*.

O tradutor 2 usa o futuro coloquial com gerúndio, uma estrangeirização anglicista *vai estar andando*. Além disso, utiliza o futuro coloquial, com infinitivo *vai ouvir* e usa o verbo acontecer no gerúndio.

Exemplo 8

be

“I never went to those woodland services she had, but she was Always nice to me. Always. Never **be** another like her.” (p. 254)

Massaro

– Nunca fui àqueles cultos no meio do mato, mas ela era muito boa para mim, Sempre. Nunca existirá outra como Baby (p. 297).

Siqueira

“Nunca fui àquelas rezas no bosque que ela fazia, mas ela sempre foi boa comigo. Sempre. Não vai existir outra como ela” (p. 337)

Massaro apresenta a tradução do trecho *Never be another like her* como “*Nunca existirá outra como Baby*”, com futuro do presente, marca ausente no original.

A tradução 2 oferece *Never be another like her* como “*Nunca vai existir outra como ela*”, com futuro composto para suprir a ausência no original.

Exemplo 9

be

“Paul D [will] **be** here in a minute, she said” (p. 62).

Massaro

– Paul D vai chegar daqui um minuto (p. 94).

Siqueira

“Paul D estará aqui logo, logo, falou” (p. 79).

Os tradutores divergem em suas traduções. No exemplo apresentado acima, o tradutor 1 reescreve o trecho suprimindo a omissão da partícula do futuro, usa a recriação na expressão *vai chegar daqui a um minuto* com o futuro coloquial, mantém o nome do personagem, omitindo o discurso indireto e suprime o aposto *she said*.

O tradutor 2 usa o futuro do presente, alterna verbos na norma padrão com características de oralidade. Mantém o nome do personagem, usa o verbo no futuro do presente e alterna entre a norma padrão e a expressão coloquial

Múltipla negação: *There ain't nothing the matter*

Exemplo 10

ain't

“**Not** a house in the country **ain't** packed to its rafters with some dead Negro's grief (p. 5).

Massaro

– Não existe uma casa neste país que não esteja cheia da dor de algum negro morto (p. 14).

Siqueira

“Não tem uma casa no país que não esteja recheada até o teto com a tristeza de algum negro morto” (p. 20).

Como se verifica, trata-se de exemplo com dupla negação do *Ebonics*. Massaro reescreve o trecho, mantém o conteúdo original da primeira da frase *não existe uma casa neste país*. Opta pelo verbo no subjuntivo negativo *que não esteja*. Há presença de uma transcrição com a expressão *cheia da dor de algum negro morto*.

Siqueira usa a linguagem oral *Não tem uma casa no país*. A questão verbal é resolvida com o subjuntivo negativo *que não esteja*, como havia feito o tradutor 1, e a expressão coloquial *recheada até o teto* recria o trecho introduzindo a palavra *tristeza*, *com a tristeza de algum negro morto* acompanhando o original.

Ambos utilizam a dupla negação porque faz parte da norma da língua portuguesa, diferente da língua inglesa padrão. Para fazer alguma diferença na tradução, os tradutores teriam que usar a negação simples: *Há alguma casa que não esteja recheada até o teto com a tristeza de algum negro morto*, o que não era o objetivo.

Exemplo 11**can't nobody**

“Won’ t you stay on a while? **Can’t nobody** catch up on eighteen years in a day” (p. 11).

Massaro

– Não quer ficar algum tempo? Não se pode conversar sobre dezoito anos em um dia (p. 21).

Siqueira

“Não quer ficar um pouco por aqui? Não dá para botar em dia dezoito anos num dia só” (p. 28).

A marca do *E bonics* de dupla negação aceita a transferência para o português. Massaro resolve a questão reescrevendo o trecho da segunda sentença mantendo o tom informal: *Não se pode insere* o verbo *conversar sobre dezoito anos em um dia*.

Siqueira reescreve o fragmento com marca de oralidade ao usar as expressões *não para dá botar em dia e*, com repetição, *num dia só*.

Exemplo 12**don't/nothing**

“What? I **don’t** see **nothing**”. Denver follows the pointing finger (p. 124).

Massaro

– O quê? Não estou vendo nada.(p. 148).

Siqueira

“O quê? Não vejo nada”. Denver acompanha o dedo que aponta (p. 171).

Como se pode inferir, a dupla negação do *Ebonics* é mantida pelo tradutor 1, que usa o gerúndio e oralidade, mantendo as duas sentenças: *O quê? Não estou vendo nada*, mantendo a dupla negação.

O tradutor 2 recria o trecho, também mantém a divisão das duas orações e insere a forma interrogativa *o quê?* Mantendo a dupla negação *Não vejo nada*, mantendo também a oralidade.

Exemplo 13**ain't, no**

“**Ain't no** regular house with people in it though.” (p. 34).

Massaro

– Não é uma casa de verdade, com gente dentro. (p. 48)

Siqueira

“Não é uma casa de verdade com gente dentro não.” (p. 58).

O tradutor 1 traduz a expressão por *Não é uma casa de verdade com gente dentro*, omitindo a dupla negação.

O tradutor 2, diferente do tradutor 1, usa a dupla negação *não é e não*.

Exemplo 14**don't nothing**

“Grown [up] don't mean nothing to a mother” (p. 45).

Massaro

– Ser adulto não significa nada para uma mãe (p. 60).

Siqueira

“Crescida não quer dizer nada para uma mãe” (p. 72).

Ambos os tradutores utilizam a dupla negação uma vez que tal construção faz parte da norma da língua padrão.

O estranhamento ocorre para os falantes de língua inglesa.

Exemplo 15**Was not, nothing**

“But it was **not** going to be **nothing**”. All of it” (p. 59).

Massaro

– Mas não ia haver nada. (p. 75).

Siqueira

“Mas não ia ter nada”. (p. 75).

A tradução 1 mantém a dupla negação do original *não ia haver nada*.

A tradução 2 também mantém a dupla negação proposta pelo texto de partida.

A diferença entre as duas traduções fica por conta do uso oposto da língua: padrão ou coloquial.

Exemplos desse tipo são abundantes nas duas traduções e, por motivos de economia, nos restringimos a essa amostra.

A título de ilustração, listamos alguns desses exemplos de dupla negação do *Ebonics*: *nor nothing, ain't got no, wasn't no, can't nobody, don't no, didn't nothing, don't nothing, never nobody, couldn't nobody*. Todos esses exemplos apresentam as mesmas estratégias de tradução por parte de Massaro e Siqueira

Flexão equivocada do verbo *to be* ou omissão do verbo

Exemplo 16

is

“Y'all got boys, he told them. Young boys, old boys, picky boys, stropping boys. Now at Sweet home, my niggers **is** men, every one of **em**.” (p. 10).

Massaro

– Vocês todos têm meninos – ele dizia. – Meninos jovens, meninos velhos, moleques safados, moleques com medo de apanhar. Mas em Sweet Home, os negros são todos homens. Comprei-os como homens, criei-os como homens. (p. 20).

Siqueira

“Vocês todos só têm meninos”, ele dizia. “Meninos novos, meninos velhos, meninos enjoados, meninos briguentos. Agora, na Doce Lar, meus negros são homens, todos.” (p. 27).

Neste exemplo, percebe-se que no *Ebonics* há o uso do verbo no singular em lugar do plural.

Os tradutores não podem usar esse tipo de construção em língua portuguesa, até porque, como se sabe, os leitores de Toni Morrison fazem parte de um grupo reduzido.

No exemplo 17, a seguir, isso pode ser constatado. Quando tal construção não ocorre, é porque o tradutor troca o pronome do plural para o singular. Veja-se a tradução de Massaro no exemplo 18.

Exemplo 17**you was**

“But **you was** there and even if you too young to memory it, I can tell it to you” (p. 202).

Massaro

– Mas você estava lá e, mesmo sendo novinha demais para lembrar, posso lhe contar (p. 238).

Siqueira

“Mas você estava lá, e mesmo sendo pequena demais para lembrar posso contar para você” (p. 272).

Exemplo 18**They was**

“I wonder what **they was** doing when they was caught” (p. 203).

Massaro

– Imagino o que estava fazendo quando foi apanhada (p. 238).

Siqueira

“Eu me pergunto o que eles estavam fazendo quando pegaram eles” (p. 272).

Exemplo 19**Sethe happy**

(Sethe [**was**] happy when Beloved was. Beloved lapping devotion like cream) (p. 243).

Massaro

– Omissão do Tradutor 1 (p. 284).

Siqueira

(Sethe contente quando Amada estava contente; Amada bebendo devoção como creme). (p. 322)

Os tradutores têm diferentes posturas tradutórias no que diz respeito ao Ebonics em relação ao trecho acima. O tradutor 1 é omissivo. O tradutor 2 utiliza a oralidade se aproximando do dialeto, com a omissão do verbo estar: Sehe contente. Com relação a segunda frase *Amada bebendo devoção como creme* segue o texto original.

Exemplo 20**is**

BELOVED, she [is] my daughter. She [is] mine” (p. 200).

Massaro

– AMADA É MINHA FILHA. Minha (p. 234).

Siqueira

“Amada, ela é minha filha. Ela minha” (p. 268).

O tradutor 1 recria usando letras maiúsculas na primeira oração: *AMADA É MINHA FILHA*. Reduz a segunda sentença ao optar pelo pronome possessivo *Minha*.

O tradutor 2 reescreve o trecho recolocando o verbo flexionado *ela é minha filha*, porém na segunda oração, mantém a marca *Ela minha*.

Uso do ain't como forma negativa de am-is-are e excluindo os auxiliares have e has: He ain't a good man

Exemplo 21**ain't**

“Bread ain't trouble”. (p. 14)

Massaro

– Assar pão não é o problema. (p. 24).

Siqueira

“Pão não é trabalho”. (p. 32).

Como se pode conferir no exemplo acima, os tradutores resolveram a primeira oração de forma diferente.

O tradutor 1 reescreve o texto, com uso da norma padrão. Acrescenta o verbo assar, inexistente no original.

O tradutor 2 transfere para o português o mesmo trecho com uma recriação *Pão não é trabalho*. No texto, o diálogo relaciona-se à alimentação de um novo morador, Paul D.”*Pão não é a questão*” ou ainda “*Comida não é problema*”, poderiam ser outras opções.

Exemplo 22**ain't/love**

“She **ain't** crazy”. She **love** [loves] those children.” (p. 234).

Massaro

– Ela não é louca. Sethe adorava aquelas crianças. (p. 274).

Siqueira

“Ela não é maluca. Ela ama aqueles filhos” (p. 311).

Ambos os tradutores recriaram suas traduções com construções sintáticas de norma padrão.

Não haveria como transformar o verbo *ser* do português em outra forma que não a forma *é*. Quanto ao verbo *love* e à ausência da marca da terceira pessoa no *Ebonics*, também não há como ressaltar no português.

Them* como pronome demonstrativo ou artigo.*Exemplo 23****Them**

“**Them** boys found out I told on em.” (p. 17).

Massaro

– Os garotos descobriram que eu os denunciei. (p. 27).

Siqueira

“Os rapazes descobriram que eu tinha contado deles”. (p. 35).

A forma *them*, pronome oblíquo, em início de frase é usado como uma forma de artigo, pelo *Ebonics*.

Como se pode observar, não há como traduzir essa forma para o português. Siqueira inova usando uma linguagem coloquial em toda a frase, ao contrário de Massaro, que usa a norma padrão.

Exemplo 24**Them**

“Not a one of **them** years, Saturdays, Sundays and nighttime extra never touched him” (p. 68)

Massaro

– Nenhum daqueles anos de sábados, domingos e horas extras à noite o afetaram (p. 85).

Siqueira

“Não o ano que passou trabalhando sábado, domingo e hora extra de noite, isso nunca mexeu com ele” (p. 102).

Neste exemplo, a forma *them* é usada por Massaro como pronome demonstrativo em uma linguagem formal.

Siqueira, por sua vez, omite o pronome, mas transforma a oração em linguagem coloquial.

Flexão equivocada de verbos**Exemplo 25****brung / knowed / give**

“You know if she **brung**? You know if you see her. **Wear** a black ribbon on her neck”. She got rosy then and I **knowed** she **knowed**. He **give** Vashti that to wear. A cameo with a black ribbon (p. 233).

Massaro

– Sabe se veio trazê-los? É fácil reconhecê-la. Usa uma fita preta no pescoço. A moça ficou corada então percebi que ela sabia. O patrãozinho dera a Vashti uma camafeu com uma fita preta (p. 272-73).

Siqueira

“Sabe se ela trouxe? Vai saber quem é se a senhora encontrar. Tem uma fita preta no pescoço.” Ela ficou vermelha então eu entendi que ela sabia. Ele tinha dado aquilo para Vashti usar. Um camafeu com uma fita preta (p. 310).

Os verbos no *Ebonics* não apresentam flexão em sua estrutura ou fazem flexão irregular ao inglês padrão.

A tradução dos verbos do inglês para o português vai respeitar o tempo empregado,

dependendo da “consecutio” da língua.

A diferença entre os dois tradutores reside no nível de linguagem empregada, ou seja, mais ou menos formal.

Exemplo 26

he done

“There’s laws about what **he** [had] **done**: letting niggers hire out their own time to buy themselves” (p. 226).

Massaro

– Há leis contra o que **ele fez**: deixar os negros trabalharem fora para se comprar (p. 265).

Siqueira

“Existem leis contra o que **ele fez**: deixar negros alugarem o próprio tempo para comprar a si mesmos” (p. 302).

Para um exemplo como o acima, o *Ebonics* não utiliza verbo auxiliar **have**. Como já foi referido, os tradutores, na questão do emprego dos verbos, optaram apenas por usar uma forma de passado: ele fez.

Exemplo 27

I been

“I [had] **been** low but that was as low as [the lowest] I ever got” (p. 233).

Massaro

– Já estive deprimido várias vezes, mas nunca como naquele dia (p. 273).

Siqueira

“Já tinha afundado na vida, mas nunca fiquei tão fundo como eu estava”. (p. 310).

Neste exemplo, também é omitido o verbo auxiliar **have** e há o emprego de uma forma de comparativo em lugar do superlativo.

Os tradutores optam por estruturas de língua portuguesa, apenas com diferenças de nível.

Várias formas de flexão verbal do *Ebonics* podem ser observadas nos exemplos 28, 29, 30 e 31. Note-se que as traduções variam apenas no que se refere ao nível de linguagem, pois não há como marcar essas diferenças na língua portuguesa.

Exemplo 28**He punish**

“Not like **He punish** me” (p. 179).

Massaro

– Não como ele me puniu (p. 209).

Siqueira

Não como ele faltou comigo (p. 241).

Exemplo 29**don't**

“Must be a wisdom”, said Denver. **Don't** it hurt?” (p. 133).

Massaro

– Deve ser um dente do siso – disse Denver. – Está doendo? (p. 158).

Siqueira

“Deve ser do siso”, disse Denver. “Não dói”?” (p. 185).

Exemplo 30**She gather**

“She is a friend of my mind. **She gather** me, man.” (p. 272).

Massaro

– Ela é uma amiga de minha mente. Ela me junta, cara. (p. 318).

Siqueira

“Ela é amiga de minha cabeça. Ela me junta, meu irmão.” (p. 360).

Exemplo 31**Seen**

“I'm too old and **seen** too much” (p. 169).

Massaro

– “Estou velho demais para raciocinar direito” (197).

Siqueira

Estou velho demais e vi já coisas demais (p, 227).

Ausência de plural ou plural equivocado

Exemplo 32**Many's**

“**Many's** the time I wanted to get over to where she was.” (p. 159).

Massaro

– Mas em várias ocasiões senti vontade de procurá-la. (p. 186).

Siqueira

“Muitas vezes quis ir até lá onde ela morava” (p. 217).

Embora o *Ebonics* utilize a marca de plural junto ao pronome indefinido e não junto ao nome, o português, por sua vez, vai flexionar ambos, como se lê nas traduções. Novamente só há diferença de uso da linguagem.

Observe também o exemplo 33.

Exemplo 33**Ten year, pl.**

“Ten **year**, I believe” (p. 146).

Massaro

– Acho que uns dez anos (p. 173).

Siqueira

“Dez anos, eu acho” (p. 200).

Troca pronominal *me* por *I***Exemplo 34****me**

“Then **me** and your brothers come up from the second patch” (p. 191).

Massaro

– Um dia eu e seus irmãos fomos à segunda horta (p. 224).

Siqueira

Aí, eu e seus irmãos fomos para a segunda plantação” (p. 257).

Os tradutores divergiram quanto às escolhas tradutórias.

Como pode ser observado, o tradutor 1 opta pela oralidade e corrige o dialeto colocando o pronome pessoal do caso reto eu.

O tradutor 2 reescreve o trecho também com marca da oralidade e substitui o pronome.

Uma observação se faz necessária. Discordamos da tradução de *come up from* presente em ambas as traduções. Parece-me que a ideia de retorno devido a *from*/origem deveria estar presente no texto traduzido, e não ao contrário, o movimento de ida. Ambas as traduções usaram a expressão *fomos para*. A preposição *from* carrega o significado de origem e não de direção a seguir.

Uso de *done* como ênfase

Exemplo 35

done forgot

“I bet the Lord **done forgot** about who I am by now” (p. 146).

Massaro

– Aposto que o Senhor se esqueceu da minha cara (p. 174).

Siqueira

“Aposto que o Senhor já esqueceu quem sou eu agora” (p. 201).

A expressão *done forgot* remete à ideia de completamente esquecido.

Como esse tipo de construção não aparece na língua inglesa padrão, os tradutores ignoram a expressão. A ênfase dialetal não foi inserida por não estar empregada na forma usual de advérbios.

Negroisms: to dis'remember/to disbelieve

A seguir serão apresentados vários exemplos de expressões enfáticas do *Ebonics*, por se tratar de palavras de ênfase, como poderá ser observado, não aparecerão nas traduções.

Exemplo 36**disbelievable**

“The very nigger with his head hanging and a little jelly-jar smile on his face, could all of a sudden roar like a bull or some such and commence to do **disbelievable** things. Grab the rifle at its mouth; throw himself at the one holding it – anything” (p. 148).

Massaro

– O mesmo negro comum a cabeça inclinada e sorriso infantil de quem fora surpreendido numa arte podia de repente rugir como um animal selvagem e começar a fazer coisas inacreditáveis: agarrar o rifle pela boca, atirar-se sobre quem o estava segurando, qualquer coisa (p. 175).

Siqueira

“O próprio negro de cabeça baixa e sorriso de pote de geléia na cara poderia de repente dar um rugido, feito um touro ou algo assim, e começar a fazer coisas inacreditáveis. Agarrar o rifle pelo cano; se jogar em cima de quem segura o rifle – qualquer coisa” (p. 204).

Exemplo 37**plumb lost**

“Stamp done lost his mind, she would giggle. **Plumb lost** it.” (161).

Massaro

– Stamp perdeu o juízo, seria a resposta. Ficou caduco (p. 188).

Siqueira

“E Selo perdeu o juízo, ela riu. Perdeu de vez” (p. 219).

Exemplo 38**doggone**

“The sister-in-law is too weak to help out and **doggone** if now there ain’t a full-scale stampede on his hands” (p. 226).

Massaro

– Por causa da doença a cunhada não pode ajudá-lo, e ele está diante de uma fuga em massa (p. 266).

Siqueira

“A cunhada está fraca demais para ajudar e Deus o perdoe se não está agora com um estouro de manada completo na mão” (p. 302).

Embora as traduções tenham apresentado suas preferências linguísticas, a segunda refere-se à tradução de uso coloquial que significa estar com um grande problema nas mãos para resolver ou um rojão prestes a explodir. *Doggone* parece ser o eufemismo da expressão *God damn it*, em forma de anagrama à semelhança do que ocorre com a expressão “*God damn it*”, que em sua forma eufemística se transforma em: *Dad gamn it*, significando Deus amaldiçoe. O uso desta conotação de *doggone* é sempre negativa e condenatória. Seu uso pelo personagem implica o reflexo de sua baixa extração social.

Prefixação antes de pronomes e formas verbais

Exemplo 39

a you all

“Mr. Garner sent one **a you all** to get her for each and every one of my babies”. (p. 159).

Massaro

– A senhora Garner sempre mandava um de vocês buscá-la na hora de eu ter meus bebês (p. 186).

Siqueira

“Mr. Garner mandava buscar ela para cada um e para todos os meus bebês”. (p. 217).

O *Ebonics*, em sua estrutura, costuma introduzir a partícula **a** antes de pronome e de formas verbais. Como pode ser constatado nos exemplos 39 e 40, não há correspondente em língua inglesa e também não tem como ser traduzido em língua portuguesa.

Exemplo 40

I’m a take

“This is hard for me” said Stamp. But I got to do it. Two things I got to say to you. I’m a take the easy one first” (p. 230).

Massaro

– É duro para mim” – falou Stamp –. Mas tenho de fazer isso. Preciso lhe dizer duas coisas. Vou começar com a mais fácil (p. 269).

Siqueira

“Isto é difícil para mim”, disse Selo. Mas tenho de enfrentar. Duas coisas eu tenho de te dizer. Vou falar a mais fácil primeiro” (p. 306).

Uso da preposição protética *of*

Exemplo 41

of [have]

“He could **of** [have] said no” (p. 196).

Massaro

– O senhor Garner poderia ter recusado (p. 229).

Siqueira

“Ele podia ter falado não” (p. 262).

Os tradutores diferem de suas escolhas para a reconstrução do texto em língua portuguesa do Brasil. O tradutor 1, como pode ser observado, usa a norma padrão para a tradução do trecho, nomeia o personagem *O senhor Garner* e ignora a preposição.

Já o tradutor 2 utiliza a oralidade e o tempo imperfeito do indicativo, com forma composta com o verbo *ter*. Aproxima-se do texto-falante em sua tradução e também ignora a preposição.

Após o levantamento e confronto das duas traduções, chega-se a esta etapa com muitas evidências da existência da elaborada sintaxe do dialeto e da complexidade que envolveu o processo tradutório. O dialeto *African American Vernacular English* (AAVE), ou *Ebonics*, é, de fato, outra língua, preservada pela segregação, com estruturas próprias, muitas vezes completamente alheias à norma padrão da língua inglesa. Há indícios de que o dialeto seja proveniente do inglês da época elisabetana, com contribuições de Shakespeare para o desenvolvimento linguístico, em um inglês ainda em formação. Os arcaísmos apresentados por J. A. Harrison, em *Black English Perspectives* (1975, p. 142-195) corroboram o que se afirmou acima.

É inegável que existe, nas traduções analisadas, o espaço para a escolha do tradutor, evidenciando que a análise comparativa do *Black English*, nas duas traduções, não foi feita para emitir julgamento, mas, principalmente, para servir de ponto de partida para um leitor de literatura inglesa ou norte-americana, uma vez que as diferentes opções, por vezes com estruturas linguísticas diferentes, mantêm o sentido do original. Muitas vezes, a escolha será coincidente, outras não. O que importa é perceber que existe a opção pela interpretação dentro de determinado espectro, e que a forma escolhida deverá estar inserida nas variações que a língua comporta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisadores e estudiosos da literatura comparada são unânimes em afirmar que os estudos da tradução são fundamentais para a compreensão do processo de trocas que se estabelece entre a literatura traduzida e a literatura nacional. Haroldo de Campos foi um dos autores que se dedicaram a estudar a repercussão de textos estrangeiros no Brasil. Antonio Candido coloca em evidência a importância de pesquisas relacionadas à recepção literária de textos estrangeiros no Brasil no prefácio à tese de Onédia Célia de Carvalho Barbosa, intitulada *Byron no Brasil. Traduções* (1969). Candido voltou a abordar a importância das traduções na literatura de chegada em *A Educação pela noite e outros ensaios*⁴⁵, “colocando em evidência como os tradutores do poeta inglês Baldelaine acentuaram certos aspectos de sua obra em detrimento de outros, em escolha dirigida pela tendência da época ou as carências que eles reconheciam na literatura brasileira”⁴⁶.

A partir do que foi referido, entendemos que nosso estudo, além de versar sobre Literatura Comparada, participa ativamente do debate sobre os Estudos de Tradução por termos elegido como corpus o texto de *Beloved*, de Toni Morrison e duas traduções para a língua portuguesa dessa obra, com o título de *Amada*, a saber, as traduções de Evelyn Kay Massaro, de 1994, e de José Rubens Siqueira, de 2007.

Nosso objetivo foi, em primeiro lugar, traçar caminhos que interligam a Literatura Comparada e os Estudos da Tradução. Em seguida, levantar o percurso histórico sobre história e teorias da tradução, discutir a linha tradicional de tradução “Traduzir é transportar sentidos” e “Tradução como recriação”, embasada em Haroldo de Campos, Venuti e Lefevere. Discutimos a presença de Toni Morrison na Literatura norte-americana. Além disso, confrontamos as duas traduções em língua portuguesa, a fim de investigar se houve

⁴⁵ CANDIDO, Antonio. *A Educação pela noite e outros ensaios*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989.

⁴⁶ CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003. p. 247.

preocupação com a tradução cultural por parte dos tradutores e, se ocorreu, de que forma o texto se apresenta para o leitor. Pretendeu-se, também, investigar que tipo de tradução foi eleita pelos dois tradutores, como a questão ideológica foi resolvida e, principalmente, verificar como os tradutores trataram o texto com relação ao dialeto *African-American Vernacular English/Ebonics/Black English*.

A escolha do romance *Beloved* para análise centrou-se na crença de que seria um corpus apropriado para discutir a tradução de dialetos literários. De acordo com Sariam (2002) a questão do dialeto ainda não está devidamente valorizada entre os tradutores e pesquisadores brasileiros da tradução.

Morrison inclui o dialeto em sua poética como resistência manifesta à norma padrão praticada pelo branco, cujo acrônimo é WASP: White, anglo saxon and protestant.

A variedade formal, chamada norma culta da língua, não abarca a variação à qual a língua falada recorre frequentemente. Essa língua informal é carregada de características regionais e socioculturais como, por exemplo, a linguagem étnica. Há autores que acreditam que a tradução de dialetos deva, deliberadamente, suspender as normas linguísticas a fim de que cada fala possa ser o reflexo do dialeto. Milton Azevedo ensina que a oralidade deva ser representada pela verossimilhança (AZEVEDO 2003, p. 135)

Nessa reflexão, cabe lembrar o conto de Mario de Andrade denominado *Foi Sonho*, que representa a fala de afrodescendentes com estereótipos fonéticos como “será que você qué abandoná seu negro pru causa de outra”. De acordo com o pesamento de Nilce Martins, a literatura brasileira começou a acolher a gíria no século XX.

Gillian Lane-Mercier, em *Translating the Untranslatable: the Translator’s Aesthetics and Political Responsibility* (1997), informa que o tradutor é responsável por suas opções estéticas, políticas e ideológicas.

Lawrence Venuti, em *Os Escândalos da Tradução*, lança a ideia de que a tradução deve apresentar uma heterogeneidade discursiva. Os resíduos de uma língua seriam a forma das línguas subjugadas pela norma padrão como, por exemplo, variedades pouco prestigiadas. O teórico defende que a boa tradução deveria privilegiar o heterogêneo, abrindo a norma padrão e os cânones literários a subpadrões e ao marginal. Prega que o leitor precisa entender que está lendo um livro traduzido e que o tradutor na tradução de dialetos deva solapar o etnocentrismo do público alvo (VENUTI, 2002, p. 24-28).

Na mesma linha, Antoine Berman condena a tradução etnocêntrica, chamando-a de “má tradução”. Defende a tradução que destaque o que há de incomum no texto de partida, trazendo frustrações ao leitor preso aos seus estereótipos culturais, portanto a tradução deve

ser criativa. Proclama o uso da ética da diferença.

Tanto Berman quanto Venuti comungam da mesma apreciação: a tradução tem de ser criativa, com visibilidade do tradutor. Fazendo parte do grupo, Haroldo de Campos propõe que a tradução recomponha a estrangeiridade do original, rompendo os cânones locais, tendo a ideia de intervenção e transgressão.

Após a análise das traduções, verificou-se a inexistência de regionalismos ou de fala inculta praticada em língua portuguesa do Brasil.

Sabe-se que a tradução de dialetos, no país, é assunto complexo e carece de tradição. A tentativa de desestabilizar a norma padrão com traduções transgressoras, tendo em vista o texto original, parece não ser aceita pela teórica Rosemay Arrojo, que defende a ideia de que o “original” não existe:

(...) nenhuma tradução pode ser como uma forma de resistência manifesta à norma padrão, praticada para ser exatamente fiel ao “original” porque o “original” não existe como um objeto estável, guardião implacável das intenções originais de seu autor. Se apenas podemos contar com interpretações de um determinado texto, leituras produzidas pela ideologia pela localização temporal, geográfica e política de um leitor, por sua psicologia, por suas circunstâncias, toda tradução somente poderá ser fiel a essa produção. De maneira semelhante, ao do “original” traduzido ao original, estaremos tão-somente comparando a tradução à nossa interpretação do “original” que, por sua vez, jamais poderá ser a “mesma” do tradutor (ARROJO, 1993 *apud* REBELLO, 2001).

Traduzir é uma tarefa complexa, já que as barreiras existentes entre as línguas são mais difíceis do que se imagina. Um desafio é transferir de uma língua para outra com a força expressiva de um determinado texto. Há que se considerar que, na tradução, há perdas inevitáveis, dependendo da capacidade do tradutor e da natureza do texto original. No entanto, com relação aos textos técnicos as perdas são mínimas. Quanto às traduções de textos literários, muitos teóricos acreditam que as perdas seriam muito maiores devido a fatores culturais, linguísticos, ideológicos entre outros.

De acordo com REBELLO (2002), um dos enganos a que os tradutores podem incorrer na busca do equivalente para uma determinada palavra é optarem por um equivalente impróprio. Muitas vezes, a mesma palavra em línguas diferentes pode não apresentar a correspondência proposta. Os idiomas operam no interior de culturas, estas diferem entre si de muitas formas. Não há correlação de igualdade ou equivalência lexical em seus vocabulários.

É mister que se diga, quanto à visibilidade do tradutor, presente na seção 1.8, quando se apresentou a posição teórica de Lawrence Venuti (1996) sobre o ato de traduzir, que a fidelidade ao texto de partida é defendida de forma que o leitor possa tomar conhecimento do aspecto formal da língua estrangeira, conservando e explorando as diferenças entre os idiomas.

Venuti defende uma tradução “estrangeirizadora”, com a manutenção dos elementos “estranhos” do original. Esta técnica também é conhecida como *decalque*. Transpõe-se palavras, expressões ou formas sintáticas da língua do texto de partida que causam estranhamento para a língua de chegada. Mas Venuti também fala na “invisibilidade” do tradutor, refletida nas formas de recepção da tradução. Na tradução “domesticante”, o texto é traduzido como se este não fosse estrangeiro, sendo apreciado por críticos, leitores e editores.

O teórico Erwin Theodor reconhece que traduzir pode significar interpretar. Em seu livro *Tradução: Ofício e Arte*, demonstra a importância da interpretação correta do texto original pelo tradutor para que este possa ser compreendido pelos leitores. Nesse sentido, a missão do tradutor é tornar compreensível aquilo que antes era ininteligível e, por isso, deve ser encarado como um intérprete por excelência (THEODOR, 1983, p. 14).

Arrojo ponderando sobre a questão do tradutor/autor, reflete que uma das implicações da aceitação da presença do tradutor como um outro “autor” no texto traduzido é a possibilidade de que o tradutor abandone sua neutralidade, fidelidade e inocência, abrindo espaços para dar início a uma nova tradição situada para além dos limites da invisibilidade, características de seu trabalho. Afirma ela:

Quanto mais visível se tornar a presença do tradutor no texto traduzido, quanto maior sua visão acerca do processo do qual é agente e promotor, menores serão as chances de que seja ignorado, marginalizado e indignamente remunerado. Afinal, quem se percebe visível pode reconhecer-se no que faz e reivindicar o reconhecimento daqueles que utilizam e avaliam seu trabalho, maiores serão as probabilidades de que assuma suas responsabilidades autorais (ARROJO, 1993, p. 85).

Após o levantamento e o estudo das duas traduções, chega-se à conclusão da existência da elaborada sintaxe do dialeto e das complexidades envolvidas no processo tradutório. Os estudos contemporâneos devotados ao *Black English*, nos Estados Unidos, são raros. No passado, os estudos de Turner’s Gullah, nos anos 40, foram pioneiros.

A dialetologia norte-americana diverge no entendimento relacionado ao uso da variação linguística e sua respectiva correlação com o regional. Neste entendimento estão os estudos de Kurath em *The pronunciation of English in the atlantic states* (1928, 1936, 1965). Outros teóricos que trabalharam nas relações entre o *Black English* e outros dialetos têm assinalado uma importância menor aos fatores regionais. Em termos da teoria geral de variação dialetal, há o trabalho importante de Gumperz (1958) e Labov (1965). Para o primeiro, há de se estabelecer prioridade ao estudo do dialeto e da estratificação social; outra importante contribuição merece reconhecimento o trabalho de sua predecessora Glenna Ruth Pickford. Em seu artigo crítico, considera o atlas linguístico deficiente em significação,

validade e confiabilidade. Ela aponta que a suposição de que a variação no inglês americano seja principalmente regional, baseada em trabalhos de populações europeias antigas, não leva em consideração o que os sociólogos descobriram sobre os padrões de comportamento americano, ela critica, ainda, o fracasso do atlas e se aproveita de grandes avanços em sua teoria.

Em nossa análise, as traduções desenvolvidas por dois brasileiros e o texto em língua inglesa, com destaque para o dialeto *Black English*, foi possível destacar que, se houve perdas, houve também ganhos, colocando os tradutores como protagonistas de sua visibilidade.

No que se refere às traduções em análise, verificou-se que a primeira tradutora não apresentou prefácio. Massaro optou pela mescla de escolhas tradutórias. Na maioria dos exemplos, usou a norma padrão e incluiu a oralidade em algumas partes de sua tradução. Importante ressaltar que a tradução de Massaro é do ano de 1994 e feita para o Círculo do Livro, que exigia traduções “domesticantes”, ou seja, o texto é traduzido como se este não fosse estrangeiro para adequação ao público leitor.

O tradutor Siqueira, por sua vez, inicia o seu trabalho com um detalhado prefácio sobre Margaret Garner, relacionando sua história com questões contemporâneas sobre a liberdade, a responsabilidade e o “lugar” da mulher. Este se baseia em relato escrito por Morrison sobre sua própria vida, em 1983, quando deixou a editora Random House para se dedicar a escrita de romances. *Beloved* nasceu de um recorte de jornal do livro *The Black Book* (1973), organizado por Toni Morrison. A autora adicionou sangue à história e convida os leitores a percorrer a paisagem repelente (oculta, mas não deliberadamente enterrada, não esquecida). Para Morrison, houve a necessidade de mostrar a escravatura como uma experiência pessoal, em que a língua não poderia atrapalhar, mas deveria fazer parte de seu texto, mesclando as duas realizações da língua.

A tradução de Siqueira foi realizada em 2007, treze anos após a primeira, já existindo teorias contemporâneas sobre o processo tradutório. Além disso, foi realizada para uma editora que, desde o início, teve como foco editorial a literatura e as ciências humanas. Assim, percebe-se que a sua tradução privilegia muito mais a oralidade da língua, uma vez que, como já ressaltado, muitas das construções do *Black English* não possuíam nenhum tipo de equivalência em língua portuguesa. Afora isso, o tradutor ainda usa recursos sintáticos para, como diz Erwin Theodor, tornar compreensível aquilo que antes era ininteligível, isto é, traduzir o intraduzível.

Estudar as traduções comparativamente, procurando compreender, inclusive, os

fenômenos linguísticos do *Black English*, é penetrar num espaço individual e, ao mesmo tempo, coletivo, que acaba gerando inúmeras indagações. Identificar aspectos culturais e linguísticos que influenciam na tradução do dialeto pode parecer, em princípio, apenas mais uma das tantas tarefas que nós, apaixonados pela literatura de língua inglesa devemos enfrentar ao longo de nossa atividade docente.

A realização deste trabalho acabou por resgatar um aspecto importante em estudos de literatura comparada e de estudos de tradução: a revelação de uma identidade. Identidade relacionada à forma como a romancista se expressa, que explica e justifica por que ela expressa da forma como se expressa, e por que nós, leitores, interagimos com seu texto da forma como interagimos. Identidade que define e mostra para o mundo quem ela é, de onde vem e para que tipo de interpretação o seu romance nos leva. Identidade que é dela, porque a diferencia dos demais romancistas; e identidade que é nossa, porque interagirmos com o seu texto.

Estudar aspectos de identidade na interação escritor-leitor em um idioma-fonte para textos traduzidos é, antes de tudo, desvendar as crenças, as atitudes e a postura desse escritor frente à sua língua. Espera-se com esta contribuição provocar o debate sobre a tradução dos dialetos ainda carente de estudos. A opção de continuar desenvolvendo pesquisa nesta área parece-nos, agora, o caminho natural para pesquisas em literatura comparada e estudos de tradução. Um trabalho que associe estudo de dialetos e estudos culturais será de grande contribuição para pesquisadores e estudiosos da tradução.

Estudar as traduções comparativamente, procurando compreender os fenômenos linguísticos, leva-nos a buscar compreender os aspectos sociais e culturais que elas revelam.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary (Org.). *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992.

_____. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. *Oficina da Tradução. A teoria na Prática*. São Paulo: Palas Athena, 2000.

ANDRADE, Mario. Foi Sonho. In: Os melhores contos. Mario de Andrade. Lopez, Telê Ancona. São Paulo: Global Editora, 1997.

AZEVEDO, Milton. *Vozes em branco e preto*. São Paulo: Edusp, 2003

BASSNETT, Susan. *Comparative Literature: A critical introduction*. Oxford: Blackwell, 1993.

_____. *Estudos da Tradução*. Trad. De Sonia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcelos Abreu e Paula Azambuja Rossato Astolfi. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

_____. *Translation Studies*. Revised edition. London & New York: Routledge, 1998.

_____. *Translation Studies, new accents*. London and New York: Routledge: 2002.

_____. *The New Critical Idiom*. London & New York: Routledge, 2013.

_____. *Constructing Cultures. Essays on Literary Translation*. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

_____. TRIVEDI, Harish (Eds.). *Post Colonial Translation*. London and New York: Routledge, 2002,

_____. LEFEVERE, André. *Translation, History and Culture*. Great Britain: Pinter Publishers, 1995.

BENJAMIN, Walter. The Task of a translator. In: BIGUENET, John; SHULTE, Ranier. *The Craft of Translation*. Chicago: University of Chicago Press, 1989, p.71.

_____. BERMAN, Antoine. La traduction et la lettre ou l'aubergue du lointain. In: *Les Tours de Babel*. Layvezin: Trans-Europe-Repress, 1985. p. 39.

BENSTON, Kimberley. I yam what I am: the topos of (un) naming in Afro-American Literature. In: GATES JR., Henry Louis (Ed). *Black Literature and Literary Theory*. New York and London: Methen, 1984. p. 151-175.

BERMAN, Antoine. La traduction et la lettre, ou L'auberge du lointain. In: *Les tours de Babel: Essais sur la traduction*. Mauvezin: Trans-Europe-Repress, 1985. p.35-150.

_____. Translation and the Trials of the Foreign (1985). In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000. p. 284-296.

_____. La traduction et la lettre, ou L'auberge du lointain. Paris: Seuil, 1999. In: *Les tours de Babel: Essais sur la traduction*. Mauvezin: Trans-Europe-Repress, 1999. p 35-150.

_____. *A Prova do estrangeiro: cultura e tradição na Alemanha romântica* _ Herder, Schlegel, Novalis Humboldt, Scheiermacher, Holderlin, trad. Maria Emília Pereira Chant. Baururu: EDUSC, 2002..

BIGUENET, John; SHULTE, Ranier. *The Craft of Translation*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

BLOOM. Harold. *Modern Critical Interpretations: Toni Morrison's The Bluest Eye*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 1999.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como crítica e criação. In: _____. *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 31-42.

_____. *Qohélet = O-que-sabe: Eclesiastes: poema sapiencial*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. Transluciferação mefistofáutica. In: *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói, n.1, p.9-21, 1991.

_____. *Literatura Comparada no mundo: questões e métodos* __Literatura comparada em el mundo: cuestionones y métodos. Porto alegre: L &PM/VITAE/AILC, 1997.

_____. REBELLO, L.; FERREIRA E. (Eds). *Transcrições*. Porto Alegre: Evangraf, 2004.

CATFORD, J. C. *A Linguistic theory of translation*. London: Oxford University Press, 1965.

CICERO. Right and Wrong. In: GRANT, M. (Ed.). *Latin Literature*. Harmondsworth; Penguin Books, 1978. p. 42-43.

DAMROSCH, David. World Literature in a Postcanonical, Hypercanonical Age. In: SAUSSY, Haun (Ed.). *Comparative literature in an Age of Globalization*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006. p. 43-53.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. São Paulo: Ática, 1998.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução de Junia Barreto. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, Paulo. *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. p. 19.

_____. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

_____. *Posições*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DILLARD, Joey Lee. *Black English: Its history and usage in the United States*. New York: Random House, 1972.

D'STAËLL-Holstein. Anne Louise de. Of the General Spirit of Modern Literature (1800). In: DAMROSCH, MELAS BUTHLEZI. *Princeton Sourcebook in Comparative Literature*. Princeton: Princeton University Press, 2009.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polisystem theory. *Poetics Today*, v. 1, n. 2, p. 237-310, 1979,1990.

FRANKLIN John & MOSS Alfred. *Slavery to Freedom: A History of Negro Americans*. New York: Knopf, 1988.

FRIEDRICH, H. On the Art of Translation. In: BIGUENET, John; SCHULTE, Rainer. *Theories of Translation: an Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. p. 11-16.

GENTZLER, Edwin. *Teorias Contemporâneas da Tradução*. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2009.

_____. *Contemporary Translation Studies*. 2nd. revised edition. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

_____. *Contemporary Translation Theories*. New York: Routledge, 1993.

GNISCI, Armando. *Introducción a La Literatura Comparada*. Barcelona: Editorial Crítica, 2002.

GUILLÉN, Claudio. *Múltiples Moradas: Ensayo de Literatura Comparada*. Barcelona: Tusquets Editores S. A., 2007.

GUMPERZ, John. *Dialect Differences and Social Stratification in a North Indian village*. Berkeley: University of California, 1958.

HANNA, Katia. *Tradução do dialeto literário de Burma Jones*, da obra *A Confederacy of dunces*, de John Kennedy Toole. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em estudos “Linguísticos e Literários em Inglês”(2006)..

HARRISON, James. Negro English. In: DILLARD, James (Ed.). *Perspectives on Black English*. Hague: Mouton & C., 1975.p. 141-195.

HOLMES, James. The name and Nature of Translations Studies. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000. p. 172-185.

HOLMES, J.; LEFEVERE, A. *Literature and Translation*. Leuven: Acco, 1978.

HORÁCIO. *Arte poética*. Intr., trad., com. de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, 984.

HOUSE, Luciene. *A Model for Translation Assessment*. Tübingen: Verlag Narr, 1977.

JACOBSEN, Eric. *Translation, a Traditional Craft*. Copenhagen: Nordisk Forlag, 1958.

JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. In: SCHULTE, Ranier; BIGUENET, John (Eds.). *Theories of Translation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. p. 138-143.

_____. *On Translation*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1959.

KURATH, H. and R.I. McDavid Jr. *The pronunciation of English in Atlantic states* (Ann Arbor: Univ. of Michigan Press). 1961

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Mara Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____.LABOV, William. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. In *Language in the Inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972 (p. 65-129).

LANE-MERCIER. *Translating the Untranslatable: The Translator's Aesthetic, Ideological and Political responsibility*. Target. Amsterdam, v.9n., 1997.

LEFEVERE, André. *Translating Literature: The German Tradition*. From Luther to Rosenzweig. Assen and Amsterdam: Van Gorkun, 1977.

_____. Translation Studies: The Goal of a Discipline. In: HOLMES, J. S.; LAMBERT, J.; BROEK, R. Van de (Eds.). *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies with a Basic Bibliography of Books on Translation Studies*. Acco. Leuven, 1978, p. 234-254.

_____. *Translation, History, Culture: A Sourcebook*. London: J. Press Ltd. 1992a.

_____. *Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama*. Trad. Cláudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.

_____. *Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context*.

New York: MLA, 1992b.

LEVÝ, Jerý. *Dieliterarische ubersetzung: Theories einer Kunstgattung*. Walter Schamschula (trad.). Frankfurt-on-Main: Athenaum, 1969.

LEWIS, Phillip. The Measure of Translation Effects. In: GRAHAM, J. (Ed.). *Difference in Translation*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1996.

_____. *O poder da tradução*. Tradução de John Milton. São Paulo: Ars Poética, 1993.

_____. *Tradução: Teoria e Prática*. Tradução de John Milton. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARTINS, Nilce. *Introdução à Linguística*. São Paulo: Queiroz Martins, 2000. p.80.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no Português do Brasil*. 4. Ed. Rio de Janeiro: MEC/ Civilização Brasileira, 1973.

MILTON, John. *O clube do livro e a tradução*. Bauru: Edusc, 2002.

_____. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poética, 1993. (reeditado como tradução: Teoria e Prática. São Paulo: Martins Fontes, 1998).

MORRISON, Toni. *Beloved*. New York: Plume, 1987.

_____. *Amada*. Tradução de Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

_____. *Amada*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *The Bluest Eye*. New York: Plume, 1994.

_____. *Love*. New York: Random House, 2003a.

_____. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

_____. *Paradise*. New York: Oprah's Book Club, 1998.

_____. *Sula*. New York: Plume, 1972.

_____. *Tar Baby*. New York: Plume: 1981.

_____. *Jazz*. New York: Plume, 1992a.

_____. *Playing in the dark: Whiteness and the literary imagination*. New York: Vintage Books, 1992b.

_____. *Song of Salomon*. New York: Plume, 1992c.

MOUNIN, G. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris: Gallimard, 1963.

- MOYA, Virgilio. *La Selva de la Traducción: Teorías Traductológicas*. Madrid: Contemporâneas; Ediciones Cátedra, 2004.
- MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies*. London: Routledge, 2006.
- NIDA, Eugene. *Towards a Science of Translation*. Leiden: E. J. Brill, 1964.
- _____. *A Bible Translating: An analysis of Principles and Procedures with Special References to Aboriginal Languages*. New York: American Bible Society, 1947.
- _____. TABER, C. *The Theory and Practice of Translation*. Leiden: E. J. Brill, 1969.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. São Paulo: Edusp, 2000.
- NORD, Christiane. *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology and Didact Application of a Model for Translation-Oriented Texts Analysis*. Amsterdam: Rodopi, 1997.
- ORTEGA Y GASSET, José. Miséria y Esplendor de La Traducción. In: _____. *Obras Completas*. Madrid, 1937. p. 427-448.
- PERINI, M. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- PERLOFF, Marjorie. "Literature" in the Expanded Field. In: BERNHEIMER. *Comparative Literature in the age of Multiculturalism*. Baltimore/London: Johns Hopkins University, 1995. p. 175-186.
- PICKFORD, Glenna. American Linguistic Geography: A Sociological Appraisal in *Perspectives on Black English*. The Hague: Mouton & Co., 1975.
- POUND, Ezra. Guido's Relations. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000. p. 26-33.
- _____. *Polite Essays*. London: Faber and Faber, 1937.
- _____. *Guido's Relations: From "Cavalcanti", in Make it New*. London: Faber and Faber, 1934.
- _____. *Literary Essays*. Londres: Faber, 1954.
- PRATT, Mary. Comparative Literature and Global Citizenship. In: BERNHEIMER, C. *Comparative Literature in the age of Multiculturalism*. Baltimore/London: Johns Hopkins University, 1995.
- PRETI, Dino. Para um aproveitamento sociolinguístico do texto literário. Tradução e comunicação. São Paulo, n.3,p.7-22, 1983.
- _____. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Queiroz Editores, 1984..
- PYM, Anthony. *Exploring Translation Studies*. London ad New York: Routledge, 2010.

_____. *Translating Linguistic Variation. Parody and Creation and Authenticity*. 2000. Disponível em www.tinet.org/~apym/on-line_authenticity.html.

QUINE, W. V.O. *Word and object*. Cambridge, MA: MIT Press, 1960.

REBELLO, Lúcia. S. *A Aфонia dos Tradutores ou a Tradução para Estranhamento? Um Estudo comparado de duas Traduções em Língua Portuguesa de Ars poética, de Horácio*. 434f. Tese (Doutorado em Letras) – UFRGS, Porto Alegre, 2002.

REISS, Katharina. Type, kind and Individuality of Text. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000. p.160-171.

RICKFORD, John. *Spoken Soul*. New York, Chichester, Weinheim, Brisbane, Singapore, Toronto: John Wiley & Sons, Inc. 2000.

RODRIGUES, S. V. *Avaliação da Tradução, aplicação do modelo de Juliane House a textos traduzidos do inglês para o português*. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-RS, Porto Alegre, 1985.

SARIAN, Maristela Cury. *Tradução e sociolinguística: um estudo sobre the Color Purple e sua tradução*. . 2002.115f. dissertação. (Mestre em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências exatas. Universidade Paulista, São José do Rio Preto.

SAUSSY, Haun. *Comparative Literature in an age of Globalization*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2009.

SCHULTE, Ranier; BIGUENET, John. *Theories of Translations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

STEINER, George. *After Babel: Aspects of Language and Translation*. London: Oxford University Press, 1975.

_____. *After Babel: Aspects of Language and Translation*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

THEODOR, Erwin. *Tradução: Ofício e Arte*. São Paulo: Cultrix, 1983. TIEGHEM, P.V. *La Littérature Comparée*. Paris: Armand Colin, 1951.

TOURY, G. *Descriptive translation: Studies and beyond*. Tel Aviv: Tel Aviv University, 1995.

TURNER, Lorenzo. *Africanisms in the Gullah Dialect*. Father of Gullah Studies South Caroline. University of South Caroline Press, 2007.

URBANO, Hudmilson. *A oralidade na literatura (Caso de Ruben Fonseca)*. São Paulo: Cortez, 2000.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marleide Dias Esqueda e Valeria Biondo. Bauru: Edusc, 2002. p. 65-92.

_____. *Translator's invisibility: a history of translation*. New York: Routledge, 1995. p. 1-42.

VERMEER, Hans. Skopos on Commission in Translational Action. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000. p. 221-232.

VIEIRA, E. Liberating Calibans: Readings of Antropofagia and Haroldo de Campos' poetics of transcreation, In: BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. (Eds). *Post-Colonial Translation: Theory and Practice*. London and New York: Routledge, 1999. p. 95-113.

VINAY, J. P.; DARBELNET, J. *Stylistique comparé du français et de l'anglais: Methode de traduction*. Paris: Didier, 1958, translated and edited by J. C. Sager and M. J. John Benjamins Hamel as *Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for translation*, Amsterdam and Philadelphia, PA: John Benjamins, 1995.

WOOD, Peter. *Black Majority*, New York: Norton, 1974.